

PONTIFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Carol Godoi Hamparim

Cartas a psicanalistas persistentes

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLINICA

SÃO PAULO

2023

Carol Godoi Hamparlam

Cartas a psicanalistas persistentes

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLINICA

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em **Psicologia Clínica**, sob a orientação do Prof. Dr. **Renato Mezan**.

SÃO PAULO

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Hampariam, Carol Godoi
Cartas a psicanalistas persistentes / Carol Godoi
Hampariam. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
139p. ; cm.

Orientador: Renato Mezan.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Psicanalise. 2. Psicanalisante. 3.
Persistência. 4. Ser-psicanalista. I. Mezan,
Renato. II. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia: Psicologia Clínica. III. Título.

CDD

Carol Godoi Hamparlam

Cartas a psicanalistas persistentes

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em **Psicologia Clínica**, sob a orientação do Prof. Dr. **Renato Mezan**.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Mezan – PUC-SP

Profa. Dra. Glaucineia Gomes de Lima – São Camilo

Profa. Dra. Teresa Endo – PUC-SP

Prof. Dr. Leandro Alves Rodrigues Santos – Fórum Campo Lacaniano de SP

Profa. Dra. Isabel da Silva Kahn Maria – PUC-SP

Aos que persistem no desafio constante de salvar-se de si mesmos.
Aos que perseveram no diálogo consigo próprios e com o outro. Aos
que insistem num viver responsivo. A minha família, pai, mãe e irmã,
que me ensinaram a persistir, perseverar e insistir.

Agradeço À FUNDASP, pelo desconto parcial nas mensalidades concedido durante a realização da tese, sem o qual não seria possível realizar o Doutorado.

Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto.
(Manoel de Barros)

Persistir é resistir à tentação de desistir.
(Luks Valle)

RESUMO

HAMPARIAM, Carol Godoi. **Cartas a psicanalistas persistentes**. 2023. 139f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho visa investigar as motivações que mantêm um psicanalista atuando como tal, mesmo depois de conhecer as dificuldades e desafios desse ofício. Isso porque o psicanalisar não se apóia apenas na quantidade de livros que leu, na frequência da análise pessoal e dos congressos ou grupos de estudos dos quais o terapeuta participou, mas também no contínuo exercício de escutar as amarras do inconsciente, e no aprender com as armadilhas transferenciais. E por que se manter por anos atuando nesse ofício tão exigente e singular? Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, sob a forma de entrevistas semiestruturadas, com 10 analistas com uma década ou mais de prática clínica. Na análise dessas entrevistas, utilizou-se o método de análise temática, e os achados, juntamente com os elementos teóricos que serviram de apoio para a pesquisa, foram apresentados no formato de cartas endereçadas a psicanalistas. Observou-se que a paixão pela psicanálise é uma das motivações presentes na manutenção dessa atuação. Nessa paixão, há um encantamento pela diversidade de relatos que o analista escuta, uma idealização da psicanálise – como ocorre em todos os enamoramentos – e também uma possibilidade de se manter apaixonado pelo psicanalisar. Tal possibilidade, como também se verificou, está ligada a uma compreensão dos limites da própria psicanálise, aí incluída a vivência de uma certa solidão. Ou seja, há um enlace comum, sem deixar de ser cada vez singular, entre as dimensões do amor, da paixão e da solidão. Outro aspecto observado refere-se à capacidade do analista de longo percurso para tolerar a angústia de não-saber e, ao mesmo tempo, vivenciar o prazer de descobrir e compreender o que antes não sabia nem compreendia, o que possibilita reinventar uma forma inovadora de lidar com as impossibilidades da psicanálise. Portanto, entende-se que os psicanalistas de longo percurso persistem no enfrentamento das suas desidealizações, dos seus impasses, desenlaces e vulnerabilidades, podendo criar um diálogo próprio com a psicanálise. Dessa forma, eles vêm a ocupar a posição de *psicanalisante*, que apresenta uma (dis)posição em (re)inventar referenciais que sustentam sua persistência, sua perseverança e sua insistência no trabalho analítico sobre si mesmo(a) e sobre o outro.

Palavras-chave: ser-psicanalista. *psicanalisante*. persistência.

ABSTRACT

HAMPARIAM, Carol Godoi. **Letters to persistent psychoanalysts**. 2023. 139p. Essay (Doctoral Degree in Clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo.

The current essay aims at looking into the motivations which keep someone acting as a psychoanalyst, even after being aware of the difficulties and challenges of such profession. That is because the psychoanalysing does not rely on only the amount of books read, the frequency of self-analysis and the conferences or study groups which the therapist has taken part, but also on the continuous exercise of listening to the ties of the unconscious, and on learning from the transferential traps. And why would one keep oneself acting in such demanding and unique profession? For this purpose, a qualitative research was carried out, in the form of semi-structured interviews, with 10 psychoanalysts who have been working for approximately 10 years or so with clinical practice. In order to address these interviews, the thematic analysis was used and the outcome, along with the theoretical elements which were the basis for such research, were introduced as letters addressed to psychoanalysts. We observed that the passion for psychoanalysis is one of the motivations contained in the maintenance of such profession. In this passion, there is a delight by the diversity of narratives which the analyst listens, an idealization of psychoanalysis – as in any tender affections – and also a possibility for being in love with the psychoanalysing. Such possibility, as was also observed, is linked to an understanding of the boundaries of Psychoanalysis itself, which certain loneliness could be included. That is to say, there is a common bond, yet it remains unique every time, among the dimensions of love, passion and loneliness. Another aspect which was observed refers to the seasoned psychoanalysis's capability to tolerate the anxiety of not being aware and, at the same time, enjoying the pleasant feeling of finding out and understanding what, beforehand, has not known or understood, which enables the professional to reinvent an innovative way of dealing with the impossibilities of psychoanalysis. Thus, we understand that the seasoned psychoanalyst keep on facing their “not idealizations”, their obstacles, their outcomes and vulnerabilities, enabling the professional to create a self-dialogue with the psychoanalysis. Therefore, they hold the position of the *psychoanalyser active* who introduces a (dis)position in (re)invent references which base the professional's persistence, perseverance and emphasis in the self-analytical work and in the others.

Key words: be-psychoanalyst. *psychoanalyser active*. persistence.

RÉSUMÉ

HAMPARIAM, Carol Godoi. **Lettres aux psychanalystes persistants**. 2023. 139f. Thèse (Doctorat en Psychologie Clinique) – Université Catholique Pontificale de São Paulo, São Paulo.

Ce travail de recherche consiste à analyser les motivations qui poussent un psychanalyste à exercer sa profession, même s'il connaît les difficultés et les défis de ce métier. En effet, psychanalyser ne se base pas seulement sur le nombre de livres lus, sur la fréquence des analyses personnelles et des congrès ou groupes d'études auxquels le thérapeute a participé, mais aussi sur l'exercice continu d'écoute des chaînes de l'inconscient, et sur l'apprentissage des pièges transférentiels. Par ailleurs, pourquoi continuer à travailler pendant des années dans un métier aussi exigeant et singulier ? À cette fin, une recherche qualitative a été réalisée, sous forme d'entretiens semi-structurés, auprès de 10 analystes ayant une décennie ou plus de pratique clinique. La méthode de l'analyse thématique a été utilisée pour l'analyse de ces entretiens et les résultats, ainsi que les éléments théoriques qui ont servi de support à la recherche, ont été présentés sous la forme de lettres adressées à des psychanalystes. En effet, il a été observé que la passion pour la psychanalyse est une des motivations présentes dans le maintien de cette activité. Dans la passion, il y a un enchantement pour la diversité des récits que l'analyste entend, une idéalisation de la psychanalyse - comme cela arrive dans toute forme d'amour - et aussi une possibilité de rester amoureux pour la psychanalyse. Cette possibilité, comme on l'a également vérifié, est liée à la compréhension des limites de la psychanalyse, y compris l'expérience d'une certaine solitude. En d'autres termes, il existe un lien commun, sans cesser d'être à chaque fois singulier, entre les dimensions de l'amour, de la passion et de la solitude. Un autre aspect observé fait référence à la capacité de l'analyste de long parcours à tolérer l'angoisse de ne pas savoir et, en même temps, à éprouver le plaisir de découvrir et de comprendre ce qu'il ne savait ou ne comprenait pas auparavant. Cela permet de réinventer une manière innovante de gérer les impossibilités de la psychanalyse. De ce fait, il est évident que les psychanalystes de longue date persistent à faire face à leurs dé-idéalisations, leurs impasses, leurs ruptures et leurs vulnérabilités, pouvant ainsi créer leur propre dialogue avec la psychanalyse. Ainsi, ils en viennent à occuper la position de *psychanalysant*, ce qui présente une (dis)position dans la (ré)invention de référentiels qui soutiennent leur persistance, leur persévérance et leur insistance sur le travail analytique sur eux-mêmes et sur l'autre.

Mots clés: être-psychanalyste. *psychanalysant*. persistance.

SUMÁRIO

CARTA DE APRESENTAÇÃO	13
1 CARTAS DE VIR-A-SER	19
1.1 Carta sobre um modo de vir-a-ser um psicanalista.....	19
1.2 Carta sobre outro modo de vir-a-ser um psicanalista	25
1.3 Carta sobre mais um modo de vir-a-ser um psicanalista	30
2 CARTAS DA CLÍNICA.....	35
2.1 Carta do tornar-se um (e não mais) analista	35
2.2 Carta ao psicanalista em si	44
3 CARTAS DA FORMAÇÃO	56
3.1 Carta sobre o manter-se em uma ou mais relação com a teoria	56
3.2 Carta sobre o manter-se em formação	64
4 CARTAS DA DIFERENÇA	75
4.1 Carta da dificuldade que provoca o de-vir.....	75
4.2 Carta ao apaixonalista.....	81
4.3 Carta a respeito de um ofício mais possível	90
4.4 Carta sobre a persistente insistência do analista	99
5 CARTA DE CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENLAÇAMENTO.....	107
6 UMA CARTA DE UMA PSICANALISANTE	114
REFERÊNCIAS	121

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	127
APÊNDICE B – Tabela de informações sobre os participantes da pesquisa.....	129
APÊNDICE C – Carta de agradecimento ao orientador	130
APÊNDICE E – Carta de agradecimento a minha irmã	132
APÊNDICE F – Carta de agradecimento a D. C. S.....	133
APÊNDICE G – Carta de agradecimento aos membros da banca avaliadora.....	134
APÊNDICE H – Carta de agradecimento aos participantes da pesquisa.....	135
APÊNDICE I – Carta de agradecimento à analista M. J. S. F.....	136
APÊNDICE J – Carta de agradecimento aos alunos e às alunas.....	137
APÊNDICE K – Carta de agradecimento àqueles que confiaram na minha escuta.....	138
APÊNDICE L – Carta de agradecimento a C. S. S. N.	139

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Apesar da tenra idade, a psicanálise, ainda hoje, não é compreendida por muitos e tampouco é unânime a posição de pensadores ou pesquisadores sobre ela ser um método de investigação. Então, se a psicanálise ainda é incompreendida, imagine qual deve ser a definição e a opinião sobre o psicanalista.

Que sujeito é esse que se dedica a estudar, a compreender e a praticar a psicanálise? Um louco ou um doido, como é comumente considerado por parte da sociedade? Um lunático, como habitualmente citado por psicológicos de outras abordagens? Um machista ou tarado, tendo em vista a marca de uma história que se perpetua nos dias de hoje aos olhos de alguns leigos? Um sonhador, já que se dedica ao bem-estar de um ser humano que está contra si mesmo? Um intelectual, geralmente avaliado por parte da sociedade que considera a psicanálise difícil e que exige a leitura de uma imensidão de livros?

Talvez, algumas pessoas possam considerar uma mistura dessas possibilidades para definir esse sujeito, enquanto outros apenas ignoram a existência desse tal psicanalista. O fato é que, mesmo diante da incompreensão social ou da desconsideração do ofício chamado psicanalista, há ainda um grupo de pessoas que se debruça sobre a teoria e encara os ataques, deboches ou preconceitos sociais, e se mantêm atuando na função de analista.

Nesse sentido, creio ser, no mínimo, curioso pensar o porquê de um determinado sujeito caminhar na contramão do imperativo social quanto a uma normalidade profissional.

Frente a esse cenário, a presente tese objetiva compreender as motivações¹ que mantêm um psicanalista atuando nessa função. Ou seja, não se trata de um trabalho sobre as razões que influenciam ou influenciaram uma pessoa a escolher ou a se interessar pela psicanálise, assim como não há pretensão em esmiuçar o processo do tornar-se um psicanalista, por mais que será imprescindível caminhar sob a passagem do escolher para o tornar-se. Então, há a intenção de estudar as possíveis motivações que mantêm um analista atuando durante anos nesse ofício.

Isso porque um psicanalista percebe, ao longo da sua prática, que precisa constantemente se dedicar às incansáveis leituras, participar de inúmeros encontros, congressos ou colóquios realizados nos mais distintos lugares do país e do mundo, além de

¹ A palavra motivação pouco aparece nos textos, artigos, livros e nos discursos psicanalíticos, mas, por outro lado, foi elevada a um fenômeno imprescindível para as áreas organizacionais, escolares, esportivas e institucionais. Por isso, vale esclarecer que, neste texto, assim como nas entrevistas realizadas para a coleta de dados da pesquisa, o termo motivação é utilizado a partir do entendimento de que há uma força ou uma energia que nos motiva-à-ação.

compreender que na relação com o paciente, ele – o analista – pouco sabe sobre o outro, e que não possui respostas prontas, pensadas ou preparadas previamente.

Com outras palavras, o analista dedica anos da sua vida profissional para lidar com um lugar do não-saber, da incompletude, dos inúmeros questionamentos a respeito da eficácia da psicanálise, além dos investimentos financeiros e libidinais e das concessões na vida pública e privada, e faz tudo isso decorrente de quais motivações?

Afinal, se há satisfação em atuar como psicanalista, quais seriam essas fontes de prazer?

A escolha inicial pela psicanálise pode ocorrer por diversos motivos, mas, depois de conhecidos de fato os desafios da prática analítica, por que um sujeito se mantém nessa posição?

Tais perguntas embasaram o nascimento deste trabalho e nortearam a realização de uma pesquisa qualitativa, feita por meio de entrevista semiestruturada, com 10 psicanalistas atuantes na função há mais de uma década. A escolha pela pesquisa qualitativa se deu pela compreensão de que o tema a ser pesquisado não poderia ser abordado apenas por uma revisão bibliográfica e nem por dados estatísticos, que não traduziriam a vivência analítica e a experiência psicanalítica, tão necessárias para a investigação do objetivo proposto neste trabalho.

A coleta dos dados foi feita por meio de videochamada, cumprindo os protocolos de segurança impostos pela pandemia, tendo todos os participantes concordado com as condições da pesquisa, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Sendo assim, vale destacar que toda a sistematização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética – CAAE 347.1722.0.7.0000.5482.

Vale compartilhar, com o leitor ou com a leitora, que foi realizada, previamente, uma pesquisa exploratória com três profissionais, a fim de atestar a eficácia da entrevista não-estruturada e, com isso, definir quais temas ou áreas seriam abarcados durante a coleta de dados.

Tal experiência evidenciou a necessidade de elaborar um roteiro de entrevista semiestruturada, mas sem enrijecer o diálogo com o entrevistado. Nesse roteiro de entrevista, as perguntas feitas a todos foram: 1) Fale sobre sua trajetória inicial na psicanálise; 2) Há diferenças entre o analista recém-formado e o analista de longo percurso de atuação? Se sim, quais seriam essas diferenças?; 3) Com relação às escolas e aos autores psicanalistas, você manteve a mesma preferência ou houve mudanças?; 4) A partir do seu percurso, como você definiria o ofício do analista?; 5) Discorra sobre as motivações que te influenciaram a se

manter atuando como psicanalista; 6) Gostaria de compartilhar algum caso ou fragmento de um caso que você tenha acompanhado e que considera ter influenciado na continuação do seu percurso como analista?²

Para além da sistematização dos protocolos éticos e metodológicos, as entrevistas com os profissionais possuem um valor inestimado para a construção deste trabalho, pois, para responder sobre o tema em questão, se fez necessária a investigação da vivência psicanalítica e da experiência analítica.

Ouvir, conversar, dialogar com esses profissionais que atuam há anos e que se propuseram a pensar o que os mantém atuando como psicanalistas foi singular e precioso, porque, além de terem se prontificado – sem titubear – a contribuir com a pesquisa, todos demonstraram extrema disponibilidade em refletir sobre o tema com seriedade, já que relataram não terem pensado no assunto até o momento da entrevista.

Inicialmente, havia a intenção de entrevistar psicanalistas de diferentes estados brasileiros, pensando em garantir a diversidade das experiências regionais e considerando que a psicanálise se estabeleceu em períodos e modos diferentes pelo país. No entanto, a coleta dos dados ocorreu no momento da pandemia de Covid-19, com sérias restrições, o que dificultou o acesso a muitos profissionais que não estavam prontamente disponíveis. Por isso, foi possível entrevistar participantes que residem e atuam em quatro estados diferentes: Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte.

Diante dessas circunstâncias, não houve critérios estatísticos para a escolha dos entrevistados, caracterizando-se uma amostra por conveniência, com o objetivo de cumprir um único critério: atuar há mais de 10 anos como psicanalista. Dentre os 10 entrevistados, seis são pessoas do sexo feminino, e quatro são do sexo masculino; sete dentre eles são pessoas graduadas em psicologia³, duas são graduadas em medicina e uma pessoa possui duas graduações, psicologia e filosofia. Quanto ao tempo de atuação como psicanalista, no momento das entrevistas, um participante tinha 13 anos de atuação, outro participante tinha 23 anos, enquanto seis pessoas tinham entre 30 e 40 anos de atuação e duas pessoas possuíam 52 anos de atuação.

² Confesso que não houve um critério ou raciocínio específico para a escolha das perguntas, em detrimento de outras. Elas foram construídas, modificadas, sugeridas em discussões com colegas e professores da PUC-SP e sempre tiveram o intuito de estabelecer um diálogo com o entrevistado, que falava livremente sobre sua experiência e posicionamento.

³ A maioria dos entrevistados possui graduação em psicologia e esse cenário pode representar os espaços que a psicanálise ocupa no Brasil; pois, apesar da psicanálise ter sido estudada primeiramente pelos médicos brasileiros, há uma resistência cultural em validar a formação de um profissional desvinculado de protocolos acadêmicos. A cultura brasileira preza pelo diploma formal e, além disso, mantém-se enraizada no conhecimento especializado e acrítico.

Foi solicitado aos 10 entrevistados a indicação de um codinome de sua preferência para ser utilizado ao longo do trabalho e, assim, garantir o sigilo de suas identidades. Aproveito, então, para apresentar-lhes com quem o leitor dialogará durante a leitura das cartas: Águia, Alencar, Clarice, Fausto, Glaucia, Noah, Petúnia, Rebeca, Teresa e Ulisses. No apêndice B, há uma tabela com as informações dos respectivos participantes.

Os dados coletados foram analisados pelo método qualitativo de análise temática e, portanto, os dados não são apresentados de forma quantificada, mas alguns fragmentos das falas dos entrevistados – que estão transcritos na íntegra – foram compondo a construção dos conteúdos da tese, os quais estão apresentados para o leitor ou leitora em forma de cartas. A análise temática pode ser considerado como um

[...] método essencialista ou realista, que relata experiências, significados e a realidade dos participantes, ou pode ser um método construtivista, que examina as maneiras como eventos, realidades, significados, experiências e assim por diante são feitos de uma série de discursos que operam dentro da sociedade. Também pode ser um método ‘contextualista’, localizado entre os dois polos do essencialismo e construtivismo [...]. Portanto, a análise temática pode ser um método que funciona tanto para refletir a realidade, como para desfazer ou desvendar a superfície da ‘realidade’. No entanto, é importante que a posição teórica de uma análise temática seja clara, já que esta é muitas vezes não mencionada (e é, então, normalmente, de caráter realista).⁴

Então, pode-se afirmar que a proposta de apresentação desta pesquisa difere-se da utilizada tradicionalmente, já que não haverá uma única parte em que os resultados das entrevistas serão apresentados, mas os mesmos costuram todas as cartas, possibilitando dar vitalidade aos pensamentos e à teoria.

Outro aspecto que difere este trabalho do formato tradicional é que o conteúdo está apresentado em forma de cartas, como dito anteriormente, sendo que tal escolha se deve, primeiramente, ao fato de que, com as cartas não há uma ordem sequencial de leitura e, por isso, o leitor tem autonomia em seguir a leitura conforme sua preferência. Outra razão da escolha é que as cartas são instrumentos de mediação entre pessoas, que possibilitam a continuidade de troca, reflexões e respostas, ou seja, não há apenas uma pesquisadora divulgando os dados da sua pesquisa para o público, visando cumprir protocolos acadêmicos, há nesses manuscritos a experiência de não apenas um pesquisador e, sim, de vários

⁴ BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. Tradução Luiz Fernando Mackedanz.

profissionais – os entrevistados –, fazendo circular o psicanalisar. Com isso, não se transmite a articulação entre o conteúdo teórico e prático como conclusivo.

Cabe aqui compartilhar que, por inúmeras vezes, me questionei sobre a ideia de escrever utilizando o formato de cartas, visto temer não atender às exigências de um trabalho acadêmico e, ao mesmo tempo, por não serem cartas escritas direcionadas a uma pessoa específica.

A dúvida se fez presente, vez ou outra, durante a construção da tese, já que livros como *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1986), editado por Jeffrey Moussaieff Masson, *Cartas aos filhos – Sigmund Freud* (2021), organizado por Michael Schöter, Ingeborg Meyer-Palmedo e Ernst Falzeder, *Cartas a um jovem psicanalista* (1998), de Marialzira Perestrello, *Cartas a um Jovem Poeta* (2013), de Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem terapeuta* (2004), de Contardo Calligaris, dentre tantos outros, publicizam cartas endereçadas a pessoas específicas e que representam a existência de um intercâmbio de mensagens, enquanto na minha proposta, isso não acontece.

E por que eu manteria esse formato, se as cartas não tinham sido escritas e enviadas a um destinatário específico, lidas e depois respondidas de tal forma que suscitariam a escrita de outra carta?

Porque percebi que a minha intenção não era me corresponder com um psicanalista apenas, ou seja, se eu fosse postar uma dessas cartas, enviaria a mais de um destinatário, já que elas não foram escritas a partir de um diálogo entre duas pessoas, mas, sim, entre-vários: eu e eu⁵, eu e o leitor ou leitora, nós e a psicanálise, eles (os entrevistados) e eles, eles e nós, a psicanálise e o psicanalista, a prática e a teoria.

Feita essa escolha de dialogar por meio das cartas, cabe apresentar-lhes o que o leitor ou a leitora irá encontrar nessa forma tão antiga – e, ao mesmo tempo, tão presente na história da psicanálise – de se corresponder.

Assim, para que uma pessoa se mantenha atuando profissionalmente em determinada área, fez-se necessário, primeiro, escolher, por algum critério, tal área em detrimento de outra e, depois, tornar-se um profissional dessa área pelos estudos, cursos e atuação prática. Nesse sentido, com um psicanalista não seria diferente. Portanto, algumas cartas percorrem, de certa forma, esse processo quanto à escolha ou o interesse pela psicanálise, bem como as etapas seguintes dessa escolha, que envolvem o tornar-se psicanalista e a formação contínua, afinal, são processos fundamentais àqueles que se mantêm atuando como tal.

⁵ Em certa medida, é uma conversa entre a autora e seu mundo interno, como uma via sublimatória que poderá possibilitar aos interessados no tema acessar também seu mundo interno.

Outras cartas abordam especificamente percepções, reflexões e, principalmente, motivações presentes no psicanalisar durante um longo percurso, ou seja, nessas cartas, nos debruçamos, tanto com o olhar como na escrita, para ir ao encontro do objetivo deste trabalho

Assim, nosso propósito é apresentar, na penúltima carta, as ideias que corresponderiam a uma análise do caminho percorrido durante todo o trabalho. Como a intenção é abordar algumas considerações sobre o tema, essa carta não foi nomeada de conclusão ou considerações finais, justamente por compreender o contínuo trabalho sobre o tema.

Já a última carta também não traduz considerações finais do trabalho, e tampouco recebeu esse título, mesmo tendo sido escrita depois de todas as outras, pois espero continuar me correspondendo por muito tempo, já que essa é uma carta das minhas impressões e reflexões pessoais.

A ideia dessa última carta surgiu em uma orientação com o professor e orientador Renato Mezan, o que inicialmente ecoou em mim como impossibilidade, já que havia muito receio em me desnudar e, assim, se fez um vácuo. Depois de muito tempo de decantação após ter ouvido tal sugestão, ainda com certo receio misturado com tantos outros sentimentos e a dificuldade de nomear essa carta, a correspondência entre eu-e-eu, se tornou possível, como um dispositivo inédito de testemunhar meus posicionamentos diante do tema pesquisado.

Entendo que parte das expectativas do leitor ou da leitora possam não ser satisfeitas – o que é de se esperar –, por não se apresentar uma única definição ou uma única motivação que mantém um grupo de psicanalistas investindo em uma forma de viver, de pensar e de se relacionar com o outro, com a psicanálise e com o mundo.

Mas confesso que, se de alguma maneira essas cartas ou uma delas acionar no leitor ou na leitora uma reflexão ou uma curiosidade em analisar o próprio percurso, isso já será de grande valia, pois a pretensão – um tanto audaciosa – deste trabalho é elucidar o quanto a psicanálise não é meramente uma titulação ou significado de inteligência e, sim, um processo árduo e trabalhoso, além de essencialmente ético, de se haver consigo próprio.

E, portanto, refletir sobre a continuidade e a manutenção dessa atuação se torna, no mínimo, cuidadoso para que a psicanálise não represente uma repetição eloquente de frases motivacionais, interpretativas ou de uso selvagem nas redes sociais, no consultório e nas instituições acadêmicas.

Após feita a apresentação, convido a todos os leitores e leitoras a iniciar uma trajetória de lembranças, de reflexões, de indagações e de persistência pelas cartas.

1 CARTAS DE VIR-A-SER

A escolha da profissão é um assunto constantemente abordado na adolescência e na juventude, fase da vida em que se impõe um saber sobre o futuro e que exige uma matemática inexata da somatória de variáveis como o financeiro, o mercado de trabalho, a opinião familiar e a satisfação pessoal.

No entanto, quando se pensa na escolha de vir-a-ser um psicanalista, as variáveis que compõem essa matemática tendem a ser diferentes, já que não é uma profissão padrão indicada no Guia do Estudante, ou mesmo nos resultados de uma orientação vocacional.

E quais seriam as variáveis presentes na escolha de vir-a-ser um psicanalista?

Foi pensando nas possíveis variáveis dessa escolha que cartas foram escritas sobre algumas dessas variáveis, mas sabendo, ao mesmo tempo, da impossibilidade de apresentar todas as maneiras, as formas ou os modos de vir-a-ser um psicanalista. Mesmo assim, manteve-se a escrita das cartas com o intuito de abordar alguns modos de escolha e, junto disso, provocar rememorações no leitor ou na leitora sobre o seu modo de vir-a-ser um psicanalista.

Fica, então, o convite à leitura e às rememorações desse momento precioso de vir-a-ser um psicanalista.

1.1 Carta sobre um modo de vir-a-ser um psicanalista

Pensar em como e por que uma pessoa escolhe estudar a psicanálise pode parecer simples, pois deduziríamos que tal pessoa meramente gosta da teoria psicanalítica. Podemos imaginar que, quando o ser humano se interessa por algo que lhe exigirá tempo e dedicação, o gostar torna-se intrínseco à atividade em si, e será que isso seria o suficiente?

No entanto, simplesmente gostar da teoria psicanalítica não é o suficiente para querer vir-a-ser um psicanalista. Essa decisão de querer debruçar-se sobre uma teoria, esforçar-se no trabalho do inconsciente, mas, em especial, não ter clareza do que de fato consiste exercer o ofício do psicanalista e, ainda assim, seguir nessa direção de vir-a-ser um, envolve processos mais complexos do que a simples apreciação da teoria.

Ao me referir à ausência de clareza quanto ao ofício do psicanalista, não estou ignorando que pode haver algum saber racional ou teórico sobre a psicanálise, até porque, nesse processo, podemos pensar que um estudante de psicologia, um estudante de pós-graduação de áreas diversas ou um analisando que tenha formação superior, e que decide vir-

a-ser um psicanalista, terá tido minimamente acesso à teoria psicanalítica, mas pouco sabe e muito imagina sobre tal ofício.

Nesse sentido, o que estou denominando de vir-a-ser um psicanalista é exatamente o momento de desejar atuar e viver como tal, indo além do domínio teórico, mesmo sem saber como, de fato, é ser um psicanalista.

Então, como esse desejo surge?

Pensemos que esse desejo possa surgir em sujeitos que se identificam com um traço, um símbolo ou algo de um psicanalista, seja este o próprio analista, um professor, um palestrante ou um teórico.

De acordo com o dicionário Laplanche e Pontalis, define-se identificação como um “[...] processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.”¹.

Dessa maneira, o processo de identificação nos indica que o desejo de vir-a-ser um psicanalista passa pela admiração e, especialmente, pela internalização de um traço ou de um aspecto desse outro que é uma referência – mesmo que imaginária – a ser seguida ou não.

A quem pode ser atribuída a admiração no processo de vir-a-ser um psicanalista? A um professor, a um familiar, a um analista?

As falas de Teresa e de Rebeca, respectivamente, indicam essa admiração pela figura de um professor:

[...] então, a influência da psicanálise na graduação já era muito grande e particularmente da psicanálise francesa. Eu tive uma formação psicanalista muito consistente na graduação. No entanto, quando eu cheguei aqui em São Paulo, as coisas que eu fui escolhendo ligadas a psicanálise foram interessantes, porque eu tinha uma professora de psicanálise de que eu gostava muito, a R. P., ela já faleceu.

Eu penso que um dos critérios que me levou à psicanálise foram os professores pelos quais eu passei, em particular, uma, que até hoje é membro da EBP e eu a acompanho enquanto transmissão. Eu acho que tinha a personalidade da professora, a transmissão dela traduz a personalidade dela, enfim, acho que a psicanálise que ela transmitia sempre me apontou esse caminho de que você não podia ser uma analista sem estudar, você não podia dizer que conhece a psicanálise, sem ler, sem fazer sua análise e sem colocar a mão na massa e com rigor.²

¹ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 5a. ed. Santos: Martins Fontes, 1985, p. 295.

² As citações referem-se aos depoimentos dos 10 entrevistados: Águia, Alencar, Clarice, Fausto, Glaucia, Noah, Petúnia, Rebeca, Teresa e Ulisses.

Teresa e Rebeca representam uma parcela de profissionais que se identificam com a figura, no caso, do professor. Importante analisar que Freud, no texto *Psicologia das Massas* (1921), alertou para o aspecto afetivo presente na identificação, afirmando que “[...] a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.”³.

Nesse sentido, o desejo de vir-a-ser um psicanalista é entrelaçado por um enamoramento por algo, o que, em suma, evidencia que o iniciante da prática analítica necessariamente é um apaixonado, é um afetado pelas emoções. Repito, entretanto, que esse enamoramento parece inicialmente ser pela teoria, mas vai muito além disso. Veja só o que Clarice, Ulisses e Fausto, respectivamente, nos falam:

Eu sou filha de psicanalista. Meu pai é psicanalista, então, desde que eu me conheço por gente eu via Freud e Lacan escrito por aí. Mas, isso estava marcado no campo do inconsciente, não foi uma coisa que se deu assim calculada nesse sentido.

Eu sempre me interessei por psicanálise desde criança. Desde criança, desde a minha mãe. A minha mãe se interessava por psicanálise, meu avô se interessava por psicanálise então, tinha uma biblioteca na qual tinha livros de psicanálise em casa.

Eu tenho um analista presente na geração dos meus pais, não foram meus pais, mas um tio meu que me marcou muito no começo, e depois nos distanciamos porque fomos por caminhos diferentes, enfim, meu tio me marcou muito como analista.

As falas indicam que o entrelaçamento com a psicanálise se deu antes das aulas na graduação, ou mesmo, antes da análise pessoal, visto, portanto, nesses casos, que a figura de familiares estudiosos da psicanálise os encantou e a via identificatória os capturou.

Arelado à identificação escancara-se o processo de idealização na escolha de vir-a-ser um psicanalista, já que se identificar com algo em certa medida, desperta um processo de idealizar um lugar a ser ocupado, até porque, se não houvesse a idealização, quem se apaixonaria por um ofício do qual pouco – ou nada – sabe, né?

Nesse momento de vir-a-ser um psicanalista, a pessoa está afetada pela admiração a um teórico, quem não gostaria de ser um Freud? Uma Klein? Um Winnicott? Um Lacan? Um Bion? O pai analista? A mãe psicanalista? O(A) professor(a) psicanalista?

³ FREUD, S. [1921]. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 60

Supondo que uma pessoa está afetada pela esperança de compreender o psiquismo humano, será que em algum momento ela pode ter imaginado avançar em questões até então não respondidas? Ou, cogitando o caso em que uma pessoa está afetada pela empatia e solidariedade com aqueles que sofrem, será que ela devaneou que salvaria vidas?

E, aqui, nos defrontamos com um ponto crucial, pois há de se considerar que, na escolha do vir-a-se um psicanalista, pode haver, para alguns, uma idealização de salvação, de heroísmo, em outras palavras, a fantasia de onipotência se faz presente.

Nesse ponto, a fala de Glaucia quanto ao processo de vir-a-ser analista denota, além da identificação com o trabalho de uma professora, um enamoramento com o desafio proposto por esse modo de trabalhar.

Eu comecei a me interessar pela psicanálise já na graduação, e eu tive uma professora na graduação que era psicanalista. E ela tinha uma proposta clínica que eu achava muito interessante de atender os casos graves. Na época, os casos graves na clínica escola lá da USP não eram muito bem vistos pelos supervisores, ninguém queria pegar os casos mais graves e ninguém queria supervisionar os casos mais graves e todo mundo achava que os graduandos não tinham experiência suficiente para atender esses casos. E essa professora pegava os casos mais graves e propunha lá um trabalho de manejar as crianças e os pais que eu achava muito interessante.

Não seria o caso de classificar o processo de idealização como estritamente negativo ou ruim, já que se faz necessária a existência de um processo identificatório, bem como de idealização para emergir o desejo de vir-a-ser um psicanalista. Assim, como reafirma Perez, a interface desses processos ocorre de tal forma que “[...] tudo se passa como se fossem modos de distanciamento entre o sujeito e o objeto de identificação em procedimentos de: incorporação – assimilação – idealização.”⁴.

Tem-se, então, um mergulho necessário para fazer a escolha de vir-a-ser um psicanalista, que seria iniciar essa trajetória a partir dos processos inerentes à identificação, ou seja, incorporar, assimilar e idealizar – a figura do próprio analista, do(a) professor(a) querido(a), do pai-analista ou da mãe que estudava psicanálise e, assim, mergulhar na névoa de ser semelhante àquele que tanto se admira, mas que também deseja eliminá-lo.

⁴ PEREZ, D. O. A identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. Periódicos UFES, **Revista Sofia**, v. 5, n. 1, 2016, p. 188.

Em *Psicologia das Massas*, Freud⁵ nos alerta sobre a ambivalência presente no processo de identificação, no sentido de querer *ser como* o objeto amado, mas também poder ocupar o lugar dele, portanto, invejá-lo e desejar destruí-lo. E, ainda, em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud⁶ faz uma analogia dos rituais totêmicos, dos homens primitivos, em ingerir a carne dos pais como um querer dos filhos. “Assim, o ato canibal pode ser compreendido como identificação por incorporação de uma das partes do corpo do pai.”⁷.

Nesse sentido, proponho encarar que essa ambivalência também ocorre no processo de identificação de um analista iniciante, afinal, se há uma ligação afetiva nesse mecanismo, este não estaria desatrelado do enlace binário amor-ódio tão necessário nas relações, visto que tal enlace permite a aproximação, mas também a diferenciação entre os seres.

Como disse há pouco, esse processo não deve ser entendido como negativo, tampouco ser evitado, pois, além de ser um dispositivo essencial para o início desse mergulho em vir-a-ser um psicanalista, é também, condição *sine qua non* para o percurso dessa trajetória, afinal, os processos identificatórios influenciam na constituição do sujeito.

Tem-se, então, um constante dinamismo identificatório, não apartado dos afetos às figuras eleitas ícones e deificadas, participando da construção da identidade do ser psicanalista. Sem esse constante dinamismo identificatório, os psicanalistas não se diferenciariam.

E, nesse ponto, poderíamos perguntar o que parece óbvio: será que um analista com longo percurso de atuação mantém os processos identificatórios com ícones da psicanálise?

Digo que a pergunta parece óbvia pelo fato de o mecanismo da identificação se estabelecer nas relações humanas com o outro ou com o coletivo constantemente, ou seja, há um eterno jogo de identificações com diversos objetos.

Então, passado o primeiro momento em que a identificação é uma condição para a construção do *ideal de eu* a partir das figuras parentais, processo análogo ao vir-a-ser um psicanalista, visto que figuras deificadas tornam-se referência na construção da identidade de um analista, tem-se a manutenção desse jogo de identificações que se atualiza ou reatualiza a partir de novas figuras ou daquelas já admiradas, mas que, com o tempo, adquirem um novo *status*, e agregarão traços nesse emaranhando do se tornar e do ser um psicanalista.

⁵ FREUD, S. [1921]. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁶ FREUD, S. [1939]. *Moisés e o monoteísmo*. In: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**. Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

⁷ PEREZ, D. O. A identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiana-lacaniana. Periódicos UFES, **Revista Sofia**, v. 5, n. 1, 2016, p. 187.

Com isso, fica evidente que há um processo identificatório ao longo da atuação e construção do ser psicanalista. Mas será que os elementos que compõem o processo são os mesmos descritos nas identificações primárias?

A partir dessa pergunta, podemos pensar, leitor ou leitora, que o ingressante em psicanálise estabelece identificações, tais como citamos anteriormente, com professores, familiares psicanalistas, dentre outras possibilidades, na tentativa de constituir um *ideal de eu-analista*, e que pode se configurar como um Outro persecutório, já que se faz necessário seguir a risco esse *ideal de eu-analista*.

No entanto, a análise pessoal busca questionar tais emaranhados identificatórios do sujeito, afinal, cada um constrói um muro de identificações que barra o acesso ao vazio e ao desamparo, fazendo-o se apresentar ao mundo com uma determinada identidade. E, nesse sentido, proponho um raciocínio paralelo a esse, para pensar sobre os elementos identificatórios presentes na atuação de um psicanalista de longo percurso.

O estudioso em psicanálise pode manter-se amarrado nas identificações que o sustentarão durante todo o seu caminhar nos estudos psicanalíticos, se protegendo, de certa forma, de realizar um processo tão importante em uma análise: desagarrar-se dos traços que dizem, aparentemente, sobre o ser-psicanalista.

Por outro lado, é possível que cada psicanalista possa, em seu processo analítico, manter-se compromissado com a ética psicanalítica, sem fazer uso de um muro identificatório para existir enquanto tal. Com outras palavras, o psicanalista de longo percurso pode se desagarrar dos traços identificatórios para acessar o próprio vazio desse ofício, e enfrentar a falta de um modelo ou padrão que determine as características e os comportamentos do ser-psicanalista.

Assim, o psicanalista de longo percurso que ultrapassa os muros identificatórios e acessa o vazio e a falta dessa função atravessa todo um processo árduo de desidentificação e desalienação de um padrão imaginarizado do ser-psicanalista. Ou seja, ele vivencia um processo de reordenamento da própria falta e, assim, os processos identificatórios não possuem a função de proteger do vazio ou da falta, mas, sim, de auxiliar nesse reordenamento identificatório para compor ou construir um modo de ser psicanalista.

Vale elucidar uma pequena e sutil diferença explicitada no parágrafo anterior, pois ao pensarmos que o psicanalista de longo percurso, em seu processo de análise – assim como um analisante –, manterá as identificações com seus objetos e pessoas ao redor, é necessário apontar para uma diferença: as identificações primárias estabelecem uma ordem inconsciente e fantasmática do modo como a pessoa tem que ser, enquanto o reordenamento do sujeito com

a própria falta implica não utilizar as identificações como muros e vitrines de si, mas como possibilidades de construção de um ser-psicanalista e, assim, criar e assumir um estilo próprio.

Entendemos que não estou aqui apresentando uma solução ou um único caminho, afinal, disse há pouco, que alguns profissionais podem manter-se agarrados às identificações presentes no momento de vir-a-ser um psicanalista.

Mas, também, foi elucidada outra possibilidade de construção e manutenção desse ser-psicanalista que passa, antes de tudo, por um processo de des-ser, já que o vir-a-ser um psicanalista pode ser um processo agarrado aos ideais de comprovação da existência do psicanalista, enquanto o analista de longo percurso pode estar desagarrado desses ideais.

Dessa forma, podemos entender a necessidade de muitos psicanalistas afirmarem a importância de uma psicanálise dita contemporânea⁸, como um argumento de autorização para se desagarrar dos muros identificatórios e poder atuar sem serem idênticos a Freud, a Klein, a Bion, a Winnicott ou a Lacan, entre tantos outros.

Assim, fica compreensível que uma das formas de vir-a-ser psicanalista engendra as amarras presentes nos inúmeros processos identificatórios, entendendo, por outra via, a possibilidade de vivenciar um esvaziamento simbólico das identificações primárias e, conseqüentemente, promover um reordenamento das suas funções, para que possa haver o enfrentamento do mal-estar convocado pelo ofício do psicanalisar.

E tal enfrentamento pode suscitar um sentimento de solidão, que é diferente de autossuficiência, o qual exigirá recursos psíquicos para tolerar o processo de des-ser e des-fusão com o outro, sem ceder à pressão do princípio do prazer, para, assim, iniciar um circuito próprio de construção do ser-psicanalista e manter-se como tal.

1.2 Carta sobre outro modo de vir-a-ser um psicanalista

Pensando especificamente no processo de idealização de salvação ou de heroísmo, é interessante esclarecer que salvar ou ter uma ação heroica não seria um ato destinado apenas ao outro ou a um grupo ou a uma sociedade. Alguns podem iniciar a atuação no ofício de analista com o intuito de encontrar algumas respostas pessoais e, conseqüentemente, de salvar a si mesmos.

⁸ Nesse discurso de defender uma psicanálise contemporânea estão presentes aspectos da técnica e manejos clínicos, e vale destacar que não estamos ignorando a evolução do pensamento psicanalítico como análise e trabalho das novas formas de subjetivação, mas, sim, no âmbito de eleger justificativas para se desagarrar de vícios, trejeitos e manejos referentes aos psicanalistas clássicos.

Agora, você, leitor ou leitora, pode estar horrorizado e se perguntando: Um analista, mesmo que iniciante, deve saber separar suas questões pessoais da trajetória profissional? As respostas pessoais devem ser investigadas na própria análise? É fato. As questões pessoais deverão ser analisadas no processo analítico do profissional, mas estamos aqui dizendo que, na escolha do vir-a-ser psicanalista, haverá provavelmente uma parcela – só não consigo mensurar a especificidade de cada caso para dizer se é uma parcela grande ou mínima – de um imbróglio de questionamentos pessoais que, no momento da escolha, não lhe são tão familiares.

Lamentamos se essa ideia provocou certa decepção por dizer que há um imbróglio de questionamentos pessoais no momento em que se escolhe exercer o ofício de analista – e qualquer outra profissão. Imagino o quão perfeito seria se fosse um processo linear e unicamente consciente, mas, felizmente, não o é. E digo felizmente por ser uma amarra necessária para manter o vir-a-ser um processo humanizado e analítico.

Nesse ponto, é importante antecipar a ponderação quanto à gravidade da situação nos casos em que as questões pessoais não forem tratadas no devido espaço da análise pessoal, mas não há como negar que, seja um analista iniciante ou não, tais questões o acompanharão ao longo da prática profissional.

É claro que um determinado profissional não encontrará as respostas de seus questionamentos pessoais na prática, mas sua motivação para iniciar ou manter-se atuando poderá estar, também, influenciada pelas questões pessoais. Não há como iniciar um mergulho em algo desconhecido ou muito imaginarizado sem que haja um perene questionamento ou angústia pessoal, sendo que tal mergulho possibilita um apaziguamento da angústia ou uma proteção de si.

Nesse sentido, vejam só o que Petúnia relata:

Fui fazer psicologia porque queria saber como se educa uma criança, eu era solteira e tinha preocupação se eu viesse a ter filhos como seria educá-los. Então, fui fazer psicologia, me apaixonei pela psicologia, me apaixonei pela psicologia do desenvolvimento, psicologia social e psicologia da aprendizagem.

Poderíamos, então, pensar que o vir-a-ser um psicanalista tem seu modo de operar a favor do próprio analista, que busca mitigar sua angústia teorizando e se analisando – pelo menos assim é o esperado. Desse modo, tem-se aqui uma via do mecanismo da sublimação por meio do trabalho de teorização das próprias angústias, afinal, tendemos a teorizar sobre aquilo que atravessa nossas questões e nossa história de vida. A fala de Teresa elucida isso:

Eu entrei em um curso de Reich e não fiquei seis meses, a aula que eu mais gostava era a de psicanálise. Eu vi que aquele negócio não era para mim, eu vi que aquilo não funcionava comigo, não respondia a minha questão sobre o corpo, que era uma questão analítica, ou melhor, psicanalítica, mas também analítica. Eu acabei indo para a Escola Paulista de Medicina, fui fazer uma especialização lá em psicologia da saúde, e aí essas questões todas foram podendo encontrar um destino.

Entretanto, sabemos que não estão tão evidentes no momento da escolha os motivos que fazem uma pessoa focar seus estudos em um determinado tema, enquanto outra se dedica a um tema diferente – e, às vezes, esses motivos não se tornam óbvios em nenhum momento do percurso.

Mas o que importa nesse processo – independentemente de a pessoa entender o porquê daquele tema a atrair – é que um modo de vir-a-ser um psicanalista está no trabalho pulsional destinado a vasculhar a teoria e organizar elucidações sobre um tema, na justificativa desse ser de relevância social – argumento de grande convencimento e de fato o é –, mas não deixa de estar imbricado na curiosidade de desvendar os próprios imbróglios.

Ponto este, observado nas contribuições de Noah:

Depois eu fui fazer minha análise pessoal, por necessidade pessoal. Eu estava infeliz com a minha escolha profissional e me recomendaram a análise pessoal, aí juntou a análise pessoal mais essa preocupação, eu acabei me transferindo do departamento da Unicamp em que eu trabalhava, que era medicina preventiva, para o departamento de psiquiatria e psicologia e ali, então, eu comecei a montar o serviço de psicoterapia e depois eu voltei a fazer minha formação analítica. Então, os motivos foram necessidade pessoal e interesse por pessoas doentes cujos fatores emocionais eram importantes, e juntava uma coisa com a outra.

Salvar a si, não é uma garantia de que, ao longo do percurso como psicanalista, o sujeito estará salvo, mas há uma saída sublimatória – minimamente interessante – nesse modo de vir-a-ser psicanalista. Afinal, esse modo implica o candidato a psicanalista se relacionar intrinsecamente consigo por meio de uma costura com a teoria psicanalítica e, com isso, essa saída possibilita ao candidato vivenciar uma proximidade com o cerne da psicanálise.

Cabe fazer um parêntese para discorrer sobre o que você talvez esteja se perguntando: Por que a saída sublimatória seria minimamente interessante, em vez de ser a mais indicada? É unânime a conceituação de que a sublimação é uma das vicissitudes da pulsão, apesar dessa ideia não ser longamente desenvolvida no texto de Freud “Os instintos e seus destinos” (1915).

Por isso, recorremos à definição apresentada em *Introdução ao Narcisismo*, na qual Freud diz que “[...] a sublimação é um processo atinente à libido objetual e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual.”⁹.

Assim, na sublimação, a pulsão mantém sua atividade, modificando seu alvo, mudando do sexual para o social, e Freud, então, destaca a importância das produções científicas para a cultura, ao afirmar que “[...] a sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que as atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas tenham papel significativo na vida civilizada”¹⁰.

E, além do efeito benéfico do processo sublimatório em produzir trabalhos e atividades socialmente aceitas se contrapondo ao adoecimento, Freud destaca a satisfação presente nesse processo:

O melhor resultado é obtido quando se consegue *eleva suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual*. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo. *A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente.*¹¹

Nesse sentido, recorrer à psicanálise como meio de apaziguamento das angústias pessoais pela via da teorização pode ser um modo de vir-a-ser um psicanalista, e esse modo se coloca inicialmente como uma saída sublimatória interessante. No entanto, ao longo do processo de tornar-se analista é essencial que essa saída sublimatória esteja atrelada à análise pessoal, para que não haja o risco do fenômeno sublimatório ser substituído pelo mecanismo da racionalização e, com isso, a teoria ser encarnada como soberana e autoritária na relação com a prática.

Não que isso seja uma bronca ou um erro, mas, sim, um alerta necessário para diferenciar que há grandes pesquisadores e estudiosos da psicanálise que dominam a teoria psicanalítica com uma destreza invejável, até por terem lido toda a obra do Freud, de Ferenczi, de Klein e de Lacan, mas que não necessariamente possuem a delicadeza da escuta analítica.

⁹ FREUD, S. [1915]. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 40.

¹⁰ FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 60.

¹¹ FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 35; grifos meus.

Aqui, cabe um parêntese para fazer uma aproximação dessa ausência de delicadeza da escuta analítica com uma cena de Hamlet, que Freud¹² utiliza para exemplificar o quanto o psicanalisar não é uma prática tão fácil como dizem ser, pois não é tão fácil tocar em um ser humano como parece ser fácil tocar uma flauta. Nessa cena, Hamlet desafia um dos seus algozes a tocar uma flauta, mas este se recusa, alegando não saber manejar o instrumento musical, e Hamlet, então, explana o desafio que é tocar o coração de uma pessoa, tendo em vista a incapacidade de manusear um simples instrumento musical.

Assim, nesse modo de vir-a-ser um psicanalista, tem-se, portanto, a motivação inicial em estudar a teoria psicanalítica com foco em um tema específico, dito em outras palavras, um tema atravessado pelas questões pessoais. Mas, manter-se calcado nesse modo de se relacionar com a psicanálise pode não possibilitar o experimentar o processo de se tornar analista.

Até o momento, foram feitas referências a temas ou assuntos de interesses atravessados pelas questões pessoais de maneira bem genérica, tentando garantir uma forma democrática de abarcar todas as possibilidades de perguntas que foram transformadas em artigos, monografias, trabalhos de conclusão de cursos e afins.

Afinal, o interesse desta carta não é o de descrever e esmiuçar os temas que interessam a cada um dos psicanalistas atuantes, mas visa sinalizar que a busca por apaziguar a(s) própria(s) angústia(s) pode ser um modo de vir-a-ser um psicanalista.

Esse outro modo de vir-a-ser um psicanalista indica que a teorização das questões pessoais, pela via sublimatória, não é o único caminho para escolher iniciar sua trajetória na psicanálise. Pois podemos considerar que as questões pessoais colocam o sujeito em uma posição possível para produzir uma saída sublimatória de “produzir-um-analista”, ou seja, não há necessariamente a elaboração teórica de um artigo, livro ou trabalho de conclusão de curso, mas o desajuste interno pode se tornar uma ferramenta de trabalho e nortear a escolha de vir-a-ser um psicanalista.

Nesse sentido, Radmila Zygouris indica que uma razão que impulsiona alguns psicanalistas a escolher tal ofício se refere às loucuras familiares:

Porque a maioria dos analistas tem famílias loucas. Porque há loucuras nas melhores famílias, assassinatos psíquicos atuais ou foragidos dentro da história familiar, e porque há também traumas que vem afetar certas famílias

¹² FREUD, S. [1905b]. Psicoterapia. In: FREUD, S. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**, análise Fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ou certos indivíduos mais do que outros. Não nos tornamos analistas por razões sempre confessáveis.¹³.

Assim, se enveredar pela psicanálise a partir de desajustes internos e, com isso, “produzir-um-analista” seria uma forma de enfrentar a própria loucura, como se o vir-a-ser um psicanalista fizesse função de um remédio para a própria loucura ou para o próprio adoecimento psíquico.

Tem-se, portanto, um dos modos de vir-a-ser um psicanalista pela via do apaziguamento da angústia ou da própria loucura, produzindo-um-analista ou artigos, livros, trabalhos diversos, como uma ferramenta cura-dor-a de si.

1.3 Carta sobre mais um modo de vir-a-ser um psicanalista

Uma das recomendações do Freud mais repetidas pelos professores, supervisores e analistas é sobre a importância em praticar o famoso tripé: estudos-supervisão-análise pessoal, e a repetição incessante dessa importância no discurso dos analistas ecoa como um mantra psicanalítico.

Talvez seja estranho fazer uso do termo mantra, mas a utilização dele, leitor ou leitora, não está associada à tradição budista e, sim, como um instrumento precioso que passou a significar muito para os psicanalistas. Ou seja, o tripé aos poucos foi perdendo *status* de recomendação e se tornou indispensável para os psicanalistas, a partir de um processo de entendimento sobre a importância dos seus efeitos e de diferenciação quanto a uma prática ética e analítica, quando, de fato, o tripé é praticado.

Esse mantra psicanalítico apresentado por Freud desde os primórdios da psicanálise não é uma obrigação a ser fiscalizada por um órgão ou instituição regulamentadora, mas é um instrumento essencial de trabalho para aquele que quer se tornar um psicanalista – e para os analistas cuidadosos passa a ser intrínseco ao ofício do psicanalisar.

Como falaremos do processo de tornar-se analista mais adiante, agora voltaremos ao proposto nessa carta, que é discorrer sobre mais uma maneira de vir-a-ser um analista pautado em um dos pilares do tripé, que é a análise pessoal.

Alguns estudantes de psicologia, filosofia e afins, iniciam o processo de análise durante a graduação ou, então, um advogado, economista, filósofo, dentre outros profissionais, também vivenciam o processo de análise independentemente do período da

¹³ ZYGOURIS, R. Por uma psicanálise laica. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 410.

graduação e, de uma forma ou de outra, essas pessoas se interessam pela psicanálise a partir da própria experiência analítica.

A contribuição de Clarice, relatando sobre o processo de análise na época ainda da graduação, exprime exatamente esse ponto:

Na graduação em psicologia eu adorava tudo, adorava comportamental, adorava sistêmica, só não adorava TCC porque eu não tinha aula de TCC, se não provavelmente eu iria adorar também. Então minha escolha não se deu muito por aí, mas como eu tinha minhas encrencas na vida nesse tempo da graduação e fui procurar análise para cuidar do sofrimento e não tinha relação direta por estar na graduação de psicologia. Mas também eu não tinha decidido que eu queria estudar psicanálise quando eu procurei uma analista. Enfim, foi uma recomendação de uma professora da graduação a minha primeira analista e eu comecei a frequentar a análise, e acho que, um ano depois, mais ou menos, que isso recaiu no campo teórico e que, daí, eu entendi que era aquilo que me convocava e que as outras não mais.

Assim, como a fala de Alencar, ao afirmar: “Comecei a me interessar mais por esse estudo e comecei a fazer análise durante a graduação [...]”.

Podemos pensar que esse processo é um tanto óbvio, afinal, há sempre alguém gritando, em um dos quatro cantos, a seguinte afirmação: só se torna analista na experiência analítica, ou seja, fazendo análise pessoal. Sim, tal afirmação faz muito sentido no processo do tornar-se analista. No entanto, aqui entendemos que um outro modo de escolher vir-a-ser um analista pode ocorrer também pela via da análise pessoal.

Uma pessoa, estudante ou profissional, que vivencia o processo analítico e experiencia os efeitos da análise em si, pode escolher pela psicanálise unicamente por perceber que algo daquilo que o ajuda a se (des)organizar pode também ajudar um outro a se (des)organizar, algo daquilo que o afetou de alguma maneira, pode também afetar o outro e, mesmo sem conhecer teoricamente a primeira e a segunda tópicos freudianas, já compreendeu a existência dessas instâncias em fala.

Então, nesse momento, o vir-a-ser um psicanalista torna-se uma escolha devido ao encantamento e seriedade experienciados na própria análise, a partir de um método ainda pouco – ou nada – conhecido. E aqui estamos falando daquele que se analisa sem ao certo conseguir identificar se o profissional é kleiniano, bioniano, lacaniano e assim por diante, pois, nesse caso, ele não ocupa o lugar de investigador, cientista ou pesquisador e, sim, o lugar de ser analisado.

Dominique Fingermann¹⁴ fez a valiosa pergunta “O que se espera da análise do analista?” e, nesse momento da escolha do vir-a-ser, espera-se apenas que o candidato a ser analista possa ocupar o lugar de ser analisado – e esperamos que, depois, nas experiências como analista de longo percurso, ele também não saia desse lugar.

Aqui seria inevitável não citar o que Calligaris¹⁵ elege como os quatro traços de caráter necessários em um candidato a terapeuta: 1) uma paixão pelas palavras e uma espontaneidade nas relações e carinho pelas pessoas; 2) um grande interesse pelas vivências humanas, mas um interesse livre de julgamento; 3) que o candidato a terapeuta também tenha experienciado diversas situações na vida e, por fim, 4) se refere especificamente ao fato de o futuro terapeuta vivenciar o seu sofrimento psíquico. Em relação ao último traço, ele o atribui a duas razões: que o futuro analista deve ele mesmo ocupar o lugar de paciente por um bom tempo, e o fato do futuro analista apoiar-se na crença da prática analítica justamente por já tê-la vivenciado.

O quarto traço de caráter apontado pelo autor pode ser observado na fala de Petúnia: “Então eu me identifiquei muito com isso, e eu vi os efeitos da análise em mim. Então eu disse: se eu lucrei barbaramente, eu posso ajudar os outros a lucrarem também”.

Não há mais eficiência em um processo teórico ou metodológico do que a confirmação deste na prática. Afinal, a consistência da teoria se confirma na prática, e é nesse sentido que alguns decidem vir-a-ser um analista, justamente por terem vivido na prática os efeitos do método psicanalítico. Com isso, não há um modo mais convincente e apaixonante do vir-a-ser um psicanalista sendo – ou tendo sido – um analisando que usufrui dos efeitos de uma análise pessoal.

Nesse sentido, Calligaris nos alerta, dizendo:

Durante anos de sua prática clínica, no futuro, muitas vezes você duvidará da eficácia do seu trabalho. Encontrará pacientes que não melhoram, agarrados a seus sintomas mais dolorosos como um naufrago a um salva-vida; viverá momentos consternados em que as palavras que lhe ocorrerão parecerão alfinetes de brinquedos agitados em vão contra forças imensamente superiores. *Nesses momentos (que, acredite, serão frequentes) será bom lembrar que você sabe mesmo (e não só pelos livros) que a sua prática adianta. Sabe porque a prática que você propõe a seus pacientes já curou ao menos um: você.*¹⁶

¹⁴ FINGERMAN, D. A análise dos analistas. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 74, jun. 2008.

¹⁵ CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: o que é importante para ter sucesso profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

¹⁶ CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: o que é importante para ter sucesso profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 17-18.

Portanto, esse modo de vir-a-ser um analista convoca o candidato a se engendrar no próprio emaranhado de sofrimento e, ao fazer isso, pensa que tal travessia também pode ser feita por outros indivíduos e se aventura a mergulhar no trabalho analítico para si e para o outro. Nesse sentido, Heimann nos alerta que:

O objetivo da análise do próprio analista não é *transformá-lo* em um cérebro mecânico que pode produzir interpretações com base em procedimentos puramente intelectuais, mas *capacitá-lo* a suportar os sentimentos que são mobilizados nele, em oposição a *descarregá-los* (como faz o paciente), de forma a *subordiná-los* à tarefa analítica na qual ele funciona como reflexo espelhado do paciente. Se um analista tenta trabalhar sem consultar seus sentimentos, suas interpretações são pobres.¹⁷

Assim, é sabido que parte dos analistas vivenciaram essa experiência de escolher vir-a-ser um psicanalista no processo de análise pessoal, mas que todos os analistas – espera-se que sem exceção alguma – farão do processo de análise pessoal uma condição para o tornar-se e manter-se analista.

Nesse sentido, o psicanalista Deocleciano Alves nos alerta que a análise pessoal é a principal ferramenta para o psicanalisar, visto que, ao se referir ao sujeito-psicanalista, diz que “[...] seu próprio desenvolvimento é sua principal ferramenta de trabalho. E esse desenvolvimento vem a ser a consequência da análise realizada.”¹⁸

Então, a partir da experiência analítica, algumas pessoas podem descobrir um interesse ou suscitar um desejo de vir-a-ser um psicanalista, e se dedicar a esse ofício especialmente por dele terem se beneficiado.

Esperamos estar claro para o leitor ou leitora de que esse pode ser mais um modo de vir-a-ser um psicanalista, não sendo o único ou o melhor modo, já que pode haver muitas formas e fatores que influenciam, consciente ou inconsciente, a escolha por exercer esse ofício.

A respeito desse assunto, Christopher Bollas¹⁹ apresenta uma posição enfática quanto à impossibilidade de responder como alguém se torna um psicanalista, já que a tentativa de responder a essa pergunta incluiria necessariamente uma série de racionalizações, pois, para ele, é impossível fazer uma descrição fiel das razões dessa escolha.

¹⁷ HEIMANN, P. On countertransference. **International Journal of Psychoanalysis**. 1950, p. 81; grifos meus.

¹⁸ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014, p. 53.

¹⁹ BOLLAS, C. Pulsional Impiedoso e Receptividade Materna. In: BOLLAS, C. **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

No entanto, o percurso apresentado nesta carta, bem como nas outras cartas sobre modos de vir-a-ser um psicanalista, retrata algumas possibilidades de entrelaçamentos com a psicanálise, seja na via da angústia, da identificação, da sublimação, da loucura, do sofrimento, da satisfação etc.

Há, portanto, inúmeros modos de se entrelaçar com a psicanálise a ponto de vir-a-ser um psicanalista e querer atuar como tal. Sendo assim, a intenção dessa carta e das outras que abordam o mesmo tema não é fazer uma descrição fiel do processo dessa escolha, mas suscitar no leitor ou na leitora reflexões sobre o modo que ele ou ela tenham vivenciado no processo de vir-a-ser um psicanalista.

Concordando com Bollas, entendemos que há uma impossibilidade de descrever exatamente o processo de como alguém vem a ser um psicanalista, mas, por outro lado, há como cada um refletir e localizar os fios de enlace com a psicanálise. Assim, temos várias modalidades de vir-a-ser um psicanalista, sendo que cada um caminhará por um modo de resposta a algo próprio.

2 CARTAS DA CLÍNICA

De tempos em tempos, escuta-se a repetida crítica de que a psicanálise direciona um olhar voltado apenas para o indivíduo, não se interessando pelo coletivo, e que sua teoria tem serventia somente para a atuação clínica, já que foi nesse ambiente onde se registraram os ocorridos que impulsionaram Freud e tantos outros pensadores a desenvolver conceitos e aperfeiçoamentos teóricos.

E essa mesma crítica pode ser lançada aqui, já que a palavra clínica se apresenta no título e, por isso, por um certo tempo, a dúvida se fez presente quanto a mudar ou manter esse título. Pensou-se em outras possibilidades, mas nenhuma delas tinha o significado especial de traduzir o que as próximas cartas tratam, por entender que é pelo raciocínio clínico desenvolvido nos percalços vivenciados no emaranhado do pensar com o experienciar que se faz um psicanalista.

Dessa maneira, as cartas da clínica não se referem especificamente ao ambiente do consultório e, sim, ao tipo de trabalho que se apresenta àquele que se propõe a psicanalisar, seja no ambiente que for, institucional ou não, com uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Ressalto, então, que as cartas a seguir abordam os emaranhados vivenciados no psicanalisar, que se apresentam como condição *sine qua non* no processo de tornar-se um psicanalista.

Desejo uma boa leitura e bons emaranhados vivenciados no psicanalisar!

2.1 Carta do tornar-se um (e não mais) analista

Se perguntarmos para cada psicanalista a que ele atribui a origem da psicanálise, uns dirão que foi partir de 1905, com o emblemático caso Dora, outros responderão que foi com o abandono da hipnose, enquanto alguns elencarão o método descrito por Freud para interpretar sonhos e, ainda, haverá os que datariam 1896 como a origem da teoria, por ter sido a primeira vez que Freud utilizou o termo psicanálise, no texto *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*¹.

Não me cabe, aqui, fazer um estudo histórico da origem da psicanálise. Há obras belíssimas sobre tal assunto, mas destaco que a origem do método psicanalítico, em especial o clínico, que não se refere especificamente ao consultório, mas, sim, ao modo de entender o

¹ FREUD, S. [1896]. A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. III. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

discurso alheio, deu-se a partir de um pedido feito por uma paciente de Freud, conhecida como Emmy Von N.: Escute-me!

Então, não poderíamos deixar de pensar o quanto a escuta permeia a origem do método psicanalítico, antes mesmo de Freud descrever que a atenção flutuante seria o instrumento fundamental por parte do analista. E, com isso, o tornar-se analista está intrinsecamente relacionado com a prática, com o modo, com o refinamento e a delicadeza da escuta.

E como se dá a escuta? Há diferença entre escutar e ouvir?

Ouvir é uma função corporal, enquanto escutar – em grande grau – é uma função mental. [...] Apesar de tudo isso ser verdade, também é verdadeiro o fato de que a escuta depende amplamente do ouvir. É possível ouvir sem escutar. Mas não se pode escutar, sem ouvir. Em palavras simples, uma capacidade auditiva intacta é indispensável para um analista.²

Nesse sentido, Perestrello também aponta uma diferença ao afirmar que “[...] o ouvir refere-se ao som captado pelo sentido da audição; no escutar não existe apenas a percepção do som e sim o interesse pelo outro; é um ouvir com empatia.”³.

Assim, o refinamento e a delicadeza da escuta tornam-se essenciais na prática do analista que atua como um principiante ou não, visto que a escuta psicanalítica envolve o entrelaçamento da análise pessoal, do conhecimento teórico, bem como de um fazer ali no ato da sessão, sem ao certo saber o que está dizendo, mas cogitando que o que está escutando advém de um material psíquico.

Essa ideia converge com a posição de Teresa, quando ela nos diz:

Eu acho que a psicanálise é uma arte da escuta. Eu acho que escuta e a arte também, porque não é só com consciência que a gente consegue tocar uma análise. A gente estuda muito a teoria, mas na hora lá que a gente está com um paciente, o que vai contar mesmo, é uma outra coisa. São os recursos psíquicos do analista, as condições de escuta do analista.

Nesse sentido, leitor ou leitora, não caberia a discussão se há uma diferença na escuta de um analista principiante em relação a um analista com grande experiência, pois a escuta em si não deriva somente de um saber técnico e teórico, mas, sim, de uma disponibilidade em

² AKHTAR, S. **Escuta psicanalítica: métodos, limites e inovações**. São Paulo: Blucher, 2016, p. 175.

³ PERESTRELLO, M. **Cartas a um jovem psicanalista**. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 45.

escutar. Por outro lado, fica para adiante a discussão sobre se haverá diferença na atuação desses analistas quanto ao ofício do psicanalisar.

Essa disponibilidade para escutar foi destacada por Rebeca como uma tolerância ímpar, quando ela nos disse:

O psicanalista é alguém que escuta, é alguém que tem uma tolerância que é muito peculiar, que a psicanálise nos dá, mas não é de um aspecto humanizado. É uma tolerância considerando a visão de homem que a psicanálise sustenta como sujeito de desejo e, com isso, ela permite que a gente se depare com lados do humano, com aspectos desse sujeito e que não são sempre lá os seus melhores ângulos. E ela nos permite porque ela se debruça sobre isso, na teoria, e ao mesmo tempo, nos coloca para quando for ingressar uma prática, vai esbarrar nisso também, inclusive em você mesmo. Então, eu digo que é alguém que escuta com uma tolerância ímpar por causa disso.

A escuta é, sim, a ferramenta de trabalho do analista que o faz tornar-se um decifrador do que está sendo dito; aliás não basta traduzir, já que, na tradução, a mensagem não é transformada, mas alterada de uma língua para um outro linguajar. Porém, o deciframento vai além da tradução, pois há um trabalho de enunciação ou iluminação do que não está ao alcance daquele que anuncia.

Portanto, a escuta do analista é particularizada não pelo teórico de preferência, e sim pelos significantes que compõem a história pessoal e profissional daquele analista.

Com outras palavras, a arte de escutar do analista o coloca como um maquinista das palavras ditas pelo analisando e, conseqüentemente, do inconsciente deste, pois ele conduz todo o conteúdo que está sendo dito a um destino, ou melhor, a um sentido. Nesse ponto, recorremos a Ogden e Ogden, por destacarem que o conteúdo dito pelos pacientes terá também uma especificidade de como cada um utiliza a linguagem, o que exige do analista manobras distintas diante de um mesmo vocabulário.

No *setting* psicanalítico, analista e paciente se comprometem no esforço de falar um com o outro de maneira que se adeque à tarefa de criar/transmitir a sensação de como é para o paciente estar vivo, na medida em que ele é capaz de estar vivo em um dado momento. Acreditamos que para isso ocorrer o analista precisa estar em sintonia com o que o paciente faz com a linguagem, assim como o que ele é incapaz de fazer. A linguagem não é simplesmente um meio de expressão do *self*, é integrante da criação do *self* (que é um processo constante, momento a momento). No *setting* analítico, com seu foco na conversa como principal meio de comunicação, o uso da voz e da

linguagem está entre as principais maneiras com que os indivíduos trazem existência a si próprios, ‘vêm à vida’.⁴

Desse modo, podemos elucidar o que um dos nossos entrevistados destacou, ao afirmar que a psicanálise é a arte da escuta e, ainda recorrer a uma ideia freudiana de que “[...] os psicanalistas são pessoas que aprenderam a exercer determinada arte e, ao lado disso, podem ser indivíduos como os outros.”⁵.

Por que seria uma arte? O que cabe ao analista produzir com as palavras faladas e não faladas de um paciente? Na arte de escutar, o que se escuta?

Bem, é consenso entre os psicanalistas que o deciframento do dito e do não-dito do paciente faz se aproximar dos conteúdos inconscientes. Então, grosso modo, podemos dizer que escutamos o inconsciente.

Nesse sentido, Glaucia aponta que:

A psicanálise é uma operação com a palavra, com a fala. Em 30 anos de clínica, eu continuo me surpreendendo com os efeitos que a fala pode produzir na vida das pessoas, mudanças que podem produzir na vida das pessoas, então é uma operação com a fala. E visa – porque eu sou psicanalista – a posição inconsciente do sujeito. É isso, desejo inconsciente em termos freudianos, é com isso que a gente trabalha, essa é a matéria bruta do nosso trabalho. São as palavras, é a linguagem e é o inconsciente.

E onde se utiliza a arte nesse processo?

A arte da escuta incide na relação com o analisando e, a partir disso, como ambos criarão uma parceria de trabalho analítico de tal modo que se faça circular o desvelamento do desconhecido.

Nesse ponto, repito a ideia apresentada anteriormente, de que há uma disponibilidade em escutar nessa relação criada entre analista e analisando, mas não se trata de uma intuição sobrenatural e sim de um interesse do analista em trabalhar com as ideias ou conteúdos que lhe vêm à mente.

E, agora, podemos nos interrogar se a disponibilidade intrínseca no ato de escutar seria um dom, um aprendizado, uma habilidade ou um exercício?

⁴ OGDEN, B. H.; OGDEN, T. H. **O ouvido do analista e o olho crítico**: repensando psicanálise e literatura. São Paulo: Escuta, 2014, p. 34.

⁵ FREUD, S. [1937]. Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo**. Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 318.

É possível considerar a resposta de que nenhum desses elementos estão presentes na arte de escutar, pois essa só é possível a partir da análise pessoal, como se a análise pessoal garantisse que um analista tivesse uma boa escuta.

Antes, então, de responder à pergunta, vamos abordar a hipótese já levantada de que a análise pessoal seria a garantia para se ter uma boa escuta e, nesse ponto, recorro a Silvia Alonso, que aduz “[...] ainda que a análise pessoal seja condição primordial para tornar-se analista, ela não garante a escuta.”⁶.

Nesse sentido, faz-se necessário interrogar a função que a análise pessoal exerce no processo do tornar-se analista, visto ser condição *sine qua non* para tal. A análise pessoal seria coadjuvante na arte de escutar, pois auxiliaria para que não houvesse tantos ruídos, já que alguns ruídos não de existir na escuta psicanalítica, mas não garante essa condição – como afirma Silvia Alonso – porque, na análise, a escuta é de si e, portanto, não se aprende a desvelar o desconhecido do outro, o desvelamento é apenas de si – e isso já é bem trabalhoso.

Além disso, há diferentes formas e possibilidades de um analisando se (des)implicar na análise pessoal, porque as resistências também se fazem presentes nas análises dos analistas e, portanto, a escuta não está intrinsecamente atrelada ao andamento da análise pessoal.

Retornando, uma vez mais, à pergunta sobre se a disponibilidade intrínseca no ato de escutar seria um dom, um aprendizado, uma habilidade e ou um exercício, vamos à resposta: se a arte é um dom que pode ser aperfeiçoado por meio de estudos, técnicas e, conseqüentemente, com a prática, tem-se, portanto, que a arte de escutar também é um dom que pode ser lapidado com aprendizados teóricos e supervisionados, com a prática clínica e, assim, com um treino constante no sentido de alinhar todos esses elementos.

Por isso, penso que a arte da escuta é indiferente ao analista iniciante ou de longo percurso, porque, para todos, independentemente do tempo e do curso de graduação, há algo que o faz se interessar e mergulhar no desconhecido dito pelo outro. Com o passar dos anos, pondero que o analista pode apresentar uma escuta mais refinada e com mais delicadeza, mas a disponibilidade na arte de escutar se faz presente em qualquer momento da atuação profissional.

Talvez a palavra dom tenha provocado um certo incômodo, por denotar uma esfera mística, e do que os psicanalistas mais se esquivam é pensar nos fenômenos sobrenaturais, já que, vez ou outra, a psicanálise é convocada a se comprovar como uma ciência. Claro que a

⁶ ALONSO, S. L. **O tempo, a escuta, o feminino**: reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 111.

ideia aqui, leitor ou leitora, não é equiparar a arte de escutar a algum tipo de misticismo, mas pensá-la como uma capacidade de desempenhar uma escuta particularizada, que não é possível a todos. Portanto, a arte de escutar seria o dom de ter a disponibilidade de se aproximar do latente, mas a transmissão daquilo que se escuta seria um exercício feito pelo aparelho psíquico do analista, em como e quando ele transmitirá ou pontuará ao analisando o que escutou.

Antes que alguns leitores ou leitoras desistam de terminar a leitura dessa carta por discordar da utilização do termo dom, é oportuno citar que, no texto *Sobre Psicanálise Selvagem*, Freud criticou as intervenções abruptas e os excessos interpretativos e disse que “[...] na psicanálise, essas prescrições técnicas definidas substituem a exigência do inapreensível ‘tato médico’, que é visto como um *dom especial*”⁷.

Freud utiliza a ideia de que o dom especial se refere à interpretação, como ele bem destaca e ratifica a posição de 1910 no texto *Autobiografia*, de 1925, quando diz “[...] assim se constitui, no âmbito do trabalho analítico, *uma arte de interpretação*, cujo emprego bem-sucedido requer tato e exercício, é verdade, mas que não é difícil de aprender.”⁸.

E, em 1937, ao citar exemplos de casos nos quais fora anunciado um prazo do tratamento para o paciente, visando provocar efeitos no processo analítico, Freud fez a seguinte ponderação: “[...] e não se pode fornecer uma regra geral quanto ao momento certo de aplicar esse poderoso recurso técnico; termina por ser uma questão de tato.”⁹.

O tato utilizado por Freud nas três passagens citadas, o qual também é abordado por Ferenczi em *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1928), refere-se ao modo de enunciação do analista daquilo que ele escuta e que, portanto, a interpretação ou o manejo de recursos técnicos evoca o entrelaçamento do tato, da disponibilidade e da lapidação da escuta.

E a arte da escuta tem relação direta com a arte da interpretação, visto que esta depende necessariamente daquela. Desse modo, retomando a discussão sobre o dom, tem-se, na arte de escutar, como também na arte de interpretar, a fusão de um dom definido pela disposição em se aventurar pelo não manifesto atrelado a um trabalho de lapidação dos conceitos teóricos. Mas esse dom em escutar o desconhecido requer muito trabalho, inclusive

⁷ FREUD, S. [1910]. Sobre Psicanálise “Selvagem”. In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva** [O homem dos ratos], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 331; grifos meus.

⁸ FREUD, S. [1925]. Autobiografia. In: FREUD, S. **O eu e o id**, autobiografia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 123; grifos do autor.

⁹ FREUD, S. [1937]. Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**. Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 279.

para ser lapidado, salvo engano seja diferente no caso daqueles que não norteiam seu trabalho em pilares éticos.

A escuta psicanalítica exige a constância dos estudos, a manutenção da análise pessoal, a realização das supervisões, para que se aproxime da neutralidade e da agudeza na escuta e, conseqüentemente, se estabeleça o trabalho com certa atenção flutuante. Com outras palavras, a escuta só será analítica se for apoiada no conhecimento metapsicológico. Mas tais procedimentos podem se tornar protocolares no trabalho analítico se a escuta não for executada por um artista nato a ouvir o que é desconfortante e, muitas vezes, o que é da ordem do horror.

Nesse ponto, Fausto alerta, sobre a sua posição, ao dizer:

Esse ofício requer paciência, requer calma, requer poder ouvir e ficar quieto. Mas não precisa ser um processo de passividade, não precisa! Se você se entrega a uma coisa passiva, se enche, se cansa, e o ideal é que isso não aconteça. Então, tem que ser ativo e tem que ser produtivo, mas essa produtividade que não se mede em número [...]. Enfim, tudo isso, muito trabalho e um pouco de arte também.

A produtividade apontada por Fausto retrata, afinal, que o tornar-se um analista exige a constância de um trabalho de si, com a teoria e com o outro. Esse trabalho também foi destacado por Noah e Águia, ao considerarem um entrelaçamento da arte e da ciência no psicanalisar.

Noah afirma que:

É uma mistura de arte e ciência. Eu acho que a parte artística, a criatividade, a busca dos afetos, da capacidade intuitiva de captar fenômenos emocionais se aproximam muito da arte. O pensar sobre isso se aproxima muito da ciência, não é a ciência hegemônica, é uma outra ciência, é a ciência específica da psicanálise, que os epistemólogos estão sofrendo ainda para classificar.

Partindo da ideia de Noah, de que a psicanálise é uma ciência específica, mas que está atrelada à arte, e parafraseando o psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge, que aborda a arte de improvisar, há que se considerar que a psicanálise é a uma arte científica da improvisação.

Para Coutinho Jorge, o improvisar está presente nas diferentes formas artísticas, seja na música, no teatro e até na oratória. Na psicanálise não seria diferente, já que “[...] na

improvisação, trata-se de entrelaçar o conhecido com o desconhecido, e dar lugar ao desconhecido pode ser compreendido como dar lugar ao inconsciente.”¹⁰.

Dessa forma, não estamos falando de uma improvisação descabida e ilimitada, mas de uma ação talentosa e criativa oriunda de uma junção de fundamentos psicanalíticos (um saber) com o tato (um não saber), isto porque a elasticidade da técnica tem um limite pautado na posição ética do psicanalista.

Águia pontua sobre essa junção ao dizer:

Acho que o ofício da psicanálise fala sempre de artesanaria, então, está ligado à arte, artesanaria – arte. [...] Eu não tenho a menor sombra de dúvida que é um ofício, agora, no pensar metapsicológico desse ofício, seja quando você usa a metapsicologia para entender o que você fez, ou seja, como é que ela está amalgamada com a sua análise, seja quando você vai pensar conceitualmente, aí, eu acho que ela tem uma pegada de ciência também. Tenho pensado isso muito, recentemente, porque eu era resistente, para mim era sempre arte, artesanaria, eu acho que é a mistura de arte e ciência.

Corroborando o discurso de Águia, a autora Marialzira Perestrello¹¹ também atrela ao papel do psicanalista a fusão do artista com o cientista e ainda acrescenta o papel do filósofo, sendo que, no seu entendimento, a presença de uma ou outra posição irá variar de acordo com o momento e com a área de atuação, mas essa fusão estará sempre a serviço da veracidade.

Aquele que se propõe tornar-se um analista sabe que tem muito trabalho a fazer, pois unir a arte de escutar com o conhecimento teórico é um processo gradual, e esse trabalho em especial não pode – e nem tem como – ser feito às pressas, além das concessões e sacrifícios que deverá fazer, como o próprio Freud nos alertou.

Portanto para o médico não basta conhecer algumas conclusões da *psicanálise*; é preciso também familiarizar-se com a técnica, se quiser que sua *prática* médica seja guiada pelas concepções psicanalíticas. Essa técnica ainda não pode ser aprendida em livros, e certamente pode ser obtida apenas com grandes sacrifícios de tempo, esforço e resultados.¹².

Dessa forma, podemos entender que o dom especial citado por Freud não é aprendido em livros ou palestras, mas poderá ser desenvolvido por cada psicanalista por meio do enfrentamento paciente dos sacrifícios, esse dom irá determinar a particularidade da escuta

¹⁰ JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica**. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 240-241.

¹¹ PERESTRELLO, M. **Cartas a um jovem psicanalista**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

¹² FREUD, S. [1910]. Sobre Psicanálise “Selvagem”. In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva** [O homem dos ratos], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 331-332; grifos meus.

e, conseqüentemente, o estabelecimento da relação analítica com cada analisando. Assim, penso que alguns terão mais facilidade nesse processo, já que possuem certo talento e criatividade para tal, enquanto outros poderão desenvolver tal habilidade. Alguns sequer se interessam em escutar de fato o outro.

Ribeiro destaca que o desenvolvimento desse dom e do tato pode ser associado ao que Bion denominou de função psicanalítica da personalidade, para se referir a um processo inato de busca de conhecimento de si, ou seja, há um potencial “[...] movimento da mente humana de busca de sentido e da verdade das experiências emocionais, próprio de cada um.”¹³

Ogden¹⁴, citado e traduzido por Marina Ribeiro, elenca quatro princípios mentais presentes na função psicanalítica da personalidade, vindo a ser:

- 1) O pensamento é impulsionado (*driven*) pela necessidade humana de conhecer a verdade, realidade de quem somos nós e do que se passa em nossa vida. 2) É necessária a presença de duas mentes para pensar os pensamentos mais perturbadores de uma pessoa. 3) A capacidade de pensar é desenvolvida, para que uma pessoa se reconcilie com pensamentos que nascem de sua experiência emocional perturbadora. 4) Existe, inerente à personalidade, uma função psicanalítica: o sonhar – ou a *reverie* – esse é o processo principal, através do qual esta função se manifesta.¹⁵

Assim, a função psicanalítica da personalidade pode ser desenvolvida especialmente por aqueles que se submetem a um processo analítico, já que há um movimento em direção ao conhecimento, visto que, após acessá-lo, pode haver transformação daquilo que era desconfortante e perturbador.

No caso do analista, podemos considerar que se faz necessário desenvolver a função psicanalítica da personalidade visando o conhecimento de si e do outro e, nesse ponto, é que o dom especial se constitui, já que há uma disponibilidade psíquica particularizada (o que podemos denominar de pulsão epistemofílica) e uma capacidade de despir-se de si (possibilidade pelo desinteresse narcísico) para escutar o horror de um outro (devido a uma posição masoquista, simultânea a uma necessidade de reparação de objeto interno).

¹³ RIBEIRO, M. F. R. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, 2019, p. 181.

¹⁴ OGDEN, T. H. **Rediscovering psychoanalysis: thinking and dreaming, learning and forgetting.** New Library of Psychoanalysis. London: Routledge, 2009, p. 91.

¹⁵ RIBEIRO, M. F. R. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, 2019, p. 181.

Não há, portanto, um traço específico da personalidade que determine quem irá ou não se tornar um psicanalista, pois o tornar-se analista é, antes de tudo, um processo custoso, demorado e eterno.

Quando, nesta carta, me proponho a discorrer sobre a existência de um – e não mais – psicanalista em ação é porque, apesar de cada sessão de cada paciente evocar uma atuação, isso não necessariamente transforma o analista em diferentes – mais que um – analistas, como se houvesse um analista para cada sessão.

Com outras palavras, o analista se torna um analista para um determinado paciente, mas há algo em comum no trabalho do analista em todas as sessões com todos os pacientes, que é o seu estilo de trabalho orientado pela particularidade da sua escuta.

2.2 Carta ao psicanalista em si

O título desta carta parece ser um tanto pretensioso, por sugerir que irá apresentar para o leitor uma conclusão sobre o que é o psicanalista. Seria sorte e, ao mesmo tempo, muito audacioso conseguir, em poucas palavras, definir o psicanalista em si. Então, após uma possível decepção de alguns leitores ou leitoras por não ter, aqui, o intuito de tal aventura, vamos à questão sobre do que se trata esta carta.

Esta carta ainda abordará o processo do tornar-se analista, o qual já foi apresentado na carta anterior sobre a ótica da prática da escuta. Agora, manteremos o raciocínio num processo que se dá para além da leitura, da análise pessoal e da escuta, e convoca o analista existente no ato da sessão, sessão que essa pode ocorrer no consultório particular, em atendimento virtual ou em qualquer instituição. E, nesse sentido, vamos começar a abordar o assunto pelo prisma do enfrentamento, do entendimento e do manejo da transferência.

Não estou, aqui, ignorando elementos importantes como a leitura incessante, a escuta aguçada, a análise pessoal, bem como as supervisões, mas esses não garantem que um profissional se torne analista – no ato da sessão – se ele menosprezar ou não manejar a transferência.

Um analista iniciante pode estar pensando o quanto essa ponderação parece um tanto banal, porque um graduando de psicologia ou leigos curiosos poderiam dizer que sabem definir o conceito de transferência. Sim, pode ser de conhecimento de alguns que a transferência é um mecanismo que ocorre nas relações humanas – mas Freud estava interessado especificamente na relação médico-paciente – e que, para a psicanálise, é

primordial que se estabeleça a relação transferencial, por ser o motor da análise. Afinal, é devido à relação transferencial que o paciente reproduz quem ele é, como sente e como pensa.

O fato é que, ao saber a definição de transferência, as pessoas imaginam ter informações suficientes para identificá-la e manejá-la, e aqui está um grande engano. O analista nada – ou muito pouco – sabe desse fenômeno quando inicia a atuação profissional, aliás, pode ter o conhecimento teórico, mas não sabe o que de fato deve ser feito com algo que não é perceptível a olho nu e nem está sujeito a ser dominado ou controlado.

“Ler sobre a transferência, teorizá-la, ou mesmo discuti-la em pequenos grupos à base de instigantes exemplos é uma coisa. *Experimentá-la e manejá-la* é outra coisa, bem distinta.”¹⁶.

Nesse sentido, a palavra manejo está sempre presente quando se discute sobre a relação transferencial, pois esta não pode ser dominada, controlada, muito menos laçada e, portanto, o analista se depara constantemente com esse desafio e com a aprendizagem do real significado da transferência no seu trabalho. E já adianto que esse constante desafio, bem como a percepção do que se trata a transferência no trabalho analítico, será abordado aqui de forma incompleta, pois, como Freud¹⁷ nos alertou, a transferência é um tema praticamente inesgotável.

Percebe-se o quanto esse tema não se esgota pela contínua produção crítica a seu respeito, entre trabalhos, textos e escritos de autores como Freud (1905, 1912, 1914), Ferenczi (1909, 1924), Racker (1948, 1951, 1953), Winnicott (1949), Paula Heiman (1950), Luis Claudio Figueiredo (2003), Marion Minerbo (2020), dentre outros, com foco na relação transferencial-contratransferencial, e ainda há o que ser dito, por ser essa relação um fenômeno que mantém o trabalho do analista em movimento.

Entendemos que a transferência é a responsável por determinar o modo e o tipo de movimento que será estabelecido no *setting* analítico, independentemente da linhagem teórico-clínica ou do teórico de referência. Não cabe, aqui, uma discussão delineada sobre tipos de transferência – seja a negativa¹⁸ ou a positiva¹⁹, descritas por Freud²⁰, seja a

¹⁶ SANTOS, L. A. R. **O trabalho do psicanalista**: faz dificuldades da prática aos riscos do narcisismo profissional. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 85; grifos do autor.

¹⁷ FREUD, S. [1912]. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia** (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁸ Nesse tipo de relação transferencial, há uma prevalência de sentimentos hostis e agressivos direcionados à figura do analista, dificultando, assim, o processo analítico pela potencialização da resistência.

¹⁹ A relação transferencial positiva favorece o processo analítico, devido à presença de sentimentos ditos como bons, por exemplo, empatia, respeito, admiração, dentre outros, direcionados à figura do analista.

²⁰ FREUD, S. [1912]. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia** (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

neurótica²¹ ou a psicótica²², explicitadas por Minerbo²³, seja a implícita²⁴ ou a explícita²⁵, indicadas por Neyraut²⁶, seja a do tipo cruzada²⁷, que Minerbo²⁸ detalha na relação clínica –, pois o olhar que está sendo lançado independe do tipo específico de transferência ou do autor de referência, já que a preocupação está voltada ao movimento que qualquer uma dessas transferências fazem ecoar no trabalho do analista.

Então, vamos nos debruçar sobre alguns desses modos e tipos de movimentos, e serão de fato alguns, por saber da impossibilidade de descrever todos. De início, podemos pensar nos movimentos oriundos dos ensinamentos que a transferência faz eclodir na relação analítica, dos quais tanto analista quanto analisando podem se beneficiar.

Mas quais seriam esses ensinamentos? Os analistas que atuam ou atuaram conseguiriam elencar algo que aprenderam na e com a relação transferencial?

Espero demasiadamente que as respostas das perguntas acima sejam afirmativas e cada analista possa localizar algum aprendizado na e com a relação transferencial, pois, caso isso ainda não tenha acontecido, será no mínimo estranho – para não falar preocupante. E, claro, tais ensinamentos só serão possíveis depois do analista ter caído nas armadilhas transferenciais. E não uso o termo armadilha com uma conotação arquitetada diabolicamente pelo analisando e que fará o analista se machucar terrivelmente, mas, sim, pela sutil e latente forma do analisando repetir suas demandas específicas com a figura do analista – o que Neyraut²⁹ vai chamar de transferência implícita, por estar imperceptível para o analista.

Como ocorreu com a Clarice sobre um atendimento em específico:

Então, o encontro com a W foi muito fundamental para mim, eu falo disso muitas vezes que me colocam para falar alguma coisa de psicanálise porque eu aprendi muito sobre a psicose, sobre a transferência especialmente. Ela era uma psicótica gravíssima que fazia tentativas de suicídio com frequência

²¹ Na transferência neurótica, não há deturpações da realidade, pois evidencia-se o desejo infantil e, por isso, o tipo de identificação presente nessa relação será a histérica.

²² Na transferência psicótica, há deturpações da realidade, pois se evidencia o modo de percepção primitiva, arcaica, e o tipo de identificação presente nessa relação será a narcísica.

²³ MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Serie Psicanálise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020.

²⁴ Nesse tipo de transferência, o analisando dificulta ao máximo o acesso aos elementos transferenciais e estes só poderão ser conhecidos ou adivinhados pelo analista em um momento de cisão ou de enroscada.

²⁵ Nesse tipo de transferência, o analisando se manifesta verbalmente ou por produções, por exemplo. os sonhos, os elementos importantes e perturbadores da vida psíquica.

²⁶ NEYRAUT, M. **Le transfert**. Paris: PUF, 1974.

²⁷ A transferência cruzada ocorre na relação clínica quando atua a criança-no-adulto, ambos envolvidos na relação analítica, ou seja, tanto analista quanto analisando estarão sob a influência do tipo de relação estabelecida pela criança presente em cada um.

²⁸ MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Série Psicanálise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020.

²⁹ NEYRAUT, M. **Le transfert**. Paris: PUF, 1974.

e que gostava muito de mim, e eu gostava muito dela também. E, às vezes, no Caps, ela pedia: ‘Clarice posso te dar um abraço?’ e eu falava ‘sim’ e ela me dava um abraço, e aí eu sonhava, Carol. Muitas vezes eu tinha sonhos recorrentes de que eu estava dormindo e de repente a W estava na minha cama, e ela me abraçava e eu acordava sufocada. Ou, no sonho, ela pedia ‘posso te dar um abraço?’ e, como era frequente, eu dizia ‘sim!’ e ela me abraçava, abraçava e abraçava, até me sufocar e eu acordava sem ar. E eu entendi isso na minha análise muito como uma advertência do inconsciente para não acreditar nesse amor, o que o Lacan chama de amor morto pois faz Um. E, de fato, depois a coisa se agravava e ela me odiava e a coisa virava. Acho que isso foi uma experiência muito fundamental sobre o papel do analista, sobre esse semblante de sujeito suposto saber e a possibilidade de dar ali e de descolar, enfim, acho que aprendi muito com ela e depois isso serviu muito para a clínica. Serve até hoje, aliás.

Pensando especificamente sobre a vivência que a Clarice relata com a paciente W, é inevitável não lembrar o que Freud³⁰ experienciou com Dora, quando ele confessou os entraves ocorridos devido à análise da transferência desse caso. Inclusive, foi uma interpretação malsucedida que possibilitou a Freud avançar em alguns aspectos teóricos, sendo um deles a importância de a contratransferência estar dominada pelo analista, mas trataremos da contratransferência mais adiante.

Então, nesse caso, fica evidente que as armadilhas transferenciais são inevitáveis, só que, ao mesmo tempo, é esse tropeço que possibilita ao analista enxergar algo que não estava sendo verbalizado pelo analisando e que, ao ser detectado pelo analista, possibilita avanços na análise.

Tais armadilhas transferenciais ocorrem o todo tempo com qualquer paciente e, por isso, o analista iniciante ou o de longo prazo estarão sempre sujeitos a tropeçar nessas armadilhas e aprender com elas, mantendo um modo específico de movimentação na relação analítica.

A multiplicidade de histórias retratadas pelos pacientes é uma outra forma de movimentação provocada pela transferência no trabalho analítico, pois tais histórias não significam apenas uma descrição detalhada de um fato ou de uma cena, mas representam como os pacientes estabelecem relação com o outro, logo, com o mundo e, conseqüentemente, o analista em ação está sujeito às múltiplas formas de relação. E, nesse sentido, Marion Minerbo alerta, dizendo que “[...] nosso trabalho exige, também, reconhecer e interpretar

³⁰ FREUD, S. [1905a]. Análise Fragmentária de uma histeria [O caso Dora, 1905 [1901]]. In: FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, Análise Fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

como modos de ser, de sofrer *singulares* se atualizam na situação analítica viva, protagonizada por analista e paciente.”³¹.

Esse tipo de movimentação no trabalho analítico foi descrito por Ulisses, ao dizer:

[...] a experiência que é sempre nova, um dia não é igual ao outro, de um analisando igual ao outro, os analisandos vão se transformando e as sessões são sempre novas, então, a gente aparentemente tem uma vida monótona. Às vezes, tem dia que atendo 10 pessoas, 11 pessoas, enfim, estou ali sentado, só pelo som, às vezes imagem também, no entanto, a minha ideia é de que meu dia foi cheíssimo, riquíssimo, porque a quantidade de coisas novas que eu estou continuamente encontrando, e essa novidade permanente, eu acho que é um elemento extraordinário de vitalização.

O suportar as inúmeras relações estabelecidas no *setting* analítico – e que, às vezes, podem ocorrer em forma de ataque, já que a transferência também pode ser negativa – e, ao mesmo tempo, se deliciar com essa diversidade é uma forma, conforme Ulisses descreveu, de vitalização e, conseqüentemente, de se manter sempre em movimento, apesar do tempo longo de tratamento com um determinado analisando.

Interessante pensar no termo vitalização, já que há algo de vital, de essencial que mantém viva a relação estabelecida entre analista e analisando, sendo que, por parte do analista, as inúmeras histórias e relações com os analisandos ocupam uma função vitalizadora, já que a fusão da pulsão de vida e de morte também se faz presente na relação analítica.

Se, por um lado, há as armadilhas nas transferências, os desafios da resistência, o constante acesso às profundezas escabrosas do ser humano, que levam a pulsão a se satisfazer de forma masoquista, por outro lado, há uma forma específica de se relacionar, prazerosamente, com inúmeras histórias que proporcionam uma satisfação revigorante e revitalizadora para o analista.

Nessa mesma linha de raciocínio, Fausto comenta sobre os benefícios que o analista usufrui por conviver com tantas histórias:

Mas, veja só, eu faço uma coisa que eu preciso falar com pessoas. Eu falo que o meu trabalho é ouvir, falar e isso é muito bom para não ficar preso em um noticiário da televisão e, portanto, para manter o subjetivo aberto. E, nesse sentido, é uma profissão muito boa, do ponto de vista humano é muito bom.

E, em consonância com a ideia apresentada por Fausto, Alencar expõe que:

³¹ MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Série Psicanálise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020, p. 25; grifos da autora.

O ofício do analista é poder ter a disponibilidade afetiva de se envolver com pessoas e estabelecer diferentes relacionamentos. Seriam uns 15, 20 relacionamentos ao mesmo tempo por ano e tentar que esses relacionamentos tenham valor terapêutico para pessoas. Porque se tem alguma coisa que funciona e tem valor terapêutico é o relacionamento humano. Então, a tarefa do analista é poder se envolver com pessoas profundamente ou o mais que ele conseguir e tentar ajudá-las a crescer.

No entanto, a humanização da profissão retratada nas falas de Fausto e Alencar só é absorvida por aqueles que aprendem com a relação transferencial, sem permanecer em um dogmatismo de certo *versus* errado, domínio *versus* submissão, rigidez *versus* flexibilização, e não se distanciam dos aprendizados decorrentes dos tropeços e, assim, aprendem com a experiência vivida, pois, ela se torna fonte de disposição investigativa.

E, por fim, mas não menos importante, cabe abordar a questão do manejo da transferência, por também ser um modo de movimentação do trabalho analítico, afinal, o manejo possibilita o aprofundamento, a iluminação e a intervenção de questões do analisando.

Entendo que aqui seria necessário distinguir as diferentes posições de teóricos quanto ao entendimento de como trabalhar, ou melhor, interpretar *na* ou *pela* transferência. Só que acredito que o leitor ou a leitora possa compreender que meu intuito não é a defesa de qual é o melhor teórico ou linhagem teórico-clínica, como se houvesse um modo correto de trabalhar a transferência.

Independentemente de qual seja a preferência teórica, pressupõe-se que o leitor entenderá o que os autores teorizaram sobre a transferência, mas o ponto é que, mesmo tendo conhecimento teórico, o manejo em si é aprendido caso a caso, em cada supervisão, em cada tropeço e, portanto, o manejar a transferência evoca o analista em si.

Agora vocês podem estar se interrogando o porquê desse trabalho em falar dos diferentes modos e tipos de movimentação que a transferência estabelece na prática clínica, já que não será possível descrever todos eles. Isso foi feito justamente para enfatizar a importância do analista no enfrentamento da transferência, para, depois, entendê-la e poder manejá-la – o que não é fácil –, aliás, o manejo da transferência instala um desafio constante ao analista.

Mas o desafio do analista não se encerra no manejo da transferência, pois, nessa relação transferencial, o que o paciente destina ao analista pode ressoar na pessoa deste – de diferentes modos –, vindo a ocorrer o fenômeno denominado de contratransferência.

Voltando, então, ao aprendizado e à reformulação freudiana após o ocorrido no caso Dora, a contratransferência há de ser dominada, enquanto a transferência há de ser manejada. Nesse sentido, para Freud, o relato, o discurso, os trejeitos do paciente podem acionar algo no analista, mesmo este levando à risca – ou tentando – a atenção flutuante e a neutralidade e, portanto, o analista precisa identificar e dominar o que foi acionado em si mesmo.

Minerbo descreve uma passagem curiosa a respeito do posicionamento freudiano sobre a contratransferência, visto que, em uma resposta à queixa de Jung sobre os impasses sedutores vividos com a paciente Sabina Spielrein, Freud aduz que ele próprio havia escapado por pouco de uma semelhante situação e afirmou: “Mas isso não prejudica em nada. Nossa pele fica calejada, dominamos a contratransferência na qual somos colocados o tempo todo (um problema permanente para nós). [...] É uma benção disfarçada.”³².

Tal afirmação freudiana revela uma certa ironia por sutilmente indicar que o domínio da contratransferência parece ser, disfarçadamente, algo fácil para o analista, mas, ao mesmo tempo, carrega um imperativo de que esse caminho é o único a ser seguido; e de fato é.

Alguns autores estudaram a relação estabelecida entre analista-analisando na dita relação transferencial - contratransferencial, visando descrever o que acontece, no ato da sessão, com a mente do analista. Eles se questionaram, de certa forma, sobre o que acontece com o analista-analisando no momento da sessão? Por que o analista é tomado de imagens, pensamentos ou sentimentos em uma determinada sessão?

Desses autores que se dedicaram a estudar a respeito da relação estabelecida entre analista-analisando, há, por exemplo, Bion, que apresentou a ideia de *reverie*, a qual pode se entender como o estado mental receptivo do analista em metabolizar o conteúdo recebido do paciente, para poder anunciá-lo ao paciente e propiciar transformações.

O termo *reverie* pode ser aplicado a quase qualquer conteúdo. Desejo reservá-lo apenas para o conteúdo repleto de amor ou ódio. Usando-o nesse sentido mais restrito, a *reverie* é este estado da mente que está aberto à recepção de quaisquer ‘objetos’ provindos do objeto amado e, portanto, é capaz de receber as identificações-projetivas do infante sejam elas boas ou más. Em suma, a *reverie* é um fator da função-alfa da mãe.³³

Nesse sentido, a *reverie* corresponde a uma capacidade do analista, proporcionada pela função alfa, a qual não é inata e sim desenvolvida através da relação estabelecida com a figura

³² MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Série Psicanálise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020, p. 58.

³³ BION, W. **Learning from experience**. Karnac: Maresfield, 1962, p. 303.

materna e com os demais cuidadores da criança, que digerem as sensações que a criança ainda não é capaz de metabolizar.

Dessa forma, o desenvolvimento da função alfa possibilitará que o sujeito consiga “[...] operar transformações em experiências sensoriais, em tensão e em emoções – em termos gerais, em todos os elementos externos e internos que demandam e pressionam a mente e personalidade de um indivíduo.”³⁴.

Odgen esclarece que para ele a *reverie* vai além da capacidade mental ativa do analista, pois também inclui “[...] um conjunto variado de estados psicológicos que parecem refletir a autoabsorção narcisista do analista, sua reflexividade obsessiva, seus pensamentos oníricos em vigília, fantasias sexuais e assim por diante.”³⁵.

Nesse sentido, podemos entender que a relação estabelecida entre analista-analisando exigirá um trabalho interno por parte do analista em receber algo do analisando e, após decodificar o que está sendo direcionado pelo analisando, fazer o trabalho de metabolização, ou seja, a ação de transformar algo em alguma outra coisa. Há, portanto, nessa ação, uma capacidade interna do analista de colocar em ação a digestão e, conseqüentemente, a perlaboração de situações vivenciadas pelo analisando.

Outros autores que se dedicaram aos estudos sobre a relação analista-analisando foram Madeleine e Willy Baranger, também conhecidos como o casal Baranger, que nomearam de campo analítico o encontro estabelecido entre analista e analisando, por entender que no campo há forças e fantasias inconscientes compartilhados.

O campo analítico, portanto, existirá a partir da relação estabelecida pela dupla, mas esse campo “[...] é duplo ou múltiplo. Nunca se trata de situação única, mas de situações superpostas ou mescladas, distintas, mas nunca bem delimitadas, o que nos orienta para um novo aspecto, de importância particular, desse novo campo.”³⁶.

Dessa forma, o campo passa a ser um lugar e um momento em que eclodem as forças, as fantasias, as emoções geradas pelo encontro da dupla analista e analisando e a partir dessa eclosão é que se inicia o exercício da *reverie*.

³⁴ NERI, C. A noção ampliada de campo em psicanálise. In: FERRO, A.; BASILE R. (org.). **Campo analítico: um conceito clínico**. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 59.

³⁵ OGDEN, T. H. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: FERRO, A.; BASILE R. (org.). **Campo analítico: um conceito clínico**. Organizadores: Antonino Ferro, Roberto Basile. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 153.

³⁶ BARANGER, M.; BARANGER, W. **A situação analítica como um campo dinâmico**. Livro anual de Psicanálise. Uruguai: Escuta, 2010, p. 190.

Para Ogden³⁷, a *reverie* não é uma condição exclusiva do analista, ou do analisando, pois, na perspectiva do autor, ela irá emergir do encontro do par analítico, o que contingencia a constituição do terceiro analítico. Assim, o conceito de terceiro analítico está intrinsicamente ligado “[...] aos fenômenos que ocorrem durante a sessão”³⁸ e que retratam a interligação intersubjetiva da dupla.

Assim, independentemente do conceito criado por esse ou aquele psicanalista renomado, o que chama a atenção é que estudar os fenômenos presentes na relação estabelecida entre a dupla evidencia o quanto um psicanalista atua, especificamente, nessa relação.

A respeito, ainda, das considerações sobre a relação estabelecida entre analista e analisando, Luís Claudio Figueiredo direciona um olhar para o que ocorre com a mente do analista no momento do encontro analítico, e ele adverte o quanto a mente do analista é afetada constantemente pela transferência:

O que nos interessa, contudo, é ressaltar que, se a transferência está em toda parte, a mente do analista está, por assim dizer, ‘sitiada’. Desde a situação analisante, as Transferências se irradiam e lateralizam. A mente do analista opera, portanto, cercada pelas Transferências e, inevitavelmente, suas contratransferências são também muito mais complexas e abrangentes do que se supunham.³⁹

Em se tratando, ainda, dos fenômenos estabelecidos na relação entre analista-analisando, recorremos a Racker, que exorta a ideia de que transferência e contratransferência devem ser compreendidas como inseparáveis, ou seja, é uma relação fusional e não causal. E tal colocação indica que o domínio de uma está necessariamente interligado ao manejo da outra, e que, portanto, os desafios descritos acima em relação aos modos e tipos de movimentação provocados pela transferência também respingam na contratransferência.

Ou seja, trata-se de uma situação dual. Mas a situação analítica também não é dual: ela não é formada propriamente por duas pessoas. Pensar assim eliminaria a ambiguidade essencial à situação, condição necessária para que a análise aconteça. Pois o analista é, e ao mesmo tempo, não é, uma pessoa, já que empresta seu corpo-alma para ser moldado pela transferência. Idealmente, ele esvazia de sua pessoa ‘real’ (por exemplo, juízos de valor ou opiniões pessoais) – mas não da matéria viva do seu psiquismo – para deixar

³⁷ OGDEN, T. H. *Reverie and Interpretation*. In: OGDEN, T. H. **Reverie and Interpretation** – Sensing Something Human. Northvale: Jason Aronson Inc. 1997.

³⁸ NERI, C. A noção ampliada de campo em psicanálise. In: FERRO, A.; BASILE R. (org.). **Campo analítico: um conceito clínico**. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 55.

³⁹ FIGUEIREDO, L. C. **A mente do analista**. São Paulo: Escuta, 2021, p. 104.

que a transferência convoque nele certos aspectos que são-ele-com-esse-paciente. É claro que esses aspectos são reais, mas são reais-naquela-análise. Outros aspectos serão reais-em-outra-análise.⁴⁰

Com outras palavras, manejar a transferência evoca o analista em si, o que, ao mesmo tempo, exige dominar a contratransferência, para não evocar o sujeito que existe no analista.

E como dominar um fenômeno que ocorre nas entrelinhas da relação analítica?

Minerbo⁴¹ aponta que uma das formas de dominar a contratransferência é o analista assumindo a sua parte de responsabilidade nessa forma de relação, pois, caso contrário, o analista pode contra-atuar e sua atuação contra-a-transferência interferirá negativamente no processo analítico.

A contratransferência não só pode perturbar ou ajudar a compreensão do analista e a sua capacidade de interpretar os conflitos inconscientes do paciente, mas também, ao codeterminar a atitude do analista diante do paciente, codetermina os destinos da transferência; pois o analista é o objeto da transferência e a atitude deste objeto, o que por sua vez influi sobre a transferência. Assim, sendo a contratransferência decisiva para a transferência e sua elaboração, ela o será também para todo o tratamento. Além disso, assim como *a transferência, segundo Freud, é o campo onde são travadas as batalhas principais pelo extermínio das resistências, a contratransferência será a outra metade do campo, onde são travadas as batalhas principais pelo extermínio das resistências do analista, as contrarresistências.*⁴²

O referido autor enfatiza que o analista ocupa o lugar de um objeto na relação transferencial e, nesse sentido, Lacan corrobora essa ideia, ao indicar que a contratransferência seria uma forma do analista resistir em ocupar esse lugar do objeto, por isso o uso do termo contraresistência.

“Logo, a contratransferência não deve ser situada entre o analista e o paciente, mas entre o analista e o lugar, entre o analista e o lugar do objeto.”⁴³

Assim, a contratransferência vai além de uma reação à transferência, pois implica também os obstáculos instalados por parte do analista, já que este pode nutrir erroneamente afetos pelo analisando e, ainda, escolher qual conteúdo irá ser interpretado.

Nasio⁴⁴ nos alerta para a diferença da resistência da transferência, a qual pode ser interpretada e utilizada como ferramenta no trabalho analítico, para a resistência da

⁴⁰ MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Série Psicanálise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020, p. 51.

⁴¹ Ibidem.

⁴² RACKER, H. **Estudos sobre técnica psicanalítica**. Trad. José Claudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, p. 24; grifos meus.

⁴³ NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, p. 106.

contratransferência, que é um equívoco que não é passível de interpretação e, portanto, sem função no trabalho analítico.

Assim, dominar a contratransferência torna-se tão essencial quanto manejar a transferência no que se refere ao andamento do trabalho analítico, para que, assim, um psicanalista possa ocupar tal função.

Vale esclarecer que não houve nenhuma pergunta específica aos participantes dessa pesquisa sobre a transferência-contratransferência, ou sobre o tornar-se analista e nem sobre a figura do analista em si. Mas a transferência apareceu nos discursos dos entrevistados do mesmo modo que ocorre nas relações humanas: nas entrelinhas. Por isso, não é possível tornar-se um analista, se se acredita dominar a transferência.

A transferência indica mais do que o lugar em que o analista é colocado pelo paciente, mais do que as moções depositadas na figura do analista, mais do que a repetição das relações estabelecidas pelos analisandos, ela indica a via pela qual o analista conduzirá o tratamento, atravessando necessariamente as resistências, para que não se tornem um obstáculo na análise.

E, além disso, ela ainda indica que é somente pelo estabelecimento e, principalmente, o manejo da transferência que se faz existir um psicanalista. No entanto, para que isso seja possível, o analista não pode resistir em reconhecer a contratransferência, pois só assim conseguirá dominá-la, sendo que Racker já alertava que, por mais analisado que o analista esteja, este não está livre de sua neurose, pois “[...] em alguma medida, presente e passado, realidade e fantasia, permeiam sempre sua relação com o paciente.”⁴⁵.

Nesse sentido, Lacan nos adverte que:

Também o analista tem que pagar:

- pagar com as palavras, sem dúvida, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação;
- mas pagar também com a sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência;
- e haveremos de esquecer que ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (*Kern unseres Wesens*, escreveu Freud): seria ele o único a ficar de fora do jogo?⁴⁶

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. Serie Psicanalise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020, p. 116.

⁴⁶ LACAN, J. [1958]. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 593.

E, para o desfecho desta carta, deixo em destaque para o leitor uma colocação feita por Alencar, que ilustra a importância e o desafio do analista em entender que, no seu trabalho, a transferência e a contratransferência não podem ser ignoradas, invalidadas e nem idealizadas. “Tem que ter uma disponibilidade bastante significativa e é muito difícil você não só ser analista, mas você continuar sendo analista com o mesmo analisando.”.

3 CARTAS DA FORMAÇÃO

É interessante pensar que as cartas sobre a formação em psicanálise se encontram após as cartas sobre o tornar-se analista e antes das cartas sobre o manter-se atuando como tal, pois, apesar do famoso tripé (análise pessoal, estudos e supervisão) ser conhecido desde cedo pelos aspirantes da psicanálise, a formação é algo que será compreendido gradativamente.

Apesar de não ter sido calculado, parece providencial abordar a formação do analista depois de um tempo de atuação nesse ofício, não porque no início do percurso não haverá uma preocupação com a formação – ao contrário, ela torna-se uma obrigatoriedade a ser seguida pelo iniciante –, mas a compreensão do que se trata a formação de fato vai ser capturada aos poucos e isso proporciona um modo singular de se relacionar com essa tão antiga recomendação freudiana.

Assim, entende-se que a leitura das próximas cartas possa ter compreensões distintas a depender do momento em que o leitor ou a leitora estiverem no percurso psicanalítico, e não há problema em relação a essa diferença, pois ela é inevitável justamente pelo que se entende da importância e do significado da formação de psicanalistas.

Desejo uma boa leitura e uma formação singular e contínua.

3.1 Carta sobre o manter-se em uma ou mais relação com a teoria

Caro leitor ou cara leitora, o título desta carta indica que começamos a desbravar o caminho daquele que se mantém atuando como psicanalista por muitos anos, no mínimo 10 anos, e que, portanto, iniciaremos as reflexões e descobertas sobre aquele que fez uma escolha, tornou-se psicanalista e, agora, segue atuando como tal.

E, nessa atuação, está incorporado o fato de continuar estudando e ter seu trabalho direcionado por uma teoria, que no caso é a psicanalítica. E qual autor escolher? Por que manter os estudos destinados a uma única linhagem teórico-clínica ou a um autor específico?

Primeiro, precisamos dizer que o analista recém-formado, muitas vezes, destina a sua leitura a um autor que lhe foi apresentado com mais ênfase na graduação ou, como já discutimos anteriormente, seus estudos se destinam a um autor por identificar-se com o professor, que poderia ser kleiniano, bioniano, lacaniano ou tantos outros.

Com o passar dos anos, o psicanalista pode descobrir outros autores do seu interesse ou manter-se dedicado a estudar especificamente uma linhagem teórico-clínica ou um autor, conforme indicado por alguns dos nossos entrevistados.

Clarice e Rebeca foram diretas ao simplesmente responder: “Mantive!” (referindo-se à mesma preferência teórica). Da mesma forma, Glaucia também indicou a continuidade dos seus estudos em dois autores específicos, ao dizer: “Não houve mudança, sempre Lacan e Freud. Não houve mudança.”.

Já Alencar explicou com mais detalhes a transição entre dois autores:

Eu inicialmente tentei buscar referências dentro do próprio Freud sobre a questão da psicose e encontrei. Mas eu fui levado a procurar também outros autores e aí me deparei com Winnicott, que é um autor que – eu diria que hoje em dia dentro dos autores da psicanálise – é o meu interlocutor privilegiado. Eu digo interlocutor porque eu gosto muito da ideia de um diálogo e não de uma submissão a nenhum autor. Então, eu acabei, gradualmente, deslocando do Freud para o Winnicott.

Agora, vamos nos ater nesses profissionais que escolheram, por alguma razão, um autor ou uma linhagem teórico-clínica de preferência. Isso seria errado? Ou isso seria, no mínimo, o correto?

Não cabe aqui dizer se é certo ou errado escolher uma linhagem teórico-clínica ou um autor de preferência que norteie a atuação do analista, mas dizer que, de certa forma, há razões para tal dedicação. Pois é extremamente trabalhoso conhecer vários teóricos da psicanálise, e quando se dedica a uma linhagem teórico-clínica ou autor em especial, tem-se, além da identificação, o compromisso de mergulhar em todas as obras e conhecer todos os conceitos do referido autor – o que é admirável. Afinal, qualquer mergulho em um único autor exige um comprometimento com a linha de raciocínio e uma admiração das possibilidades daquela intervenção analítica.

Por outro lado, é importantíssimo ressaltar o cuidado que se deve ter em colocar o teórico de preferência em um lugar de idolatria e, conseqüentemente, o analista manter-se submisso a ele. Portanto, a não idolatria possibilitaria ao estudioso enxergar, apesar de toda a maestria do referido teórico, que uma determinada linha de raciocínio não é perfeita ou completa. Nesse sentido, a posição de Alencar ao indicar o interlocutor privilegiado seria um cuidado em reconhecer a limitação teórica de tal autor.

Lamentamos dizer de maneira tão franca que o autor de preferência não apresenta respostas para todas as perguntas. Mas não há nada de errado nisso, aliás, é exatamente pela

impossibilidade de responder tudo, que os teóricos se mantêm como referência em um determinado recorte e, claro, os analisandos se beneficiam disto.

Retornando ao ponto da idolatria, o que se faz necessário é atentar para a relação que o analista estabelece com uma linhagem teórico-clínica ou um autor, e que tal relação não pode enrijecer a escuta e a atuação do analista, impactando de forma negativa na direção do tratamento.

Silvia Alonso¹ pondera que a fidelização a um único autor ou linhagem teórico-clínica pode significar uma tentativa de se esquivar da instabilidade vivenciada pela prática clínica e, assim, se pautar em uma “estabilidade narcísica” por meio da idolatria a um pensamento, podendo, dessa forma, se tornar um copiador do mestre.

Nesse sentido, Akhtar nos adverte que

[...] uma fidelidade rígida a um ou outro tipo de pensamento analítico pode estreitar a forma como o analista escuta o paciente. Pior, pode levar a uma situação onde o analista absolutamente não escuta, porque a sua teoria oferece a ele uma compensação pré-formulada e estereotipada.²

O referido autor destaca a necessidade do analista não se filiar a um único modelo teórico para que ele, de fato, consiga escutar o que o paciente está tentando comunicar, na justificativa de que a escuta estaria restrita se seguir um único pensamento teórico. Entretanto, tal posicionamento faria sentido se houvesse uma fidelização hipnótica e uma submissão idolátrica.

Nesse sentido, Noah faz um destaque em relação ao vínculo prejudicial que antigamente alguns analistas estabeleciam com a própria psicanálise, ao dizer:

Não é raro você ver a psicanálise ser uma religião e o autor um Deus, e os discípulos são os sacerdotes, esse é um dos grandes perigos da psicanálise. Isso era mais comum antigamente, a psicanálise contemporânea diminuiu esse risco... por uma série de motivos que têm a ver com mudanças culturais.

Não é um problema, tampouco um erro se autonear como freudiano, kleiniano, winnicottiano, bioniano, lacaniano e assim por diante, ou seja, não há razões para se envergonhar de ter um posicionamento teórico que orienta o seu olhar e o seu raciocínio

¹ ALONSO, S. L. A construção do analista. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**, v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

² AKHTAR, S. **Escuta psicanalítica: métodos, limites e inovações**. São Paulo: Blucher, 2016, p. 179.

clínico, há apenas um cuidado para que essa escolha teórica ou do autor não tenha como função de cegar o profissional.

Aqui, talvez seja importante diferenciar a denominação freudiano, kleiniano, winnicottiano, bioniano e lacaniano dos termos freudismo, kleinismo, winnicottianismo, bionismo e lacanismo, ou seja, um profissional ter um teórico de preferência (no caso quando se faz uso do sufixo “iano”) não necessariamente estabelece uma relação enrijecida ou adoecida com o autor ou com a teoria (nesse caso seria o sufixo “ismo”).

É importante compreender que a era dos debates³ se findou em um período da história da psicanálise no qual os psicanalistas se desafiavam quanto ao domínio da teoria e guerreavam para saber quem era o mais psicanalista.

E que a era da circulação das informações e das descobertas se estabeleceu após 1975⁴. Manter-se alinhado a um único pensamento analítico deve se tratar de mais uma escolha pessoal do que idolatria ou cegueira e/ou aversão quanto aos outros olhares psicanalíticos.

Tratando de outros olhares psicanalíticos, há aqueles profissionais que se debruçam sobre mais de um autor ou teórico de preferência. Em vários meios de comunicação, cursos diversos de graduação, sites e blogs não renomados, dentre outros, dissertam enfaticamente sobre Sigmund Freud – ora destacando positivamente suas descobertas, ora com críticas severas – e é possível entender esse foco voltado a ele por ser o principal pensador da psicanálise; no entanto, não é o único.

Para alguns estudiosos da psicanálise, a teoria freudiana será sempre considerada o alicerce que possibilitou a outros teóricos avançar e aperfeiçoar a teoria psicanalítica, e que o próprio Freud nos ensinou a expandir os horizontes do saber, usufruindo de outras ciências e/ou teorias, bem como de se atentar ao que já estava sendo teorizado por outros pensadores.

Nesse sentido, leitor ou leitora, vale lembrar que, na graduação de medicina, Freud fez aulas que não se restringiam a medicina apenas. A biografia de Ernest Jones⁵ detalha as disciplinas estudadas por Freud ao longo de cada semestre da graduação, como, por exemplo: no primeiro semestre, estudou anatomia, botânica, química, microscopia e mineralogia; no segundo semestre, se debruçou sobre anatomia, física, fisiologia, zoologia e filosofia; e assim por diante, além de diversos cursos extras pelos quais ele se interessou ao longo dos seus estudos.

³ MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁴ Ibidem.

⁵ JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1989.

Podemos entender, dessa postura freudiana, que o diálogo com outros saberes se torna essencial no processo de construção de um analista, por mais que uma teoria em si pareça estar desvinculada de outras ciências para poder existir. É justamente o conhecimento e o diálogo com esses diferentes saberes que possibilita a existência de uma teoria ou de um analista.

Então, alguns dos nossos entrevistados mantiveram essa postura freudiana dentro da própria psicanálise e não se vincularam a um único teórico psicanalítico, e se engendraram nos olhares e saberes de outros pensadores. Quanto a isso, Petúnia sinaliza: “Eu tenho vários teóricos. Eu não sou freudiana, eu sempre digo que sou Petúniana. Os autores que me interessam eu incorporo, eu assimilo, então, não tenho compromisso com nenhuma teoria, eu trabalho com o que eu entendo que seja psicanálise.”.

E Fausto também comenta:

A linha predominante onde eu morava era kleiniana, fortemente kleiniana, kleiniana boa. Eu aprendi muito estudando Melanie Klein e estudando pós-kleinianos como Bion, Medici, enfim, pós-kleinianos bons. E estudei muito, mas nunca me fechei. Em uma instituição, uma vez discutimos um caso clínico, fizemos uma apresentação pública com colegas do departamento de adolescente, falamos sobre o conceito de identidade e o conceito de identidade é muito questionado na psicanálise. Então, trabalhamos muito o conceito de identificação e ele é questionável. Mas, por exemplo, trabalhamos com uma leitura maravilhosa de Eric Erickson, ele é um analista americano, líder no trabalho com a identidade, então, nós hibridávamos, inventávamos, entrecruzávamos e nunca me arrependi disso porque foi muito rico. [...] Continuei trabalhando e estudando Freud, Freud, Freud, Freud para valer. Freud em algum momento será muito pouco freudiano, pois ele era altamente capaz de rever toda a sua acidez, e isso é uma das coisas fenomenais, as melhores e ele acertou muito com isso. Então prefiro não me chamar de freudiano, evitar os “ANOS!”. Evitar os anos é bastante interessante.

Considerando as contribuições de Petúnia e de Fausto, fica evidente o quanto a multiplicidade de saberes psicanalíticos pode ser bem utilizada por aquele que consegue aplicar e absorver o qualitativo de cada autor. E essa diversificação de autores ou linhagens teórico-clínicas também está interligada com a prática clínica, visto que alguns tipos específicos de neuroses ou quadros psíquicos podem direcionar a literatura à qual recorrer.

As ponderações de Ulisses apontam nesse sentido, quando ele afirma:

É lógico que no começo o meu interesse era Freud, logo no início o interesse era Freud, pensamento de Freud, enfim, psicanálise freudiana. A clínica foi me abrindo outros campos, outros interesses e aí, outros autores que foram

se tornando importantes para mim, principalmente Melanie Klein, o Bion, Winnicott, que são os grandes autores, pois continuam me interessando até o dia de hoje. Mas eu estudei muitos outros autores da psicanálise como Kohut dos Estados Unidos, o Fairbairn também, eu sempre tinha o interesse no pensamento psicanalítico variado, mas principalmente a clínica me obrigava a diversificar.

E tal posicionamento é ratificado pela fala de Teresa:

No estágio que eu fiz no Hospital das Clínicas tinha uma ideia de que a gente tinha que conhecer um pouco os outros autores, basicamente, naquela ocasião foi Klein e Lacan. Ai, em São Paulo, eu tive um contato com Klein e eu cheguei a fazer um grupo de estudos de Klein com o David Leviski, e eu estudei Klein, estudei menos Lacan, mas eis que entrou o Winnicott a partir do próprio contato com os atendimentos, o Winnicott foi se colocando como um autor interessante. E na França obviamente Lacan, como dizia minha analista, ‘Todo mundo aqui falamos Lacan, Teresa!’, ela me dizia, ‘Todo mundo aqui falamos Lacan!’. Então estava todo mundo falando a partir de Lacan seguramente, e esses pós-freudianos todos beberam na fonte de Lacan. E alguns deles tiveram influência fortíssima de Winnicott, dito por eles mesmos, o próprio Green, o Fedida, a própria Joyce MacDougall, que é outro exemplo, tive aula com ela também. E Green foi outro autor que estudei. O que eu lamento é que eu visitei poucos autores norte-americanos, a influência da França foi muito grande e não dá tempo para tudo, infelizmente.

Essa possibilidade de estabelecer uma relação com mais de um teórico psicanalítico retrata uma configuração transferencial diferente e que foi decorrente das discussões e, conseqüentemente, das mudanças da institucionalização da psicanálise. Essa transferência denominada de nômade possibilita, cada vez mais, “[...] unir e separar, juntar e disjuntar, mover-se. Estabelecer novas e várias transferências e para elas buscar adequadas dissoluções.”⁶.

Noah também fez ponderações convergentes às falas de Ulisses e Teresa, ao dizer:

Como eu estou no Brasil, São Paulo, a influência de Klein, de Winnicott e de Bion é muito grande; certamente se eu morasse na França a influência seria de outros autores, como Lacan e outros. Então, eu acredito que as teorias têm muito a ver com o momento histórico em que você vive, as influências que você tem. Mas, com a maturidade, você vai vendo que as teorias são apenas auxiliares e o mais importante não é a teoria, mas o uso que você faz na clínica das teorias que existem e, principalmente, das teorias que você mesmo vai criando com aquele paciente, as chamadas teorias implícitas. São teorias que a gente vai testando inconscientemente nas relações com o paciente, evidentemente isso não serve de nada porque você tem que ter um

⁶ KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas. Uma história da psicanálise e suas instituições**. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020, p. 173.

arcabouço de conhecimento teórico dos grandes mestres, que vai influenciar a sua percepção e escuta.

A partir dessas falas, é imprescindível frisar o quanto a diversificação de teóricos ou linhagens teórico-clínicas não significa um passeio desenfreado e sem mote, pois a abertura e a curiosidade por novos olhares têm principalmente como motivo a articulação com a prática. E, com isso, entendemos que “[...] o analista precisa ser flexível e ter a mente aberta frente à teoria, mas não pode ser completamente desprovido de uma teoria.”⁷.

Desse modo, manter-se em mais de uma relação com a teoria representa ter o interesse e o estabelecimento do diálogo entre pensadores de diversas escolas, mas que isso não abster o psicanalista de ter uma base conceitual que oriente a escuta e, conseqüentemente, o trabalho clínico.

É claro que a diversificação favorece mais ainda a produção e o aperfeiçoamento da psicanálise e do psicanalista, mas deve estar norteada sempre por princípios éticos e favorecendo a intervenção com o analisando.

E qual seria o intuito desta carta se não há uma indicação do certo e do errado? Se não há uma melhor forma de se manter na relação com a teoria?

Além de pensar sobre os cuidados e benefícios de dedicar os estudos e o psicanalisar sustentados em um ou mais autores psicanalíticos, há um ponto importante, que é considerar o que se faz dessa relação, ou seja, o que cada psicanalista organiza e produz desse vínculo, seja na relação com apenas um ou com mais de um teórico de sua preferência.

A teoria psicanalítica pode ser explanada, de forma verbal ou escrita, em uma lógica linguística que traduza didaticamente o conceito ou a ideia em questão, mas o ensino pedagógico da teoria não inclui a transmissão da vivência e da experiência psicanalítica.

Esbarramos, então, na diferença entre ensino e transmissão, não no sentido de um impasse em que um se torna mais importante que o outro, mas na necessidade de aglutinar os dois para ir além dessa fusão e, assim, reinventar algo na psicanálise que não existia até o momento.

Forbes nos alerta o quanto é difícil reinventar constantemente, pois, para ele,

Há duas formas de provocar o interesse na transmissão da psicanálise: ou pegamos baiões conhecidos e tocamos com novas cordas ou criamos novas músicas. Não é fácil criar novas músicas. Não temos um Freud ou um Lacan a cada dia. O avanço da psicanálise se faz por meio de novos conceitos elaborados, da criação de novos matemas, de um novo recorte do conteúdo

⁷ AKHTAR, S. **Escuta psicanalítica**: métodos, limites e inovações. São Paulo: Blucher, 2016, p. 182.

*semântico, para voltarmos ao professor Greimas. Não se faz isso todos os dias; não dá para ser novidadeiro sempre. O que se pode fazer é fazer valer, poder dizer o que se faz com instrumentos conceituais que foram criados e ousar dizer de que maneira essa particularidade pode se juntar ao universo de interesse dos outros.*⁸

E essa reinvenção da psicanálise – que é diferente de recriação, pois, como bem destaca Jorge⁹, quem a criou foi Freud – será feita no um a um, a partir de um efeito propiciado pela transferência de trabalho, conforme afirma Lacan, “[...] o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”¹⁰, a qual coloca em questão um modo de indução ao trabalho.

Antes de prosseguir, vale tomar o esclarecido por Kupermann, quanto à diferença entre trabalho de transferência e transferência de trabalho:

A distinção feita entre trabalho de transferência e transferência de trabalho é conhecida. O trabalho de transferência refere-se à relação analítica, e tem um destino ao final de análise, mesmo que as interpretações sobre este destino variem entre si. A transferência de trabalho está ao ensino e à transmissão da psicanálise. Transfere-se ao trabalho, transfere-se à Escola fundada neste trabalho, transfere-se aos fundados da Escola e do ensino que aí faz trabalhar.¹¹

Assim, será a partir de uma transferência de trabalho com uma instituição, com um instituto ou com um ou mais autores de preferência que um psicanalista poderá produzir algo da relação que ele estabeleceu com a psicanálise em algum desses espaços e essa produção não é necessariamente a escrita de um material, podendo ser a produção discursiva de uma psicanálise. Nesse ponto, tem-se a fusão do ensino com a transmissão, com vistas a reinventar um diálogo ímpar entre a experiência analítica e o saber psicanalítico.

Com isso, a existência de inúmeras linhagens teórico-clínicas, institutos e autores de referência na psicanálise representa a riqueza da pluralidade humana, que pode continuar existindo com vistas a proporcionar um diálogo crítico entre si, e não incitar a divisão ou

⁸ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2015, p. 165; grifos meus.

⁹ JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica**. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

¹⁰ LACAN, J. [1971]. Ato de fundação. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 242.

¹¹ KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas**. Uma história da psicanálise e suas instituições. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020, p. 131.

fragmentação de ideias e de psicanalistas por causa de rivalidades infantis que buscam o prestígio teórico¹².

Destacamos, com isso, uma fala de Noah, que retrata a construção de uma forma singular de relacionamento com a psicanálise a partir do efeito da transferência de trabalho, quando diz: “Eu nunca fui uma pessoa que me filiei dogmaticamente ou religiosamente a uma escola, mas eu fui aos poucos construindo uma *identidade própria* em que eu certamente recebo influência de muitas escolas”.

Para Zygouris, muitos analistas já se dedicam a um trabalho de construção própria de se relacionar com a psicanálise, mas isso é raramente divulgado. Ela diz:

Eu penso que muitos analistas são mais inventivos do que acreditamos, mas não ousam falar de sua prática efetiva. Eles passam o tempo mostrando em público o quanto compreenderam bem a teoria e se esgotam em comentários sobre os textos sagrados. É uma pena, pois se trata de uma terrível falta de liberdade... Quando pudermos conversar juntos com tranquilidade sobre nossos mestres, sem idealizá-los e sem os tomar como peões que se deslocam sobre um mapa esplêndido, quando aceitarmos recolocá-los em seu território de vida, um grande passo será dado em direção a uma análise mais criativa. Eu penso que esse tempo não está longe.¹³

Talvez a autora estivesse certa ao se referir à proximidade de um tempo no qual a os psicanalistas pudessem falar abertamente sobre suas ideias e práticas psicanalíticas sem vergonha ou temor, pois há que considerar que a psicanálise dita contemporânea engloba um incentivo maior ao diálogo entre os diferentes pensadores e pensamentos, para que cada um possa estabelecer uma relação ímpar com a psicanálise.

Portanto, penso que a relação que cada psicanalista poderá estabelecer com a psicanálise seja a partir de um ou de mais teóricos de sua preferência, e não deve se basear na reprodução de receitas nem na mistura dos diversos olhares como um misto de um pouco de tudo, mas, sim, em uma interface ímpar de diálogo construída, com um ou mais de um teórico, que possibilite ao analista ir além de uma operação intelectualizada da teoria e também se ocupar daquele que lhe demanda análise.

3.2 Carta sobre o manter-se em formação

¹² COSTA, J. F. As faces da violência. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

¹³ ZYGOURIS, R. Por uma psicanálise laica. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 430.

Nos almoços de domingo, nas festas com amigos ou familiares são recorrentes as indagações sobre a razão de uma pessoa se manter permanentemente estudando e, por isso, se ausentar ou frequentar menos os grupos sociais. Em algum momento, alguém pode ter estranhado o fato de que os psicanalistas comprem inúmeros livros, participam de grupos de estudos, fazem supervisão – afinal, para que serve isso que chama supervisão? – e estudam nos mais diferentes dias da semana e horários.

Por que continuamos estudando, mesmo depois de graduados?

E esse questionamento, que já deve ter sido dirigido a inúmeros leitores ou leitoras, de fato, é uma boa pergunta. Talvez, no ímpeto – sem querer e nem precisar dar explicações para o indivíduo curioso –, podemos ter respondido que continuamos estudando por gosto, por necessidade, por interesse ou por obrigação. Ponto.

Não há problema caso uma pessoa continue estudando por obrigação, mas, para aqueles que se propõem atuar como psicanalista, a manutenção da formação se torna indispensável. E formação não se refere apenas à quantidade de horas destinadas aos estudos ou às leituras teóricas, mas, sim, à capacidade e à persistência de entrelaçar todos os conhecimentos adquiridos nos estudos teóricos, na supervisão e na análise pessoal, com os ocorridos na prática clínica e detectados por uma particular atenção.

Nesse momento, o leitor ou a leitora pode estar pensando que seria fácil esse entrelaçamento, especialmente para aqueles que fizeram graduação e análise pessoal por um certo tempo. Mas não é fácil e simples assim, pois não se trata de um tempo para os estudos, de um período apenas de análise pessoal, nem tampouco da supervisão obrigatória da graduação, pois, para que seja possível o entrelaçamento dos conhecimentos, é necessário entender que a formação em psicanálise é contínua, independentemente da área de atuação ou do autor de preferência.

Há alguns caminhos que o analista poderá seguir para se manter em formação e, aqui, esse aspecto será tratado por duas vias: a formação didática e a formação não-didática. Mesmo esta última não sendo considerada por alguns pensadores como uma formação em psicanálise, aqui será abordada como um caminho possível.

Antes mesmo de discorrer sobre as vias possíveis de formação, caberia nos interrogar: qual a importância da formação do analista?

A formação do analista o mantém em um trabalho árduo, contínuo e necessário para que a prática analítica seja pautada na ética.

Essa preocupação com a formação e, especialmente, em diferenciar o charlatão do analista habilitado, pairava sobre as discussões, muitas delas encabeçadas por Ferenczi, no

grupo denominado Sociedade Psicológicas das Quartas-feiras. E, por conta disso, em 1910 foi fundada a Internacional Psychoanalytical Association (IPA), inicialmente comandada por Max Eitingon, e, depois, por Ernest Jones, que passou a ser uma instituição organizadora das regras e das normatizações da formação dos analistas.

Não há dúvidas de que a criação de uma instituição seria inevitável, considerando a migração e a expansão que as ideias psicanalistas estavam tomando naquela época, mesmo frente às inúmeras acusações e questionamentos de opositores. Freud almejava que os psicanalistas tivessem um espaço propício para dialogar, debater temas e apresentar suas ideias, ou seja, havia um desejo genuíno freudiano em estabelecer um lugar de encontro entre pessoas dedicadas à construção e avanço da teoria psicanalítica.

A IPA seria, então, a representação desse lugar onde os interessados se reuniam por causa da psicanálise e, nesse sentido, a instituição foi se consolidando como uma referência para aqueles que queriam praticar seriamente a criação freudiana. Tal consolidação se provou pelos inúmeros grupos que se filiaram a ela, além de ser sido, conforme citado por Freud¹⁴, uma das instituições que resistiu à Primeira Guerra Mundial.

E essa resistência também esteve ao lado de um conjunto de regras, as quais visavam garantir a formação de um analista, seja pelo estabelecimento da quantidade de sessões semanais, seja pela exigência de estudos, seja pela determinação de que a análise deveria ser feita com um analista didata, isto é, um analista que tenha feito formação em um instituto reconhecido e certificado pela IPA. O cumprimento dessas características compõe o que se denomina de formação didática.

Ironicamente, o mesmo Ferenczi que defendeu a ideia de organizar uma formação que possibilitasse habilitar os profissionais a atuar como analistas, após 1928, fez ressalvas quanto à exigência imposta pela IPA – modelo proposto por Berlim – de que a supervisão deveria ser realizada com um profissional diferente daquele que conduzia as sessões de análise do candidato em formação. Para Ferenczi¹⁵, a análise, bem como a supervisão, deveriam ser conduzidas pelo mesmo profissional, por ele considerar que esta última nada mais é do que uma análise da contratransferência, o que possibilitaria que a formação não caísse no limbo superegoico.

E tal descontentamento de Ferenczi representou a abertura de outros olhares críticos a respeito da institucionalização da psicanálise, que, por vezes, ficou protegida dos ataques dos

¹⁴ FREUD, S. [1925]. Autobiografia. In: FREUD, S. **O eu e o id**, autobiografia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁵ KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

opositores e possíveis distorções da análise ética, comandando a disseminação de um rigor psicanalítico, mas, em outros momentos, se isolou e enrijeceu os moldes de um processo tão árduo e singular.

Essa dualidade foi bem destacada pela psicanalista Roudinesco, que também teceu críticas a respeito de uma cegueira sintomática ter assolado os muros da IPA.

Mas, à força de cultivar mais a norma do que a originalidade, e de cultivar a globalização em detrimento do internacionalismo, a psicanálise dos notáveis desertou do terreno do debate político e intelectual. Não soube aceitar o desafio da ciência nem as mudanças da sociedade. Julgando-se intocável, não mais se preocupou – a despeito da coragem individual de inúmeros de seus praticantes anônimos – com a realidade social, com a miséria, o desemprego, os abusos sexuais e as novas reivindicações provenientes das transformações da família patriarcal: sobretudo as dos homossexuais, a quem, como sublinhei, ela continua a recusar o direito de se tornarem psicanalistas. *Em suma, ela se desinteressou do mundo real para se voltar para as suas fantasias de onipotência.*¹⁶

Tal ponderação convoca uma reflexão sobre a função da formação, que deve, portanto, possibilitar ao candidato trilhar um caminho de aprendizagem que atrele a teoria psicanalítica, a prática profissional, a análise pessoal e, a partir desse entrelaçamento, garimpar os efeitos dessa aprendizagem no sujeito-do-analista. No entanto, esses efeitos que ecoarão no sujeito-do-analista podem ser domesticados pela preocupação com as normas e regras impostas pela IPA e demais instituições vinculadas a ela, aprisionando o analista na burocratização da formação e no molde figurativo do analista didata.

Outro ponto discutido por Kupermann¹⁷ trata da relação estabelecida entre o analista didata e seu analisando, que é um candidato a se tornar um analista, já que, nessa relação, o analista detém o poder quanto ao futuro do candidato a analista. O autor revela a importância de avaliar a realização de uma análise permeada pela dependência e pela submissão, afinal, o que pode estar em jogo na análise da formação didática é a possibilidade de se tornar igual ao analista idealizado.

Ainda nesse sentido, o referido autor faz referência às ideias de Balint quanto à presença da agressividade na transferência estabelecida em uma análise de formação, visto que, pelo fato de a idealização da figura do analista ter que ser preservada, os aspectos agressivos da relação serão necessariamente depositados no exterior. Como fruto disso, tem-se “a “intolerância”, o “sectarismo”, e a “fúria apostólica”, já que qualquer crítica (justificada

¹⁶ ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 151-152; grifos meus.

¹⁷ KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas.** Uma história da psicanálise e suas instituições. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

ou não) envolvendo o analista (ou sua linha teórica, método clínico, filiação institucional etc.) não pode ser suportada e elaborada.”¹⁸.

Por conta desse cenário, Luís Claudio Figueiredo aponta uma possível saída para que a formação didata não seja um processo que dizimará a liberdade dos analistas em se diferenciar enquanto tal, para que, assim, não tenham que se enquadrar em um molde.

Da mesma forma, a formação do analista deveria ter como meta a constituição de uma mente capaz de trabalhar com esse *work-ego* e, portanto, com uma relação entre o eu e o supereu capaz de garantir ao analista a liberdade para sentir, experimentar e pensar – ‘como se fosse um sonho’, ‘como se fosse uma brincadeira’. As instituições formadoras poderiam operar com essa meta, deixando em segundo plano os requisitos formais da nossa prática e mesmo a transmissão das teorias. Claro que isso vai depender fundamentalmente das análises pessoais dos formandos e das supervisões que lhe são oferecidas.¹⁹

É importante frisar que não há uma oposição ou desconsideração pela formação didata determinada por inúmeras instituições e seguida por muitos profissionais, mas a reflexão apontada aqui propõe olhar o quanto esse modelo não é de todo perfeito e sem garantias de que a psicanálise está a salvo dos charlatões.

E seria possível encontrar essa garantia e perfeição na formação não-didata?

Antes de responder a tal questionamento, vale explicar que a formação não-didata foi também intitulada, por Alfredo Naffah Neto²⁰, formação autogerida. Nesse tipo de formação, o psicanalista não se submete às normas estipuladas pela IPA, e encontra outros caminhos, podendo ser em algumas instituições ou mesmo de forma autônoma, como possibilidade para cumprir com seriedade o tripé da formação.

Fausto retrata, em sua fala, a realidade vivenciada por ele quanto à formação possível de ter realizado num momento de sua vida. Ele diz:

Então, para lhe dizer de alguma maneira, minha formação psicanalítica esteve muito ligada à prática institucional, ao aprendizado e à transmissão na universidade no campo da psicologia, ou seja, eu acho que não pode faltar a um analista, é o tão famoso tripé, você precisa fazer análise, você precisa estudar, então, nesse período, eu fazia muito grupo de estudos e, sobretudo, no particular. Eu paguei minha formação com grupo de estudo, com meu trabalho de analista, durante muito tempo meu trabalho só alcançou para eu pagar minha formação porque não tinha outro caminho.

¹⁸ KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas**. Uma história da psicanálise e suas instituições. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020, p. 104.

¹⁹ FIGUEIREDO, L.C. **A mente do analista**. São Paulo: Escuta, 2021, p. 106.

²⁰ NETO, A. N. A instituição psicanalítica como matriz simbólica – vicissitudes de uma formação auto gerida. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 4, 2009.

Assim, na formação não-didata, os grupos de estudos, a supervisão, a constância dos estudos e a análise pessoal se mantêm como funções a serem ocupadas, mas sem uma normatização e formalidades, com isso, possibilita uma maior liberdade, vivacidade e alteridade no processo de formação.

No entanto, essas características não garantem que esse tipo de formação elimine os charlatões e nem apresenta um modelo perfeito, afinal, é de conhecimento de todos a existência de instituições que ofertam cursos – para não dizer minicursos – que certificam que o estudante possa se denominar psicanalista após algumas aulas e aprovação na avaliação final.

Diante desse cenário, se faz necessário falar o óbvio: não há certificações, não há carteira profissional, não há instituições, não há supervisão, não há regras ou formalidades que atestem e qualifiquem uma formação, seja esta didata ou não didata. Cada um deve se engendrar no percurso que escolher para se manter em formação.

Nesse sentido, Alfredo Naffah Neto destaca a importância da responsabilidade profissional como pilar de sustentação da formação de um analista. Ele diz:

Há pessoas que necessitam, mais do que outras, de uma direção e de um abrigo no seio de uma comunidade profissional formada; para elas, a formação regular será a mais indicada, sem dúvida nenhuma. Mas há aqueles como eu que, quando optei pela psicanálise, já era ‘macaco velho’, um tanto avesso às mazelas organizacionais de entidades constituídas e que preferi uma formação *autogerida*. O mais importante disso tudo, no meu modo de ver, é a *responsabilidade profissional* com que se encara a tarefa, já que a formação psicanalítica é trabalho para uma vida inteira.²¹

O destacado por Naffah sobre a responsabilidade profissional nos permite fazer um paralelo com um psicanalista que muito questionou e criticou o autoritarismo presente na formação didata, que foi Jacques Lacan, quando afirma que “[...] o analista só se autoriza de si mesmo²². [...] Autorizar-se não é auto-ri(tuali)zar-se.”²³.

Tal aforismo lacaniano provocou rebuliços na sociedade psicanalítica, mas, antes de nos debruçarmos sobre isso, é necessário considerar que Lacan alertou para o perigo de

²¹ NETO, A. N. A instituição psicanalítica como matriz simbólica – vicissitudes de uma formação auto gerida. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 4, 2009, p. 9; grifos do autor.

²² Vale informar que, na edição utilizada, há uma nota de rodapé dos tradutores, explicando que foi escolhida a preposição *de si mesmo* e não *por si mesmo* – como usualmente se encontra em outros trabalhos – para diminuir as chances de um entendimento de que a autorização seria por uma via de auto autorização.

²³ LACAN, J. [1973]. Nota Italiana. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 311.

ritualizar a formação, até mesmo a análise pessoal, responsabilizando o sujeito na sua formação, a qual não será consagrada e garantida por uma instituição, já que há muito trabalho por parte – apenas – do analista em ocupar esse lugar a partir da localização particularizada do seu desejo de psicanalisar.

Por outro lado, esse alerta lacaniano não fora compreendido por todos, e duras críticas foram lançadas no sentido de que o aforisma traduzia uma liberdade de que cada um poderia ingressar na psicanálise e fazer o que bem entendesse. No entanto, essa não era a compreensão do Lacan, que defendia que a formação do analista se dá pela análise na qual surgirá o desejo de se tornar psicanalista.

Frente aos rebuliços, em 1974, Lacan²⁴ reitera sua ideia, ao afirmar que a autorização não significa que o analista decida tudo por conta própria, e acrescenta que essa autorização é de si mesmo e por alguns outros.

E quem seriam esses outros?

Apesar dessa pergunta não ter sido explicitamente respondida por Lacan, podemos entender que esses alguns outros, que não são todos, contribuem valiosamente nas relações com o analista, e que são tantos outros que nos rodeiam até porque, ressalta Alves,

[...] esses outros não são as grandes instituições e nem os grandes nomes que as compõem, pois, com a morte de Freud, esse lugar ficou vazio. Cabe ao analista autorizar-se por si mesmo à psicanálise, sustentar o lugar que ele se decidiu por ocupar e compartilhar com alguns outros a experiência singular de ser psicanalista.²⁵

Assim, o referido autor nos ajuda a entender o aforisma lacaniano, indicando que as autorizações acontecem de forma distinta e em tempos lógicos diferentes, pois pondera que, primeiro, o analista precisa analisar o momento em que surge o desejo de ser analista para, depois, se autorizar a exercer o ofício de psicanalisar que faz eclodir o desejo do analista e, só então, ser nomeado e instalar-se nesse lugar de analista.

Com outras palavras, a formação proposta por Lacan está delineada pela vivência de um processo: análise – autorização – nomeação, no qual o desejo de ser analista será substituído pelo desejo do analista.

A terminologia utilizada por Lacan pode ser mal compreendida por imaginarem que o desejo do analista se refere ao desejo de um profissional que exerce a psicanálise, mas não se

²⁴ LACAN, J. [1974]. Aula 11 - 9 de abril de 1970. In: **Os não-tolos erram/Os nomes do pai**: seminário entre 1973-1974. Porto Alegre: Editora fi, 2018.

²⁵ ALVES, E. F. **Jacques Lacan e a questão da autorização dos analistas**. 2013. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 145.

trata disso e sim da possibilidade de ocupar um lugar de provocar e incitar o inconsciente a trabalhar.

‘Desejo do analista’ – insisto sempre – deve ser compreendido não no sentido de um desejo experimentado pelo psicanalista, mas no sentido de um lugar, um local, uma região, um ponto singular e impessoal no seio da estrutura da relação analítica.

O desejo do analista é um ponto singular, é um local, um ponto que qualificaremos de atrator. Se pensamos na sua função de atrator, é um ponto que causa, atrai, suscita, provoca o desenvolvimento da transferência, da neurose de transferência. Um ponto que qualificaremos, hoje, de ‘*ponto de mira*’.²⁶

Nesse sentido, Forbes retifica a posição de Lacan, traduzindo a ideia dele, ao dizer que “[...] ninguém formará analista algum se ele mesmo não estiver convencido de que quer ser analista, se não tiver passado por uma análise, porque mágica não existe.”²⁷.

O que está em jogo, nesta carta, não é definir ou qualificar qual tipo de formação seria a melhor ou a mais indicada e sim discutir que há diferentes modos, caminhos, possibilidades, e que essas diferenças no trajeto devem ter como direção a dimensão transferencial estabelecida na relação do psicanalista com a própria formação, pois, como diz Naffah²⁸, esta será para a vida inteira.

Para Silvia Alonso, a formação também é interminável, não apenas no sentido das leituras, dos estudos e das supervisões nos quais o psicanalista mantém investimento perene, mas, também, por existir, na própria atuação clínica, um trabalho de formação, “[...] o tempo todo, e naquilo que a partir do trabalho clínico se recoloca para o analista como questão a ser nomeada. Isso leva a uma ampliação do percurso nas conceitualizações e teorizações, e esse é o processo interminável da formação.”²⁹.

Para além da dimensão transferencial com a própria formação, faz-se necessário o analista compreender que o percurso formativo inclui tornar-se um trabalhador decidido em perlaborar as resistências internas e externas, já que “[...] é um trajeto que revela e atualiza as potencialidades de um sujeito, tornando-o consciente de si”³⁰; e que um instituto, uma escola, ou um autor de preferência não se tornam obrigatórios na formação e nem tampouco validam alguém a ser psicanalista, mas não deixam de ser uma contingência.

²⁶ NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, p. 121; grifos do autor.

²⁷ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2015, p. 146.

²⁸ NETO, A. N. A instituição psicanalítica como matriz simbólica – vicissitudes de uma formação auto gerida. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 4, 2009.

²⁹ ALONSO, S. L. **A construção do analista**. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**, v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 327.

³⁰ MEZAN, R. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 184.

Pensando sobre os diferentes caminhos que um psicanalista pode tomar em sua relação com a psicanálise, tem-se uma pluralidade de possibilidades e, para Christopher Bollas, essa diferença não seria problema, desde que haja um respeito mútuo sobre o saber que está sendo pensado. Ele diz:

Penso que a diferença não é um problema, ao contrário, é um testemunho de força. A diferença entre analistas evidencia a força do grupo. A questão não é quanto à mentalidade operante e ao modo pelo qual as diferenças estão sendo negociadas. Se as diferenças estão sendo expressas com inteligência e com ingênua busca de conhecimento, com interesse de explorar e desenvolver o pensamento, penso que é possível permanecer mesmo quando há seis ou dez opiniões diferentes na sala. Isso é saudável. Não estou falando sobre isso, mas sobre o esforço consciente de destruir a integridade pensante do outro. Existe no movimento psicanalítico atual uma tentativa deliberada de desacreditar, distorcer, diminuir e anular as diferenças. Isso é um fascismo, um genocídio intelectual.³¹

Assim, as diferentes posições e escolhas feitas pelos psicanalistas podem representar avanços na teoria psicanalítica e podem ser encaradas pela sociedade psicanalítica como um banquete a ser degustado que permite o aprimoramento da técnica. No entanto, a recusa ao aprender com o outro pode ser um caminho de enrijecimento da própria psicanálise.

E o que é que se aprende com um outro psicanalista?

Há ainda que se considerar, independentemente de ser didática ou autogerida, o que é que se transmite na formação analítica, pois, para além dos conceitos, das discussões de casos e esclarecimentos de dúvidas quanto a manejos da vivência clínica, a formação tem como principal ferramenta transmitir, por meio da relação entre um psicanalista e um mestre, o viver psicanalítico.

Assim como aponta Claude Le Guen, ao se referir a seu mestre Pierre Mâle, que não deixou registrado em papel seu saber psicanalítico, que “[...] acredito que ele me transmitiu o essencial da psicanálise. [...] Ele me ensinou o viver psicanalítico.”³².

Há algo de uma transmissão pela via do não-dito, ou seja, algo pode ser capturado em uma relação dual, sendo que o candidato a analista, ou o supervisionando, ou o analista em formação autogerida irá apreender o que ele conseguir capturar sem que o mestre saiba o que é, ou exerça controle nessa apreensão.

³¹ BOLLAS, C. Pulsional Impiedoso e Receptividade Materna. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**, v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015, p. 510.

³² LE GUEN, C. Por onde se recorta o psiquismo. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**, v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 107.

Vale destacar, antes do desfecho desta carta, que os entrevistados responderam sobre informações pessoais, como graduação, tempo de formação, titulação, se possui ou realiza formação em psicanálise, tempo de atuação psicanalítica e tempo de análise pessoal e de supervisão.

Não caberia, aqui, apresentar um gráfico no formato pizza para que o leitor ou a leitora obtenha a informação numérica das respostas dos entrevistados, até porque o tal gráfico não representaria a importância e a preciosidade da diversidade das respostas, pois, dentre os entrevistados, há os que fizeram formação em Sociedades Brasileiras de Psicanálise seguindo os padrões da IPA, há os que fizeram formação pelo Sedes Sapientiae, ou pela Escola Brasileira de Psicanálise, e há os que se mantiveram em uma formação autogerida ou não didata.

Mas a importância que não seria retratada nos gráficos é a da representatividade do tempo de análise, supervisão e atuação, pois a somatória numérica não abarcaria a riqueza dos detalhes, já que os entrevistados se perdiam nas contagens dos anos, precisando de pausas, de calculadora, ou mesmo, utilizando recursos como piadas e risadas por não lembrar ao certo a resposta. Isso se deve ao fato de quanto um analista está tão mergulhado no tripé, sendo que este se funde à pessoa-do-analista de tal forma que contabilizar o tempo se torna uma tarefa dispensável.

Dessa forma, sabe-se que, para além das instituições ou titulações, todos os entrevistados possuem uma relação de comprometimento com a psicanálise que passa, antes de mais nada, por uma seriedade, esforço e perseverança em si, no outro e na formação analítica.

A formação contínua em psicanálise é um compromisso que o analista estabelece consigo próprio, já que “[...] o analista cura menos pelo que diz e faz do que por aquilo que é.”³³, e isso independe se o modelo de formação é didata ou não-didata.

Tal fato fora alertado por Freud³⁴ quando ele definiu que o charlatão “[...] é aquele que empreende uma terapia sem possuir os conhecimentos e as capacidades que ela requer. [...] Com muita frequência, eles exercem a psicanálise sem tê-la aprendido e sem compreendê-la.”.

Nesse sentido, o pai da psicanálise destaca a possibilidade de uma pessoa exercer o psicanalisar sem a seriedade e ética que esta exige, o que se seria lamentável, já que nem o

³³ LACAN, J. [1958]. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 593.

³⁴ FREUD S. [1926]. A Questão da Análise Leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD S. **Inibição, Sintoma e angústia**. O futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 189-190.

profissional, muito menos o candidato a analisando, se beneficiariam dessa prática. Por isso, corroboramos o posicionamento de Forbes, quando diz que:

Ninguém é obrigado a ser psicanalista, mas se decide sê-lo, ele é obrigado a ser psicanalista. Um sujeito pode duvidar se quer ou não, pode protelar sua decisão, mas, a partir do momento em que disser ‘sim’, não dá mais para brincar. Não dá para brincar de ser analista. Psicanálise é algo que realmente tem que valer a pena: para o analista e, sobretudo, para o analisando.³⁵

Portanto, penso que a discussão sobre o tipo de formação do psicanalista, as regras e normas que podem ou não ser estabelecidas, os critérios de avaliação e fiscalização dos institutos de formação mantêm-se como uma discussão importante no processo de cuidar do rumo que é dado à psicanálise.

No entanto, considero tão importante quanto a investigação da escolha, do desejo, e das motivações de cada um que se propôs exercer o psicanalisar, não no sentido de aplicar uma nota autoavaliativa que indique uma classificação, mas, sim, como uma investigação e localização das implicações, ou não, em ser, de fato, um psicanalista.

Afinal, “[...] se não realizarmos a psicanálise da melhor forma, qual a vantagem de insistirmos nela?”³⁶.

³⁵ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2015, p. 146-147.

³⁶ Ibidem, p. 287.

4 CARTAS DA DIFERENÇA

Há uma diferença entre aqueles que fazem uso de uma psicanálise selvagem e aqueles que compreendem os alcances e limites de uma teoria e de uma prática e constroem algo a partir disso.

Justamente por existir essa diferença é que abordaremos, a seguir, em algumas cartas, motivações presentes no percurso daqueles e daquelas psicanalistas que persistem em fazer diferença na relação com a psicanálise.

Mais uma vez, ressaltamos os limites em não conseguir abordar todas as motivações que mantêm um psicanalista atuando como tal, mas fica o enorme desejo de que a leitura de uma ou mais dessas cartas possa suscitar reflexões sobre os motivos que fizeram o leitor ou a leitora persistirem nesse ofício tão exigente e singular.

Permanecer em um lugar, em uma profissão, em um ofício parece ser fácil quando se mantém num automatismo de repetir o que se sabe, mas persistir insistentemente em permanecer em algo que exige eterno trabalho sobre si mesmo e sobre o outro é bem diferente, já que, depois de procurar saber algo, percebe-se que não se sabe-tudo.

Portanto, convido o leitor ou a leitora a se aventurar em uma leitura de cartas que abordam mais sobre essa diferente forma de existir e de persistir, do que sobre respostas conclusivas sobre o tema.

Desejo uma leitura diferente.

4.1 Carta da dificuldade que provoca o de-vir

Caro leitor ou leitora, é curioso pensar que o título desta carta representa uma realidade que não poderá ser apreendida por todos, pois, ao mesmo tempo que é uma experiência vivenciada por muitos, alguns poderão distorcê-la ou simplesmente ignorá-la.

Vamos direto ao ponto: manter-se na função de analista – e talvez de tantas outras profissões – requer um suportar a ignorância, seja no acompanhamento de casos considerados difíceis para determinado analista, seja em casos de insucesso e, junto disso, aprender que é desse lugar de não-saber-tudo que um analista pode advir.

Parece um tanto óbvia a ideia apresentada, já que alguns profissionais poderão pensar “nossa! aprendo com todos os casos...” ou “não existem casos difíceis, existe profissional mal preparado”. Esses pensamentos são passíveis de discussão, mas esta carta não trata do

aprendizado unicamente teórico no qual o intelecto se articula com a memória, atenção e percepção e o profissional compreende racionalmente aquele caso.

Nessa etapa do processo de manter-se analista, a dificuldade em lidar com um determinado caso não esbarra na compreensão teórica e, sim, na maneira como cada analista apreende subjetivamente um caso, um telefonema, um candidato a analisando que tenham feito marcas ou provocado um abalo sísmico – por algum motivo – na subjetividade do sujeito-do-analista.

Nesse sentido, Fausto abordou a capacidade do analista em se fragilizar, como um processo extremamente necessário, singular e árduo na atuação analítica, ele diz:

Eu acho que, com a experiência, você vai aprendendo isso (capacidade de se fragilizar), se você faz um percurso adequado, que te possibilita isso, é muito bom, porque senão você vira um burocrata, e então você está frito, aliás o seu paciente também está frito. Eu acho que não é uma profissão que facilita a burocratização, eu acho que essa é uma das razões para persistir, que é que você se enriquece subjetivamente. Não é um acúmulo de saber, se não aproveitar bem a experiência, e poder não saber tanto, se fragilizar, poder estar aberto ao não saber também é extremamente importante. Tem coisas novas acontecendo, algumas boas, algumas ruins – ultimamente tem muita coisa ruim –, mas, enfim, tem que estar sensível a isso, tem que estar aberto a se fragilizar e não saber tudo.

Em decorrência da fala de Fausto, fica evidente o quanto é necessário afrouxar o pilar de sustentação superegóica do sujeito-do-analista para que este possa enfrentar situações inesperadas e desconhecidas no campo prático, se autorizando a aprender algo com aquela situação ou com um determinado caso.

Dessa maneira, o inesperado, o desconhecido e o desconfortável serão de ordem particular para cada analista, não havendo uma regra universal para classificar o que arrebatava cada um dos analistas.

Por outro lado, vale esclarecer que a nomenclatura “casos difíceis” ou “pacientes difíceis” denota o agrupamento de determinados quadros psíquicos considerados inalisáveis ou nos limites do analisável. Nesse sentido, é sabido que psicanalistas como Ferenczi, Winnicott e Balint, por exemplo, se debruçaram com mais ênfase em destrinchar técnicas e manejos clínicos para o trabalho voltado para pacientes limítrofes, *boderlines* e psicóticos, ou seja, denominados como difíceis, por evidenciarem impasses clínicos.

Portanto, sem desrespeitar todo o trabalho desenvolvido pelos psicanalistas citados no parágrafo anterior, e de tantos outros não mencionados, quanto às contribuições teóricas e possibilidades de intervenção clínica com casos considerados difíceis, nesta carta, a

nomenclatura “casos difíceis” engloba toda a situação ou caso trabalhoso para um determinado analista.

Assim, considera-se que a dificuldade de uma situação ou de um caso possa ter relação com o quadro psíquico e, também, com as marcas e efeitos provocados *na* pessoa-do-analista. Com outras palavras, podemos entender que o paciente difícil não faz “[...] outra coisa senão nos confrontar com os aspectos desconhecidos de nós mesmos, dele e das nossas teorias.”¹.

Corroborando as ideias de Bollas, destacamos que, nesta carta, compreendemos que “[...] os pacientes difíceis eram aqueles aos quais dedicava a maior parte do tempo.”².

Nesse sentido, Clarice contou qual foi o tipo de quadro clínico que lhe exigiu o enfrentamento de impasses. Ela disse:

Foi o primeiro caso de psicose com que eu trabalhei que eu aprendi muito. Muito! E, aprendo até hoje com ela, embora eu não a veja há quase 10 anos. Porque eu acho que eu aprendi muito sobre a ética mesmo, no sentido de que, quando a gente atende casos de neurose, você não fica tão angustiado, porque está ali meio sustentado por aquele espelho, às vezes alguma coisa da sua análise acaba podendo servir ali, né? Mas na psicose, não dá. [...] Acho que aprendi muito com ela e depois isso serviu muito para a clínica.

Glaucia também relatou situações que lhe foram trabalhosas:

Eu acho que escolheria os primeiros casos, porque eu acho que eles me marcaram de uma maneira que acabaram trazendo temas de pesquisa. [...] O que me marcou muito foi poder trabalhar com psicose e com os casos graves de psicoses e ver os recursos que o Lacan traz para a gente trabalhar com esses casos graves. Então, poder pensar a psicose a partir da psicanálise foi assim, um marco na minha clínica, foi um giro, porque a psicose me assustava um tanto, também de novo a partir de uma dificuldade, eu lembro de comentar com um colega de consultório. Nos primeiros anos de consultório eu comentava com ele que eu ficava muito assustada de pensar que um caso podia ser psicose. [...] Acho que é isso, sempre a partir das dificuldades e acho que hoje, pensando mais recentemente, o que mais me alegria na clínica, mais me motiva, é ver os efeitos principalmente nas depressões graves [...]. Acho que um marco importante para mim são todos os casos que eu já conduzi até o fim de análise. Casos de fim de análise.

É interessante observar que nas falas de Clarice e Glaucia, o inesperado, o desconhecido e o desconfortável se apresentaram frente a frente com o aprendizado e o enfrentamento dos impasses clínicos e pessoais, pois ambas relatam que, por meio de uma dificuldade, foi possível aprender e fazer uso desse conhecimento em atuações posteriores.

¹ FERRO, A. **Na sala de análise**: emoções, relatos, transformações. São Paulo: Blucher, 2019, p. 48.

² BOLLAS, C. Pulsional Impiedoso e Receptividade Materna. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015, p. 521.

Assim, acessar uma dificuldade ou uma fragilidade passa a ser imprescindível no tornar-se, e principalmente, no manter-se psicanalizando. Nesse ponto, recorremos à ideia de Romildo do Rego Barros, de que “[...] tornar-se analista, é transformar a sua marginalidade.”³.

Isso porque o referido autor complementa, dizendo, “[...] a precariedade quase define o psicanalista, é quase um outro nome seu. Atingir essa precariedade é um dos efeitos de sua análise, uma vez que é na análise que se pode chegar a saber um pouco sobre a sua marginalidade na cultura.”⁴. Portanto, não há como pensar em longo percurso do psicanalisar sem se fragilizar.

Há um outro ponto da fala da Glaucia que corrobora relatos trazidos por Ulisses, Alencar e Noah, pois os quatro entrevistados destacam o quanto as situações ou casos trabalhosos os impulsionaram para a pesquisa e, conseqüentemente, para a escrita de um determinado assunto. Ulisses afirma: “[...] talvez alguns casos de *borderline* que eu atendi na década de 1990, quando comecei a atender casos de *borderline*, fui me interessar, escrever sobre o assunto, dar aula sobre o assunto, enfim, eram casos muito, muito complicados, muito difíceis, que me abriram muito a cabeça.”.

Já Alencar alude: “[...] então, os tipos de casos mais graves, vejo hoje em dia, eu tenho suficiente experiência e sanidade para trabalhar com um número reduzido desses casos, eu continuo trabalhando com eles, inclusive é o meu tema de pesquisa.”.

E, nesse mesmo sentido, Noah destaca que:

[...] tem casos que marcam a gente, marcam por vários motivos: por serem casos difíceis, pacientes que se matam, pacientes que atuam, que são perversos, são situações, enfim, situações difíceis. Situações difíceis são as que mais marcam a gente, porque elas nos obrigam a pensar. [...] Isso influenciou muito a minha carreira de psicanalista, minha carreira de autor e escritor porque esse caso sempre foi uma das bases de influência da minha escrita, trabalhei com vários textos sobre suicídio, adolescente, depois pacientes *borderline*, pacientes com dificuldade de simbolização, por causa de um determinado caso. Então, quando eu revejo minha escrita, eu vou vendo que esse caso foi muito marcante, foi como se eu passasse a história da minha vida tentando entender o que foi que aconteceu.

A partir desses relatos, é possível pensar que há analistas que se mantiveram atuando nessa função mobilizados justamente por aquilo que os provocou e impulsionou a lidar com a dificuldade, e fizeram isso por meio dos estudos e da escrita.

³ BARROS, R. R. O psicanalista em sua formação. *Psychê*, São Paulo, ano 3, n. 3, 1999, p. 34.

⁴ Ibidem, p. 34.

É claro que fazer uso dos recursos dos estudos e da escrita não pode ser considerado como um processo final ou de conclusão de enfrentamento das dificuldades, mas, sim, como uma função mediadora. Ou seja, os estudos e a escrita, nessas situações, possuem uma função de mediar a relação do sujeito-do-analista com o objeto ou caso desconfortável, já que são recursos simbólicos que ajudam o sujeito-do-analista a perlaborar suas angústias, dando contorno a essas angústias por meio das palavras, as quais podem ser faladas ou escritas.

Não é necessário que todos os analistas sejam professores ou autores, não se trata de uma necessidade. Para ser analista, não é necessário o dom da oratória ou o dom da escrita. Tais aspectos ultrapassam uma análise: ela não vai gerar um escritor nem um orador. Se a pessoa for um escritor ou um orador, sem dúvida isso irá se revelar, mas jamais poderá dar a uma pessoa um dom que ela não possui. Mas podem se revelar outros dotes.⁵

E por que não são consideradas como um processo final ou de conclusão? Pois, como frisado, nessas situações, tais dificuldades representam uma provocação, seja no sentido de angustiar o analista, mas também de mobilizá-lo a produzir algo, representando um conflito estabelecido entre forças de criação e de sofrimento, e como dito por Forbes, essa produção pode ser pela via da escrita ou por outras formas que irão se revelar.

E, ao falar do sentido dúbio da palavra provocação, esperamos que tenha ficado claro que é desse conflito, de se angustiar e de se movimentar a partir dessa angústia, que advém um analista, pois muitos profissionais podem tomar um caminho apostado ao que está sendo abordado nesta carta e, com isso, fazer da dificuldade dos casos clínicos um modo de racionalizá-los, transformando-os em *objetos* a serem estudados, a partir de um referencial repleto de saber e explicações sobre esse objeto tão distante da subjetividade do observador.

Aqui, recorreremos a uma fala de Glaucia, para frisar tal ideia, pois ela diz: “[...] não dá para a gente excluir a angústia do trabalho clínico e nem do trabalho teórico.”.

Assim, ao tratar dessa diferença de enfrentamento de cada analista ao se deparar com a dificuldade, Teresa lembrou bem que os casos que caminham também podem ser um motivador para o analista, só que o sucesso desses casos atingirá egoicamente o analista.

Teresa disse:

Porque eu acho que alguns casos fazem a gente continuar como analista e é interessante porque não é só o que dá certo. Porque os que dão certo, alimentam o eu, alimentam o narcisismo da gente, mas não só, eles também representam um reconhecimento do percurso feito pela gente. [...] Então, eu

⁵ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri: Manole, 2015, p. 168-169.

acho que os casos que deram certo reforçam o eu, eles alimentam o narcisismo, mas eles também são testemunhos vivos do reconhecimento. Mas os casos difíceis também alimentam!

Nesse ponto, vale retomar a análise dos casos publicados por Freud, o fato de terem sido os de insucesso ou de um impasse profissional, e essa postura freudiana pode muito nos ensinar sobre como um analista se constitui.

Há um ponto curioso e intrigante na construção desta carta, visto que a pergunta feita para os analistas entrevistados não era específica sobre casos difíceis, pois foi questionado se eles gostariam de compartilhar algum fragmento de caso que eles tivessem acompanhado e que consideravam ter influenciado na sua manutenção como analistas. O curioso é que as respostas sempre abarcavam algo de uma dificuldade enfrentada por eles, seja pelo tipo de caso, quadro clínico ou situação clínica.

Por isso, o manter-se atuando como analista inclui, também, atravessar subjetivamente uma dimensão do vazio, do não-saber, do Real⁶, que a prática psicanalítica impõe e que exige suportar tal atravessamento.

Nas palavras de Maria Cristina Kupfer, vemos que esse enfrentamento independe da área de atuação do psicanalista, já que a dimensão do vazio, do não-saber é intrínseca à psicanálise e não à clínica. Ela diz:

Frente a isso, primeiramente, fico decepcionada, mas depois encontro um universo extremamente interessante. Quando você pensa que se pode produzir por causa do vazio, do real, da falta, por causa do não saber, da impossibilidade do saber todo, então você redefine. A psicanálise me ajudou a redefinir o campo educativo. Eu queria que ela viesse completá-lo, e ela me disse ‘eu não completo nada, ao contrário. Só venho mostrar o que falta, o vazio, e que toda produção humana vem para dar conta da sexualidade e da morte’.⁷

Assim, podemos entender que não há como se manter atuando como psicanalista sem experimentar uma certa decepção com tal prática, mas é dessa vivência que nasce a possibilidade de redefinir, como diz Kupfer, uma outra relação com a psicanálise. Portanto, o manter-se atuando como psicanalista implica o profissional lidar com um campo teórico que não explica tudo, mas com o entendimento que é exatamente desse lugar, dessa posição de

⁶ Utilizamos o termo *Real* de acordo com a teoria dos três registros de Lacan, que organiza o entrelaçamento de Real, Simbólico e Imaginário para explicar a estrutura psíquica, sendo o Real da ordem do impensado e, consequentemente, do inominável.

⁷ KUPFER, M. C. Entre duas profissões impossíveis. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015, p. 635.

não saber que o analista faz girar e movimentar uma busca pelos terrenos minados do inconsciente.

É pelo fato de reconhecermos nossa própria ignorância que nos impulsionamos a investigar algo e buscar conhecer um pouco mais, só que Alves nos alerta sobre o quanto a psicanálise e os psicanalistas não podem ser complacentes com a ideia de um saber completo sobre a mente humana.

A psicanálise continua sendo um procedimento infinitamente fecundo para a investigação do desconhecido da alma humana. No entanto, um perigo sempre ameaça o desenvolvimento do trabalho, isto é, estar a psicanálise subjugada ao *establishment*, para suprir o indivíduo e o grupo de uma ilusão: *a do falso conhecimento de toda a mente humana*. Na prática, isso induz o analista a estar ancorado em teorias de um lado, sufocando sua intuição, e de outro, colocar o analisando na condição de aprender psicanálise ao invés de psicanalisar-se.⁸

Reiteramos que esta carta possa não fazer sentido para todos os leitores ou leitoras, afinal, cada um pode estar em um processo diferente da sua atuação clínica e da análise pessoal, mas esperamos que, em algum momento, as questões abordadas aqui poderão ser compreendidas por muitos analistas, já que vivenciar subjetivamente o desconfortável provocado pelas situações profissionais de casos clínicos elucida a importância do sujeito-do-analista lidar subjetivamente com as fantasias onipotentes e que, portanto, o analista em si advém mais do não-saber do que daquilo que sabe.

É no desconfortável, no desconhecido, no inesperado, nas dificuldades que, de fato, pode advir um analista, e aquele que enfrenta tais situações sem negações ou resistências mantém-se na posição de analista de forma mais genuína.

4.2 Carta ao apaixonalista

Caro leitor ou cara leitora, iniciaremos esta carta com duas perguntas: somos seres que se apaixonam facilmente? E nós, psicanalistas, somos apaixonados pela psicanálise?

A paixão é um tema tão cotidiano e, ao mesmo tempo, um desafio para quem a sente, já que é da ordem do avassalador e do inominável, mas isso não significa que a paixão é necessariamente ruim, afinal, os apaixonados relatam um veemente estado sublime e belo, que os mantêm satisfeitos – aparentemente – com o mundo.

⁸ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014, p. 119.

Sabemos que a paixão atravessa toda a história da humanidade, seja como um elemento crucial nos romances literários, seja pelas tentativas de definição pela filosofia, seja pela composição das relações humanas presentes nos estudos da psicologia e da psicanálise.

E não tem como falar sobre a paixão sem citar o tão conhecido termo amor ou paixão platônica, que pode estar em desuso discursivo na atualidade, mas que está mais que presente nos modos de se relacionar e nos clássicos encontros apaixonados e avassaladores entre Romeu e Julieta, Tristão e Isolda ou em tantos outros romances.

Em se tratando do modo como os filósofos compreenderam a paixão, vale elucidar que o filósofo grego Platão, ao discorrer sobre o mundo das ideias, apresentou a diferença entre amor e paixão, situando o amor como desprovido das paixões, já que estas não seriam confiáveis, além de serem efêmeras. Mas Platão não foi o único filósofo a desbravar as paixões e tentar defini-las. Então, nada melhor que iniciar com a definição do que seria essa tal paixão.

Este termo pode significar: 1 – o mesmo que afeição, modificação passiva no sentido mais geral do grego *TráGoç* e do latim *passio* (para este significado, v. *AFF.IÇÃO*); 2 – o mesmo que emoção (v.), significado em que foi empregado quase universalmente até o séc. XVIII, até que se foi determinando o significado específico que hoje possui; 3 – *ação de controle e direção por parte de determinada emoção sobre toda a personalidade de um indivíduo humano*.⁹

Interessante pensar que a paixão é uma emoção que domina as ações do ser humano, o que converge com a ideia platônica dela não ser confiável, já que o destino dessa ação não está sob o controle racional e, conseqüentemente, desnuda o sujeito das aparências e regras sociais.

Nesse sentido, a paixão deve ser temida?

Sim, a paixão deve ser temida por aqueles que evitam acessar a humanização, mas ela é indispensável à vida e intrínseca à natureza humana, portanto, os que resistem em acessá-la podem ser surpreendidos.

Nas considerações sobre a paixão, o filósofo Kant reitera essa ideia do poder que a paixão possui em domar toda a conduta humana, impossibilitando que o homem a domine e a encaixe em princípios e leis.

Já o filósofo Hegel, citado por Abbanano, acrescentou uma percepção mais romântica em relação à paixão, ao dizer:

⁹ ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 750; grifos meus.

A determinação da paixão implica que ela se restringe a uma particularidade da determinação do querer, na qual imerge toda a subjetividade do indivíduo, seja qual for o conteúdo dessa determinação. Mas por esse caráter formal, a *paixão não é boa nem má; sua forma só exprime que um sujeito pôs num único conteúdo todo o interesse vivo de seu espírito, de seu talento, de seu caráter, de seu prazer*. Nada de grande foi realizado, nem pode ser realizado, sem paixão. Não passa de moralidade morta, na maioria das vezes hipócrita, a que investe contra a forma da paixão como tal.¹⁰

Independentemente da classificação e conotação atribuída à paixão, o que é comum nos pensamentos filosóficos é que a paixão coloca o ser humano frente a frente com a sua condição mais primitiva e que ela o mantém sempre em movimento numa relação de extrema ligação com algo ou com alguém.

E qual seria a relação entre a paixão e os psicanalistas?

Não seria diferente com os psicanalistas, pois a paixão pode permear a relação que um psicanalista estabelece com a própria psicanálise. E, por isso, é possível afirmar que uma das formas de se manter atuando como analista seria pela via de um apaixonamento pela psicanálise.

Sim, alguns analistas – se não todos – mantêm-se atuando como tal por, em alguma medida, terem se apaixonado pela ou por algo da psicanálise.

Seria compreensivo, leitor ou leitora, discordar dessa ideia ou ter sido afetados por um sentimento de repulsa, pois há sempre uma tendência em normalizar a figura do analista, como se esse fosse um ser desprovido de sentimentos desgovernados e de atuações neuróticas.

Nesse sentido, proponho um desafio para ir além da racionalização da figura perfeita do analista e olhar para algo que possa sustentar a manutenção de uma função tão exigente e trabalhosa. Essa sustentação, para alguns analistas – se não todos –, está na relação apaixonante pela ou por algo da psicanálise.

E quando digo que a paixão pode ser pela ou por algo da psicanálise é porque cada analista pode se apaixonar pela teoria em si, ou pela prática profissional, ou mesmo pelas ideias de um determinado pensador, como nos conta Petúnia: “Eu me apaixonei e comecei a estudar Freud. Eu nunca tinha estudado Freud. Eu trabalhava com a minha análise pessoal, mas não sabia nada de psicanálise. Me apaixonei pelo Freud, me casei com ele...entendeu?”.

É interessante observar que o termo utilizado por Petúnia, ao afirmar que *casou* com Freud, nos remete ao modo como o vínculo foi estabelecido entre ela e a representação da figura de Freud, o que corrobora a definição da autora Aulagnier quanto à paixão. A referida

¹⁰ Ibidem.

autora utiliza o termo relação passional justamente por se preocupar com o modo como o vínculo foi estabelecido e justificando que “[...] defino com esse termo uma relação na qual um objeto tornou-se para o Eu de um outro fonte exclusiva de todo prazer, tendo sido por ele *deslocado para o registro das necessidades*.”¹¹.

Aulagnier apresenta, ainda, a diferença entre a relação amorosa e a relação passional, e alega que, na primeira, há uma relação de reciprocidade quanto ao prazer e ao sofrimento entre os envolvidos, enquanto, na segunda, essa reciprocidade não existe e, portanto, a relação é assimétrica, já que “[...] seria um grave erro pensar que a paixão se define por um excesso de amor. Entre o estado amoroso e o estado passional a diferença não é quantitativa, mas qualitativa.”¹².

Assim, fica evidente o quanto, na paixão, a relação estabelecida entre os parceiros é vivida pelo sujeito como extremamente necessária, formando um casal, e tal descrição pode ser observada na fala de Glaucia, que apresenta uma costura de apaixonamento nas entranhas psicanalíticas. Ela diz:

Para mim, a psicanálise é uma paixão desde sempre. Sempre fui muito apaixonada pela clínica, pelos efeitos da clínica, porque acho que clínica é apaixonante conforme a gente vai se dando conta dos efeitos do nosso trabalho na vida dos nossos pacientes. [...] Eu sou muito apaixonada pela pesquisa, pelo estudo, pela transmissão, a transmissão da psicanálise faz parte da minha formação em psicanálise. [...] A transmissão inclui a pesquisa, esse trabalho de publicar, de fazer mestrado, doutorado, pós-doutorado, isso me apaixona e acho que isso alimenta meu interesse pela clínica.

Um aspecto interessante na fala da Glaucia são as inúmeras situações que lhe provocam o enamoramento com a psicanálise, como se, a cada momento ou ciclo, uma área ou situação renovasse essa paixão, mantendo o casal unido, pois os estudos, a pesquisa e a transmissão da psicanálise se retroalimentam e impulsionam, no caso dela, o trabalho na clínica.

Falando especificamente das facetas prazerosas que a paixão propicia ao ser humano, Noah considera que, para se manter na função de analista, é imprescindível atrelar prazer e criatividade, o que denota a existência de um apaixonamento como pano de fundo. Noah afirma: “[...] a manutenção tem a ver com prazer e criatividade, pois quando você se sente criativo, você continua e tem que te dar prazer”. Nessa mesma linha de argumentação de

¹¹ AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer**: alienação, amor, paixão. Rio de Janeiro: Imago, 1985, p. 150; grifos do autor.

¹² Ibidem, p. 154.

Noah, Ulisses sugere: “Mas é um ofício que também traz para mim, assim, uma enorme satisfação, eu tenho muito prazer nas sessões que eu faço.”.

Quando questionado sobre as motivações que o fazem continuar atuando como psicanalista, Alencar também enumera a paixão como um elemento fundamental para essa continuidade. Ele diz: “Eu acho que um analista precisa ter um nível de apaixonamento com aquilo que ele faz, de encantamento, porque senão é muito difícil manter, aí na linha da pergunta que você faz.”.

Diante da mesma pergunta, Rebeca não hesitou em responder: “Algo da ordem de uma paixão. [...] Não é uma paixão que me deixa totalmente cega e surda, mas é da ordem de uma paixão.”.

Nas falas dos entrevistados Alencar e Rebeca, encontramos mais uma vez a paixão como condição *sine qua non* para o exercício do psicanalisar e, por isso, recorreremos a Lebrun, por afirmar que “[...] a paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é, então, um sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro. *Um ser autárquico não teria paixões.*”¹³.

Portanto, se se faz indispensável um certo nível de apaixonamento para se manter atuando como psicanalista e, concomitante a isso, há a necessidade do analista não se colocar, como Lebrun diz, autárquico, ou seja, autossuficiente, pois somente assim o analista poderá entender, pela via do enamoramento, a relação de dependência estabelecida com a psicanálise, sendo que, em certa medida, há uma alienação presente entre o psicanalista e a psicanálise, tornando esse profissional um apaixonalista.

Poderíamos encerrar esta carta agora, transmitindo a importância da paixão no psicanalisar com um viés inofensivo e uma sutil ignorância quanto à faceta avassaladora e alienante da paixão, mas ainda há um caminho a percorrer quanto à posição do apaixonalista.

Caberia nos interrogar se seria possível se manter eternamente apaixonado pela psicanálise. Será que a paixão cegaria o psicanalista?

Se na paixão há uma dependência estabelecida com o objeto amado, que preenche o vazio, seria possível pensar que, pela via da paixão, os analistas criam a psicanálise que eles desejam. Parafraseando a autora Ana Suy¹⁴, que diz que na paixão “[...] nós inventamos a pessoa amada”, na relação com a psicanálise, seria possível pensar que os psicanalistas também a inventam e se relacionam com a psicanálise que eles necessitam se relacionar.

¹³ LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: NOVAES, A. (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 18.

¹⁴ SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. 3. ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2022, p. 76.

Nesse sentido, é possível se manter eternamente apaixonado pela psicanálise, mas, se isso ocorrer, a relação do casal psicanálise e psicanalista irá se pautar estritamente na paixão e, assim, a alienação engessará o analista, fazendo-o enxergar a psicanálise com as lentes de perfeição e de onipotência, em um processo de fusão analista-psicanálise.

E, ainda, não podemos esquecer a outra faceta da paixão, como em *Romeu e Julieta*, visto que a ausência do outro se torna insuportável e mortífera, sendo que, na relação com a psicanálise, pode ocorrer tamanha decepção com a teoria ou com a prática que venha a romper brutalmente com o ofício de psicanalisar.

Para além dos prazeres experienciados na via do apaixonamento, há também os desprazeres e Glaucia aponta isso, ao dizer: “Então o que me faz persistir é principalmente esse trabalho de transmissão porque o dia a dia da clínica ele é apaixonante, mas ele é muito desgastante.”.

A fala evidencia o quanto o prazer e o desprazer estão presentes nas paixões, já que considera o cotidiano da clínica como apaixonante e desgastante ao mesmo tempo, o que converge com as palavras de Leibniz, citadas por Lebrun, que prefere “[...] dizer que as paixões não são contentamentos ou desprazeres, nem opiniões, mas tendências ou, antes, modificação da tendência, que vem da opinião ou dos sentimentos, e que são acompanhadas de prazer ou desprazer.”¹⁵.

E essa faceta desprazerosa da paixão nos aponta para alguns caminhos, podendo um deles ser a ruptura brutal com o objeto-todo-poderoso, mas também a possibilidade de se relacionar com esse objeto de outra forma, circunstância em que ele já não se apresentaria mais como todo-poderoso. Por outro lado, se houvesse apenas a faceta prazerosa na relação, a psicanálise poderia representar um objeto fetichista para o psicanalista.

Uma possibilidade comumente apresentada a partir das relações cotidianas e do senso comum para se relacionar de outra forma com o objeto amado seria fazer uma passagem da paixão para o amor, eliminando, assim, a paixão e desafiando-se somente no amor. Entretanto, essa não será a possibilidade tratada aqui.

Para pensar na posição do apaixonalista, ou seja, na relação que o analista estabelece com a psicanálise e se mantém nessa relação, se faz necessária a presença da paixão, tão citada pelos psicanalistas participantes da pesquisa, em uma junção com o amor e com a solidão.

¹⁵ LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: NOVAES, A. (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 17.

Essa tríade paixão-amor-solidão foi discutida pela psicanalista Ana Suy¹⁶, que considera esses elementos primordiais nas relações humanas, sendo que, para ela, o amor seria a somatória da paixão com a solidão. Essa tríade também fora apresentada pelos poetas, ao abordar os vínculos entre as pessoas e, diante de uma vasta literatura, a citação de Rilke traduz, de forma cirúrgica, a esfera dessa relação:

Amar também é bom: pois o amor é difícil. Ter amor, de uma pessoa por outra, talvez seja a coisa mais difícil que nos foi dada, a mais extrema, a derradeira prova e provação, o trabalho para o qual qualquer outro trabalho é apenas preparação. Por isso as pessoas jovens, iniciantes em tudo, ainda não podem amar: precisam aprender o amor. Com todo o seu ser, com todas as forças reunidas em seu coração solitário, receoso e acelerado, *os jovens precisam aprender a amar. Mas o tempo de aprendizado é sempre um longo período de exclusão, de modo que o amor é por muito tempo, ao longo da vida, solidão*, isolamento intenso e profundo para quem ama. A princípio, o amor não é nada do que se chama ser absorvido, entregar-se e se unir com uma outra pessoa. (Pois o que seria uma união do que não é esclarecido, do inacabado, do desordenado?) O amor constituiu uma oportunidade sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo, tornar-se um mundo, tornar-se um mundo para si mesmo por causa de uma outra pessoa; é uma grande exigência para o indivíduo, uma exigência irrestrita, algo que o destaca e o convoca para longe.¹⁷

O poeta, portanto, nos ajuda a entender que há um tempo de maturação dos afetos paixão e amor, influenciado principalmente pela solidão, e esse mesmo processo poderá acontecer entre os psicanalistas e a própria psicanálise.

E que amor seria esse pela psicanálise, atrelado à solidão e à paixão?

O amor que o analista pode estabelecer com a psicanálise seria da ordem da diferença, do vazio e, principalmente, da impossibilidade de completude, ou seja, a teoria, a prática ou algo da psicanálise ocupam um lugar passível de ser questionado, vivenciado e constantemente aprendido.

Já a solidão auxilia o analista a enxergar os limites e os buracos da psicanálise e, ao mesmo tempo, vivenciar uma relação menos idealizada com essa teoria que ele próprio criou pela via do enamoramento. A solidão, ainda, quando vivenciada de forma ativa, possibilita ao analista criar, não uma psicanálise – como ocorre na relação baseada unicamente na paixão –, mas reinventar uma forma de ser um *psicanalisante*¹⁸.

¹⁶ SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta Brasil, 2022.

¹⁷ RILKE, R.M. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2022, p. 65-66; grifos meus.

¹⁸ Termo criado para se referir a uma posição específica de uma ação oriunda da junção do ser-psicanalista com o sujeito analisante após a vivência de experiências que foram apreendidas na vida pessoal e profissional, colaborando para a reinvenção de uma relação com a psicanálise.

A solidão, tão evitada pelo ser humano, por carregar uma conotação angustiante, se faz presente no percurso analítico, apesar da comunidade psicanalítica esforçar-se em criar espaços de compartilhamento de ideias e de experiências, como os grupos de estudos, os cartéis, os institutos e as sociedades, e essas transferências de trabalho não desabonam a riqueza da solidão.

Há um caminhar e um viver na psicanálise que exige o silêncio propiciado pela solidão, que auxilia na construção da relação que cada um estabelecerá com a psicanálise e também com a lapidação da atuação profissional.

Esse movimento dicotômico presente na caminhada psicanalítica representa a possibilidade de lapidar a atuação profissional pela via da solidão, pois “[...] o psicanalista sempre está confrontado com a própria soledade e com a necessidade de estar livre para funcionar de uma maneira real e para intuir.”¹⁹.

Apesar de não utilizar o termo solidão, Freud²⁰ se colocou em uma posição de estar desacompanhado durante os 10 anos em que se dedicou à criação da psicanálise, e Lacan também se referiu a uma condição de estar só nesse caminhar psicanalítico ao afirmar “[...] tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica”²¹.

Um psicanalista pode estabelecer uma relação de necessidade em relação a esse objeto psicanálise, que se torna uma filosofia de vida e/ou um combustível para o seu trabalho, mas, quando essa paixão se atrela a solidão dando espaço para o amor, tem-se uma maior compreensão dos limites e alcances do psicanalisar.

Assim, a paixão pela psicanálise faz com que o analista se encante por ela, a solidão permite que ele se espante com ela, enquanto o amor, regado por pitadas de paixão e de solidão, permite ao analista amadurecer a relação que estabelece com a psicanálise, e esse processo leva tempo, conforme destacou o poeta Rilke.

Se a tríade paixão-amor-solidão tem a sua importância para a relação estabelecida entre o psicanalista e a psicanálise, por que a paixão foi o elemento presente na fala dos participantes?

Porque, no processo de maturação do ser-psicanalista na sua relação com a psicanálise, a paixão instala o dinamismo, enquanto o amor apazigua e a solidão hesita, tendo o analista que cuidar para que a paixão não cesse de se renovar, e não deixar de ser um apaixonalista.

¹⁹ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014, p. 131.

²⁰ FREUD, S. [1914]. Contribuição à História do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. **Totem e Tabu**, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

²¹ LACAN, J. [1971]. Ato de fundação. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 235.

“Se não há mais encantamento, se não há mais surpresa, então o analista se entendia, e um analista entendido é um analista morto.”²².

E, nesse sentido, o apaixonalista, especialmente, se mantém apaixonado – para além da psicanálise, e para além do inconsciente –, mas se alimenta prazerosamente e desprazerosamente pela ignorância, pois na manutenção do psicanalisar há um exercício apaixonante em ignorar aquilo que se sabe. Há, por isso, um eterno encantamento dos psicanalistas por aquilo que é da via da incompletude, da impotência, logo, do desconhecido, sendo essa uma das formas de se manter atuando como tal.

Ao ler um texto ou uma frase, da linhagem teórico-clínica ou do autor de sua preferência, que elucide um horror, uma incompletude ou uma ferida psíquica, uma pessoa ou profissional de outra abordagem pode tomar ciência de uma informação que o assusta, o incomoda ou causa repulsa, mas o psicanalista vê ali uma beleza, uma poesia, uma música, uma informação preciosa que o encanta e, assim, o mantém como um apaixonalista.

Antes de encerrarmos esta carta, nos cabe abordar um assunto pouco falado entre os psicanalistas e, conseqüentemente, pouco estudado ou teorizado pelos pesquisadores, que é sobre o processo de aposentadoria do psicanalista.

E por que falaríamos desse assunto aqui?

Porque o eterno encantamento dos psicanalistas com a psicanálise os mantém nessa posição de apaixonistas, e pondero que isso os mantém tão vinculados a esse modo de ser e existir que o rompimento ou distanciamento do exercício desse ofício torna-se impraticável.

Não precisaríamos listar os diversos psicanalistas que atuaram até o seu limite físico e mental, a começar por Freud, que, mesmo adoecido e debilitado, mantinha-se trabalhando de alguma forma no psicanalisar.

Bem, a psicanálise é uma atividade pela qual os analistas precisam existir de uma maneira fundamental. Eles não prescindem dela, em hipótese alguma! Por isso, os analistas trabalham até em uma idade muito avançada, quase até a morte, o que não acontece com outras profissões em que pessoas se aposentam numa certa idade, regulamentada devidamente pelo Estado.²³

Tem-se, portanto, um enamoramento pela psicanálise por parte dos psicanalistas de tal forma que, nessa relação, há uma fusão entre o ser, o existir, o pensar e o psicanalisar e, por

²² ZYGOURIS, R. Por uma psicanálise laica. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, p. 411.

²³ BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Ed. 34. 1996, p. 204.

isso, o manter-se atuando como tal é uma forma de manter-se vivo, afinal, uma das funções da paixão é manter uma relação viva.

4.3 Carta a respeito de um ofício mais possível

Uma das perguntas direcionada aos entrevistados verificava se eles consideravam haver diferença entre o psicanalista iniciante em relação àquele que atua há um certo tempo. Com isso, tinha-se o intuito de investigar se algo se modificava, ao longo do tempo, na relação com a psicanálise e, aí, seria obtida a tão sonhada resposta: o porquê se mantiveram atuando.

No entanto, leitor ou leitora, não houve unanimidade nas respostas quanto à existência ou não dessa diferença entre as duas posições e, conseqüentemente, a tão sonhada explicação, dos motivos que os fizeram manter-se atuando como analistas, não foi adquirida de imediato, apesar de terem apresentado algumas pistas que foram essenciais.

Mas, por outro lado, a investigação sobre se haveria diferença entre o analista iniciante e o de longo percurso possibilitou entender o lugar que a psicanálise pode ocupar para os analistas a partir da relação – seja essa de curto ou longo tempo – estabelecida com a psicanálise.

É necessário esclarecer que tal investigação não tinha o atrevimento de mensurar a qualidade do trabalho de cada profissional, até porque acredito que o leitor ou a leitora tenha entendido que, em psicanálise, não é possível classificar um profissional como bom pelo tempo de atuação, se não houver, também, tempo de análise, de supervisão e de dedicação aos estudos.

Feito esse esclarecimento, vamos retomar a reflexão sobre o lugar que a psicanálise pode ocupar para os analistas no decorrer do seu percurso e, com isso, entender se há alguma diferença para aqueles que se mantêm atuando.

Petúnia e Glaucia consideram que não há diferença entre os analistas iniciantes daqueles que possuem um longo percurso. Petúnia foi categórica no seu posicionamento, dizendo: “Não, não há diferença” e, depois, fez uma breve consideração que ilustra uma diferença considerável: “No início tinha um superego bastante forte que as vezes me atrapalhava. Eu não deixava de fazer o que eu acreditava, mas eu tinha dificuldade de dizer que tinha feito.

E Glaucia ressaltou:

É uma coisa que eu sempre digo, que às vezes choca umas pessoas, é que eu não acho que uma pessoa que tem 30 anos de clínica está mais habilitada para trabalhar com um paciente do que quem é recém-formado. [...] Eu não acredito que o tempo de formação é o que define quem você é enquanto analista. [...] Não é que é indiferente, é importante o percurso que cada um tem, mas eu não tenho, e acho que o Lacan não tinha uma ideia de formação que tinha a ver com tempo mesmo.

Uma ponderação destacada por Fausto, quanto ao percurso, retrata a percepção do entrevistado de que a diferença entre o iniciante e o atuante de longo percurso dependerá do modo como cada um irá se empenhar na trajetória profissional. Ele diz:

Depende do percurso. O recém-formado, às vezes, lhe falta traquejo, lhe falta experiência, mas pode ter criatividade, pode ter iniciativa, pode ter muita empatia e sensibilidade, que são fundamentais para um analista. [...] Por exemplo, eu fiz uma estatística, e os pacientes psicóticos se davam melhor com terapeutas jovens do que com os calejados, porque o calejo implica calos, endurecimentos.

Já, Clarice, Ulisses, Alencar, Teresa, Noah e Águia pontuaram as diferenças que acreditam haver entre o analista iniciante em relação ao de longo percurso, considerando, principalmente, uma mudança na compreensão do que se trata a psicanálise e, especialmente, do que é ser um psicanalista.

Para alguns entrevistados, há uma diferença fundamental quanto à força que o superego exerce no início da trajetória do percurso analítico, mas, também, se o superego não exercesse tal pressão, como é que se garantiria uma prática minimamente ética? Então, entendam que tal posicionamento não é necessariamente uma crítica e, sim, uma condição *sine qua non* no processo de tornar-se analista. Vamos às falas dos entrevistados:

Ulisses afirma que “[...] ele [o iniciante] tem um superego imaturo. Digamos assim, ele se burocratiza na psicanálise, se pegar psicanalistas mais velhos, você vai encontrar uma psicanálise mais viva, mais flexível, mais fazendo parte da vida e não em um quadradinho.

Águia também apresenta seu posicionamento, ao dizer:

Ah Sim! Eu acho que tem diferenças positivas e negativas. [...] Uma coisa que eu acho é que no começo você vai com corpo e tudo. E acho que no começo você é superegoicamente mais apegado às regras fundamentais, associação livre, atenção flutuante, enfim, faz tudo direitinho e qualquer coisa você acha que é transgressão, enfim, coisa que com o tempo eu fui mudando muito, fui achando meu próprio estilo, mas o que eu acho que é fundamental é a ética do psicanalista, que a primeira coisa é se perguntar porque ele está fazendo determinada coisa ou porque que ele fez determinada coisa.

E ela também acrescenta que “[...] não tem o analista perfeito, não tem um modo perfeito, não existe nada mais tão anti-analítico do que esse superego psicanalítico [...] aí tem a ver com as desidealizações, que tornam mais fáceis esse trânsito e um certo asseguramento do seu espaço interno.”.

Nessa mesma linha de pensamento, Alencar diz:

Eu acho que há muita diferença. [...] O analista vai entender do que se trata o trabalho, ao longo dos anos. De início, eu acho que o analista tem um peso superegoico maior, em termos do que um analista deve fazer, qual é a tarefa, mas de entender isso a partir de si mesmo e a partir da experiência, de ser paciente, de tentar ajudar as pessoas e ser ajudado por um supervisor a ajudar essas pessoas, eu acho que o analista iniciante, muito gradualmente, vai se dando conta do que se trata o ofício. De início, ele faz o que dizem que é para ser feito e concebe, tem ideias do que os outros dizem sobre qual é a tarefa do analista, mas ele vai entender isso mesmo na prática, não tem como saltar estágios nisso.

Nesse aspecto, Figueira²⁴ nos ajuda a entender sobre a rigidez superegoica presente mais veementemente nos analistas iniciantes, ao formular sobre o “superego técnico psicanalítico”, por perceber que a inflexibilidade teórica e técnica instalava uma rigidez de manejo clínico baseada em classificações do que é permitido e do que é correto no psicanalisar, podendo representar até uma forma de fidelização ao pai da psicanálise.

O autor ainda nos alerta sobre o sentimento de culpa que assola os psicanalistas iniciantes que consideram ou vivenciam uma situação em que julgam ter cometido erros. Ele diz:

Os sentimentos de culpa que muitos psicanalistas sentem quando se dão conta de que quebraram algum princípio diretriz de sua técnica, o medo que pode tomar conta de um analista se ele ousar ir além de certos parâmetros técnicos, e a inércia que caracteriza a maior parte dos analistas quando têm que aprender um estilo técnico que é diferente do seu próprio.²⁵

O psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge²⁶ também considera que o analista iniciante se mantém mais amarrado às exigências técnicas como uma forma de proteção para não deixar de ocupar o lugar de analista. E que, por outro lado, o analista de mais tempo de

²⁴ FIGUEIRA, S.A. **A clínica do analista**: agenda para uma clínica psicanalítica do século XXI. São Paulo: Lemos, 1996.

²⁵ Ibidem, p. 62.

²⁶ JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: a prática analítica. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

percurso compreende as exigências técnicas, mas mantém sua atuação prática pautada na compreensão ética da análise, por entender, principalmente, que o dispositivo analítico precisa se adaptar ao analisando e não o inverso.

Tais mudanças podem ou não ocorrer, mas, quando ocorrem, serão de forma gradual. Ulisses também destaca que esse tipo de apreensão sobre a prática analítica e o ofício do psicanalisar estarão atrelados a um amadurecimento pessoal, ao dizer:

Então, eu diria que tem várias diferenças, é lógico que a experiência acumulada de um psicanalista faz muita diferença para deixá-lo mais seguro, para deixá-lo mais sossegado na sua posição, ele vai entendendo melhor qual é a posição que lhe cabe. Coisa que a gente não sabe, a gente tem muitas ideias abstratas, então, eu acho que uma diferença é um amadurecimento emocional na experiência, na carreira. Mas, além desse amadurecimento emocional que te deixa mais sossegado, mais bem-posto na sua posição, eu acho que a tua ligação com a teoria muda, eu acho que isso faz a maior diferença, a ligação com a teoria muda.

É interessante pensarmos que tanto Ulisses quanto Alencar destacam uma trajetória gradativa do tornar-se analista recheada de aprendizados e principalmente do processo de amadurecimento pessoal. E como seria possível esse amadurecimento?

Antes de responder à pergunta, é impossível não parafrasear com a Teoria do Amadurecimento, considerada como a espinha dorsal do trabalho de D. W. Winnicott, na qual ele descreve os importantes processos da vida do bebê e seus os estágios de desenvolvimento.

Assim, na teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott²⁷, uma das principais teses é a de que o indivíduo, para se sentir vivo e usufruir de suas potencialidades, precisa integrar os vários aspectos de sua personalidade. E, para que haja tal integração, é necessário observar na história do indivíduo três questões fundamentais.

A primeira delas é a tendência inata ao amadurecimento, a hereditariedade que todo bebê carrega ao nascer. A segunda questão fundamental é o tipo de relação fornecida ao recém-nascido pelo ambiente, o qual pode ser ou não suficientemente bom para ajudar no processo maturacional do bebê. A terceira, relacionada às duas anteriores, refere-se às tarefas básicas que o bebê deve cumprir rumo ao seu próprio amadurecimento²⁸.

²⁷ WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

²⁸ WINNICOTT, D. W. **Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

Assim, para Winnicott, quando o bebê vem ao mundo, ele depende de um ambiente satisfatório, ou seja, um ambiente que atenda às necessidades do bebê, fornecendo-lhe os cuidados básicos, o que facilitará seu processo de desenvolvimento pessoal.

Isso porque, durante o desenvolvimento infantil, o bebê vivencia diferentes estágios, como o estágio de dependência absoluta, no qual está totalmente misturado com o ambiente, disperso no tempo e no espaço, e precisa que um cuidador atenda suas reais necessidades (mãe suficientemente boa); depois, no estágio de dependência relativa, o bebê começa a suportar a ausência da mãe por meio de objetos transicionais; já na fase do uso do objeto, o bebê começa a diferenciar um mundo externo e um mundo interno e começa a atacar o objeto ao perceber que ele existia independente da sua presença; no estágio do concernimento, o bebê pode vivenciar gradualmente, dependendo de como foram os estágios anteriores, um crescimento pessoal e, assim, se fortalecer e se tornar mais autônomo frente ao ambiente, porque há a vontade de fazer reparações com o objeto que foi atacado e, assim, lidar com o sentimento de culpa gerado por esse ataque.

Desse modo, as falas de Ulisses e Alencar apontam para um caminho de amadurecimento emocional que permite traçar um paralelo com as etapas de desenvolvimento descritas por Winnicott, vivenciadas pelo bebê rumo a sua autonomia.

Visto que um analista iniciante encontra-se em um estado de fusão com seus ídolos, sejam esses professores, analistas, familiares etc., vivencia um estado de dependência de uma (ou mais) “figura psicanalítica” que ajuda, orienta e apazigua a relação com a psicanálise.

Depois de um tempo, esse analista iniciante pode conseguir se separar um pouco dessa “figura psicanalítica” e se aventura a começar uma relação própria com a psicanálise, mas elegendo um objeto transicional que o ajude nesse processo. Esse objeto ou objetos podem ser desde as vestimentas copiadas e mantidas como referência do ser-psicanalista, até livros e objetos da sala.

No estágio seguinte, poderíamos pensar que há um processo do tornar-se um analista com escolhas pessoais quanto à formação e atuação clínica, pois ele passa a diferenciar-se da(s) “figura(s) psicanalítica(s)” construindo seu estilo próprio.

Só então, a partir do manter-se atuando como psicanalista, pode redefinir sua relação com a psicanálise, produzindo algo ímpar a partir dessa relação e, assim, poder vivenciar um crescimento do analista em si.

Sabemos que, ao parafrasear a ideia da Teoria do Amadurecimento de Winnicott, corremos o risco de abordar o assunto com certa superficialidade, mas, por outro lado, mesmo sem destrinchar detalhadamente a riqueza dessa teoria, o que nos interessa aqui é construir um

paralelo quanto a um processo vivenciado por um psicanalista na sua trajetória com a psicanálise.

Considerando que, nesse processo, o psicanalista vivenciará sentimentos de frustração, de desamparo, de solidão e de dúvida, tão necessários para o amadurecimento emocional, entende-se que:

O psicanalista deverá estar preparado para lidar com o desamparo absoluto que se opõe à onipotência e à onisciência. Como ser humano, ele também está sujeito, de forma consciente e inconsciente, à ilusão psíquica de uma autoridade. Vê-se que aqui se coloca outra vez uma encruzilhada, onde sempre precisamos decidir que o desconhecido é desconhecido para o psicanalista também. Assim o psicanalista é chamado a ousar romper com pressupostos estabelecidos por ele ou por aquilo que é a doutrina tradicional. O desenvolvimento de seu 'livre-arbítrio', possibilitando o surgimento de uma autoridade pessoal, o levará a uma prática libertadora, não terá necessidade de interpretar e poderá questionar sempre as preocupações com melhoria, cura, mudanças, transferências, identificações, narcisismo e outras formulações dependentes de teorias, mudando o vértice da observação para a relação íntima e pessoal do analisando com ele mesmo. A ruptura interior com a grande quantidade de teorias e informações psicanalíticas, de sugestões, orientações sobre como se deve conduzir o trabalho psicanalítico é o agente propiciador de um trabalho criativo e original.²⁹

Entendermos que há etapas a serem vivenciadas ao longo dessa relação entre um psicanalista e a psicanálise, e que nessas etapas há momentos importantes de ruptura, conforme aduz Alves, para que um novo possa surgir, nos indica que a diferença existente entre os analistas iniciantes em relação aos de longo percurso é inerente a um amadurecimento emocional relativo ao percurso de cada um. Nesse sentido, penso que há uma diferença entre os analistas iniciantes dos de longo percurso, tendo em vista que, para amadurecer, é preciso percorrer e persistir por um certo tempo, pois isso possibilita vivenciar experiências e aprender algo com elas.

E, retornando à pergunta anterior, como seria possível o amadurecimento emocional dos analistas?

É possível pensar que o amadurecimento emocional seria concomitante ao trabalho da análise pessoal, como destaca Rebeca: “[...] eu creio que sim, porque estou considerando uma coisa muito importante, não só o saber, as leituras de Freud e Lacan, ou seja lá de quem for, mas eu considero assim fundamental, a análise.”.

²⁹ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014, p. 130.

Em cada frase ou parágrafo recortados das entrevistas, é possível perceber que os analistas de longo percurso descrevem uma transformação da própria atuação, da relação com a psicanálise e, conseqüentemente, do quanto o ofício de psicanalisar se torna mais possível.

No entanto, essa transformação é como uma metamorfose da psicanálise – para aqueles que de fato se dedicam ao tripé psicanalítico –, que não pode acelerar ou ignorar as etapas que lhes ajudarão a construir uma relação singular com a psicanálise e um estilo próprio de atuação. Mas isso leva tempo e, portanto, a psicanálise é para aqueles que conseguem aguardar e vivenciar cada etapa do processo. Por isso, a paciência se torna um atributo essencial no ofício do psicanalisar.

Nesse sentido, Alencar nos alerta que toda essa transformação é decorrente de muito tempo de trabalho: “No início, acho que é uma vivência muito de confusão, de vertigem, mas o analista mais experiente já tem mais assentadas certas concepções às quais ele chegou duramente e através de muito trabalho.”.

Noah destaca o quanto a experiência é fundamental para o processo do tornar-se analista, pois diz: “[...] sempre a pessoa que tem mais experiência, espera-se – se ela souber usar a sua experiência – vai ter é uma capacidade maior de exercer o seu trabalho. Isso não evidentemente é uma coisa matemática.”.

E Teresa apresenta que a transformação também é decorrente das dores e sofrimentos que o analista vivencia, o que lhe ajuda a compreender as mazelas que ele escuta e, conseqüentemente, a relação com a psicanálise muda, pois há uma desidealização dos poderes teóricos por perceber os limites inerentes a qualquer tipo de intervenção, incluindo a psicanálise.

Ela responde que:

A vida vivida. A vida vivida faz parte disso que nos constitui, eu acho que os jovens analistas têm uma vantagem imensa sobre os velhos analistas, que é o entusiasmo, a vontade de aprender, a disponibilidade total para o outro, aquele encantamento com a dor, com o sofrimento. [...] mas a diferença principal está na vida vivida, nas dores que a gente foi passando ao longo do tempo, o que faz a gente ter um olhar mais tolerante para o mundo, mais tolerante para o sofrimento também [...] com o tempo a gente tem mais paciência, e é menos exigente, porque talvez a gente conheça mais os limites dos dispositivos analíticos.

Apesar da diversidade das respostas quanto a existir uma diferença ou não, do analista iniciante em relação ao de longo percurso, em todas as falas dos entrevistados encontramos uma convergência para o fato de que o analista não é definido pelo tempo de atuação, pela

quantidade de livros que leu, ou mesmo de artigos e livros que publicou, pelas aulas e cursos que já ministrou, ou pelos horários ocupados na agenda, pois de nada isso vale se o analista não experienciar analiticamente as vivências pessoais (na própria análise) e profissionais (nos âmbitos acadêmicos, da supervisão e da prática clínica).

Como aponta Ulisses:

Então, para manter-se numa posição de analista, ou seja, no ofício de analista, você tem que amadurecer muito e não apenas ter então uma relação melhor com teorias e tudo mais, mas principalmente com você mesmo. Eu acho que a psicanálise exige que o sujeito continuamente saiba quem ele é, tente saber quem ele é, e de forma a registrar aquilo que poderia pôr a perder o seu esforço de analista, como por exemplo, as suas resistências e seus obstáculos internos. Se a gente consegue fazer isso, aí é o contrário, deixa de ser uma grande provação, e é difícil. É um ofício complicado.

E é justamente dessa complicação que se pode compreender a possibilidade do psicanalisar, já que não há como estabelecer uma relação linear e sem percalços quando se propõe a exercer tal ofício, ou seja, não se pode descomplicar demasiadamente a experiência analítica, mas, também, ao complicar em excesso pode se tornar insuportável, e nessa via um tanto complicada há um caminho de amadurecimento do próprio sujeito-analista.

Forbes³⁰ faz uma comparação com a forma como fazemos uma curva, dizendo que, em uma análise, assim como em uma corrida, há um cálculo quanto ao limite de aderência em uma curva, pois se, de um lado, há o risco de derrapar, por outro, não se faz a curva dependendo do cálculo feito.

Essa comparação nos ajuda a pensar que esse cálculo também se faz presente no ato de psicanalisar, ou seja, sem complicações em excesso, pois podemos derrapar e sair da pista, mas descomplicar em excesso nos impossibilita de fazer a curva. “Nisso está a beleza, um certo refinamento da psicanálise, que os analistas devem inscrever no mundo.”³¹.

Nesse sentido, Alencar também destaca:

[...] eu acho que precisa ter um tanto de vocação para isso, a vocação significa também ter tido, ter ou estar às voltas com o próprio adoecimento. E não só com o adoecimento, mas com uma ideia de crescimento afetivo emocional, de amadurecimento, então, eu acho isso muito fascinante, muito interessante e isso ajuda também a segurar o peso que a profissão traz consigo porque é uma profissão potencialmente iatrogênica, você não pode só não ajudar o outro, como você pode ficar doente.

³⁰ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri: Manole, 2015.

³¹ *Ibidem*, p. 287.

Além da possibilidade de o analista adoecer de forma física e mental, Nasio³² pondera que, na atuação psicanalítica, há um medo do enlouquecimento do analista nos casos em que ultrapassar os limites da prática ou do paciente.

É possível entender que, com os anos de atuação, para aqueles profissionais éticos, a relação com a própria psicanálise se modifica e, com isso, o ofício de psicanalista se torna mais possível na medida em que a análise pessoal e a atuação profissional convergem para a constância do amadurecimento. Segundo Ulisses,

[...] para isso você precisa de tempo, e para você aguentar o tempo, o tempo de estudo, o tempo de trabalho, o tempo de amadurecimento, você precisa abrir mão da onipotência da fantasia reparatória. Você não pode dispensá-la, o que eu acho importante é que você não pode nem viver na psicanálise sem alguma fantasia reparatória, nem pode encarná-la de maneira muito bruta, primitiva, sem muita elaboração, então, ela tem que ser em parte reprimida, ela tem que ser em parte sublimada.

Assim, manter-se atuando como psicanalista passa também por uma vivência singular e, ao mesmo tempo, universal – no sentido de que aqueles que se propõem a mergulhar na psicanálise não conseguirão se esquivar – de estabelecer uma relação eternamente analítica consigo mesmo e uma parceria possível com a teoria, pois esta não está a serviço da crueldade, selvageria e nem da hipocrisia; como afirma Petúnia, “[...] a teoria está sempre a meu serviço e não eu a serviço dela.”.

Nesse sentido, considero que há diferenças entre os analistas de curto e de longo percurso, não no sentido de que uns possuem mais criatividade, mais disponibilidade de escuta, mais pacientes etc., mas, sim, pela via de que o acúmulo de experiências vividas é proporcional à paciência em persistir aprendendo com tais experiências. E isso só é possível para aquele que caminhou por mais tempo.

Freud destacou a importância de os psicanalistas entenderem que a familiaridade com a técnica psicanalítica não se reduz ao conhecimento teórico, pois, para isso, se faz necessário experienciá-la. Para ele, “[...] essa técnica ainda não pode ser aprendida em livros, e certamente pode ser obtida apenas com *grandes sacrifícios de tempo, esforço e resultados*. Como outras técnicas médicas, o indivíduo a aprende com aqueles que já a dominam.”³³.

³² NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

³³ FREUD, S. [1910]. Sobre Psicanálise “Selvagem”. In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva** [O homem dos ratos], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 332; grifos meus.

4.4 Carta sobre a persistente insistência do analista

Alguns leitores ou leitoras podem estar se questionando se o título desta carta está errado por conter uma redundância e, de fato, há, mas o uso do pleonismo foi proposital, justamente para dar o devido destaque para o assunto em questão: a motivação para um analista se manter atuando deve estar atrelada ao desejo de permanecer insistindo na função de analista.

É fato que as motivações são fundamentais para que um profissional se mantenha trabalhando e, aqui, vamos discorrer sobre os motivos que alguns analistas identificam ser essenciais na prática do psicanalisar, mas isso não significa que não possa haver tantas outras razões, para tantos outros analistas permanecerem psicanalisando.

Vamos, portanto, discorrer sobre algumas motivações elencadas pelos entrevistados, visto que Alencar, Ulisses e Teresa apontam o quanto a atuação analítica é múltipla, pois, para eles, apesar de a função parecer seguir um padrão, há uma diversidade imposta nos relatos das inúmeras histórias e no exercício do psicanalisar.

Alencar afirma: “Uma é porque eu descobri que eu gosto bastante, e eu descobri que a profissão de analista ela raramente é uma, na verdade, o que se chama de trabalho do analista, em geral, ele é múltiplo, são várias profissões ao mesmo tempo.”.

E Ulisses complementa, dizendo que ser analista é:

[...] uma experiência que é sempre nova, um dia não é igual ao outro, um analisando igual ao outro, os analisandos vão se transformando e as sessões são sempre novas, então, a gente aparentemente tem uma vida monótona. [...] Essa novidade permanente, eu acho que é um elemento extraordinário de vitalização. E, junto com a novidade permanente, é o desafio de aprender continuamente, é uma atividade onde você não pode se basear no que você já sabe, você sempre tem que ir atrás do novo para aprender, aprender a pensar, aprender a responder, interpretar, aprender o que está se passando, então, eu acho que sempre estou aprendendo a psicanálise para um paciente. Uma coisa que acho que é fundamental para um trabalho que eu faço, eu digo ‘olha, vamos fazer pesquisa’, a psicanálise é um trabalho de pesquisa, é um trabalho de pesquisa, você não planeja, que você não sabe de fato o que vai acontecer, você não tem bem uma hipótese, é uma pesquisa exploratória continua, então, pesquisa feita por duas cabeças em determinadas condições, a gente estabelece um *setting*.

Teresa também descreve o encantamento pelas diversas histórias propiciados pela experiência clínica:

É, eu estou entendendo, é bem interessante essa diferença, não é porque eu me tornei analista que eu me mantive analista. Eu acho que o que me manteve analista, foi a clínica. E olha que eu tenho uma formação acadêmica longa. Muitos anos dentro da universidade, mas eu acho que o que me manteve analista foi a clínica, foi um certo encanto pela história do outro, pela trajetória do outro, porque que as coisas deram o que deram na vida do outro. [...] então, o que me manteve analista foi esse certo interesse, certa curiosidade, um certo encanto mesmo, acho a palavra encanto é a que melhor traduz, pela história do outro, pela trajetória do outro. Eu trabalhei o dia inteiro, atendi um monte, chego à noite, eu saio menos cansada porque tem ali alguma coisa no humano, nessa coisa essencialmente, demasiadamente humana, e continua me encantando.

O interessante é que, para Ulisses, Alencar e Teresa, a diversidade de relatos escutados pelo analista, e as inúmeras funções que este pode ocupar, funcionam como elementos primordiais na insistência de se manterem psicanalisando, ou seja, o que poderia ser motivo para o desânimo, cansaço e/ou a desistência, tornam-se combustíveis para o manter-se atuando.

Ulisses também destaca o quanto a diversidade de relatos reflete na diversidade de trabalhos em que o analista terá que se aventurar, sem preguiça alguma, já que, a cada sessão ou a cada caso, há um novo campo a ser investigado.

E Petúnia descreve o quanto esse processo de investigação em cada caso exige que o analista tenha que lidar com seus limites e sua impotência, pois nem sempre obterá resultados considerados satisfatórios para todos os envolvidos. Ela diz:

Então, eu entro no meu consultório impotente, então, se deu certo é porque eu sou impotente e meu paciente também foi impotente de poder viver a análise dele. Fomos impotentes naquela combinação e talvez com alguma outra pessoa eu não consiga. Eu não tenho a pretensão de que todas as pessoas que vão me procurar eu vou conseguir ajudar, eu nunca tive assim uma pessoa que tenha saído com raiva de mim, mas algumas pessoas não encontraram o que queriam, o que buscavam, eu não tinha para dar. [...] Ou seja, eu sou regida pela impotência e potência, onipotência não!

Pois é, parece fácil, ao ler as colocações de Alencar, Ulisses, Teresa e Petúnia, mas há que se considerar o quanto é difícil vivenciá-las diariamente. Ao mesmo tempo, é possível perceber, por meio das falas deles, que o analista está longe de se manter psicanalisando por ser um herói com superpoderes. Ao contrário disso, há uma insistência em permanecer na função de analista justamente porque a sede por não-saber-tudo mobiliza o profissional. O analista se satisfaz com o circuito: não-saber, procurar-saber, não-saber-tudo.

Assim, entendo que os analistas são atraídos pela lógica de buscar respostas e não as encontrar, ou seja, não é apenas com o não-saber que o psicanalista precisa lidar, mas com o procurar saber aquilo que não se sabe e, ainda assim, não o encontrar, mas continuar no circuito de investigar para não-saber-tudo.

Forbes indica, afinal, que o analista é um profissional do incompleto, e isso o diferencia de outras profissões. Pois, para ele, há uma

[...] diferença que marca um analista, um literato, um jornalista, um cineasta etc. Há algo em comum entre eles: são os profissionais do incompleto. Somos os profissionais do incompleto porque trabalhamos na expectativa do incompleto. Deixamos a expectativa do completo, talvez, para os executivos, para todas as áreas do social que repetem o mesmo.³⁴

E esse circuito não-saber, procurar-saber, não-saber-tudo, pode ser observado em várias funções, como, também, na função que a escrita exerce sobre o psicanalista-escritor, já que alguns entrevistados indicaram a escrita como um aspecto motivador para se manter atuando. Teresa e Clarice, respectivamente, nos contam sobre como a escrita e a psicanálise se unem:

Eu adoro escrever, também tem isso. Eu gosto muito de escrever, mas eu só sei escrever o que eu vejo na clínica. Eu não sou uma analista que escreve sobre a psicanálise, o que que a psicanálise tem a dizer sobre o social? Não. Eu sou analista que escreve sobre o que eu vejo na clínica. Agora, a clínica é espelho da cultura, e o que eu vejo na clínica, e o que eu tenho falado sobre o que eu vejo na clínica tem tudo a ver com o que está acontecendo na cultura.

E o que eu encontrei com a psicanálise, com a minha análise especialmente, foi a escrita. Só que a escrita é solitária, então, para mim, a escrita se conjuga com a psicanálise na medida em que a psicanálise tem efeito poético sobre mim, então, eu vou para análise e depois eu escrevo, eu escrevo e vou para análise. Então, meu trabalho tem relação com a própria análise e isso é para mim o essencial.

A partir das falas das entrevistadas, fica evidente o quanto a escrita está conjugada com o modo de Teresa e Clarice se manterem atuando como analistas. Assim, vai se desenhando que a perseverança no psicanalisar tem relação com as investigações do humano, seja pela escuta clínica, pela transmissão verbal e pela escrita ou, ainda, pelo entrelaçamento desses três.

³⁴ FORBES, J. **Da palavra ao gesto do analista**. 2. ed. Barueri: Manole, 2015, p. 166.

Nesse ponto, é interessante pensar o quanto a transmissão oral e escrita atravessa o psicanalisar, não por um modo obrigatório de se manter analista, mas como uma generosidade em compartilhar aquilo que lhe fez efeito e, assim, poder formular algo dessa relação ímpar estabelecida com a psicanálise.

Lacan traz uma pergunta interessante: “O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?”³⁵, e a resposta para essa pergunta pode ser construída no processo de cada analista no manter-se atuando em tal ofício, mas que independente do modo como cada um fará. Há uma máxima de que esse desafio em transmitir algo do psicanalisar a alguém é uma máxima no persistir nessa função.

E como cada analista lida com essa vivência de psicanalisar?

Nesse ponto, Noah pondera que há um modo muito específico e peculiar de viver a psicanálise e que, portanto, para ele,

[...] um analista tem que ter uma boa capacidade de suportar frustração e ficar isolado do mundo, e ficar com ele mesmo. O isolamento é penoso, se a pessoa tem facilidade para isso fica mais fácil, a pessoa com transtorno de déficit de atenção, por exemplo, é complicado, porque quer se mexer o tempo todo, então fica mais difícil. E a solidão é uma coisa importante, porque é você com você mesmo. [...] Então isso é um antídoto contra o isolamento.

As palavras de Noah nos colocam para pensar o quanto o analista que persiste na função suporta experienciar os inúmeros turbilhões e todos os processos descritos nas cartas anteriores, sozinho. A análise pessoal, os alunos, os pacientes, a família, os amigos podem facilitar um pouco a vivência do ser-analista, mas há parte desse processo que é impossível de ser compreendida e compartilhada na íntegra com os outros que estão ao redor. Haja vista alguns momentos em que podemos ter nos sentido um estranho naquele churrasco em família ou sua opinião pode ter se tornado uma piada.

Claro que um psicanalista pode circular nos meios sociais, mas tem algo desse ser-psicanalista que será vivido com a sua própria soledade e, portanto, será incompreensível socialmente. Parafraseando a ideia de Alves³⁶ sobre o entendimento de que a consciência de soledade será construída ao longo da vida, podemos pensar que essa mesma consciência será formada ao longo da atuação e da experiência psicanalítica e convoca o analista bancar a escolha de persistir no psicanalisar de forma mais genuína.

³⁵ LACAN, J. [1957]. A psicanálise e seu ensino. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 440.

³⁶ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014.

Assim, a consciência da solidão no exercício do psicanalisar pode funcionar, conforme disse Noah, como um antídoto para o isolamento, já que essa forma de se posicionar não permite diálogo com o mundo ao redor, proporcionando uma forma penosa e perigosa de psicanalisar.

Talvez, por essa razão, os psicanalistas tendem a se agrupar, para além da identificação, como um modo de proteção e, por isso, Radmila Zygouris³⁷ adverte sobre a impossibilidade de se tornar e principalmente de se manter psicanalista sem os outros psicanalistas, pois, caso contrário, ele pode se tornar um ideólogo.

A autora afirma ainda que “[...] cada analista precisa de outros analistas para colocar sua prática e seu pensamento à prova. Sozinho ele corre o risco de delírio de grandeza e onipotência, mas também de se desencorajar.”³⁸.

Assim, o ser-psicanalista vivencia, ao escolher persistir no ofício de psicanalisar, os turbilhões de sentimentos, pensamentos, amarras e desamarras psíquicas sozinho, já que se trata daquilo que lhe é próprio, mas, concomitante a isso, dialoga, compartilha e convive com os outros psicanalistas para balizar a condição de psicanalisar. Tal processo corrobora a ideia de Bion, citado por Alves, de que “[...] o ser humano é, ao mesmo tempo, dependente e inteiramente só.”³⁹.

Mas Noah também aponta para uma possibilidade de o analista conseguir lidar com a frustração dessa incompreensão do social em relação à figura do analista e poder, assim, exercer seu ofício sem as amarras do imperativo social, focado essencialmente no que a psicanálise preza: a condição de ser humano.

Nesse sentido, Alencar nos alerta que aquele que se mantém atuando como analista não desistiu de uma certa crença no ser humano, apesar de conhecer todas as dimensões envolvidas na constituição deste. Alencar afirma que, para ele,

[...] é impossível você ser psicanalista sem você ter fé, mas é uma fé profana, no humano, porque se não tiver uma fé nos processos inconscientes – entendendo inconsciente no sentido mais amplo, não só o inconsciente do recalcado, mas aqueles processos profundos que elevam o indivíduo a buscar o crescimento, buscar a ser a si mesmo cada vez mais, estou trabalhando naturalmente com uma ideia do pressuposto aqui winnicottiano, está no Ferenczi acredito eu também e em outros autores –, então, eu acho que isso é bem importante de se dizer porque essa fé que possibilita ao analista se manter em trabalho não é só o encantamento, ele também precisa ser

³⁷ ZYGOURIS, R. Por uma psicanálise laica. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. **Psicanálise entrevista**. v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

³⁸ Ibidem, p. 412.

³⁹ ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014, p. 215.

desiludido, e ele vai ter fartas oportunidades para isso. Mas precisa ter uma fé!

Nesse sentido, Bion nos alerta que a fé “[...] é um componente essencial do procedimento científico, mesmo aquele que é rigoroso”⁴⁰ e ainda nos apresenta sua percepção de que, na relação estabelecida entre analista e analisando, há o que ele denominou o ato de fé.

O ato de fé é a ação de persistir em desbravar um caminho totalmente desconhecido, como no processo analítico, e que ocorrerá tanto por parte do analista quanto do analisando. Com isso, podemos pensar, a partir da articulação dessa ideia de Bion com a de Alencar, que “[...] o ato de fé é indissociável da psicanálise. Através dele existe um sentido coerente e criativo na prática da psicanálise, e que ela pode produzir desenvolvimento emocional no analisando e no analista.”⁴¹.

Sim, o analista trabalha insistentemente para que o analisando, o sujeito ou a sociedade, possa de alguma forma viver sem tantas resistências e negações e, portanto, há um investimento do analista que será nele e no outro simultaneamente. E, por isso, Ulisses destaca que “[...] o que sustenta é aquela fantasia reparatória (reparação de objetos e de si mesmo), mas, ao mesmo tempo, vai permitindo que ela se transforme, ela se sublimar e ela obtenha satisfações que não têm mais a ver com grandes curas.”.

E para que o analista se mantenha dedicado a esse trabalho insistente de escuta, de metabolizar o que escuta, de pontuar ou, com outras palavras, de viver no ciclo de não-saber, procurar-saber e, ainda, não-saber-tudo, Noah ressalta o quanto a criatividade se torna essencial para que o analista crie o seu modo de ser analista. Ele afirma:

[...] eu acho que essa é outra característica do analista, é ser um analista criativo [...] porque todos nós podemos passar pela fase de idealização quando a gente é jovem, mas, se a gente continua em análise e vai aproveitando nossas análises, a gente vai criando uma identidade própria e continua admirando pessoas fantásticas que existem por aí, mas não é mais uma reverência religiosa ou uma reverência científica.

Dessa maneira, a insistência permanente em se debruçar sobre o ser humano, seja si próprio e/ou seja o outro, faz com que o analista possa criar, de forma autêntica, o seu modo de ser-analista e de ser-enquanto-sujeito, para que, então, consiga auxiliar o analisando a

⁴⁰ BION, W. [1970]. **Atenção e Interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 57.

⁴¹ GERBER, I; FIGUEIREDO, L. C. **Por que Bion?** Coordenação Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2018, p. 29.

vivenciar o desnudamento de si. Aqueles que experienciam esse processo se mantêm atuando como analistas.

Se a tão incompreendida psicanálise permanece mais persistente do que nunca, essa mesma persistência se torna essencial no ofício do psicanalisar, principalmente quando há uma ruptura com a arrogância, já que essa fixa o analista nas certezas incontestáveis da poderosíssima resistência.

Não há como falar no ato de fé proposto por Bion, sem citar o seu oposto, que é a arrogância, afinal, o desnudar-se de si ocorrerá a partir do dilaceramento narcísico e da admissão da dependência da relação estabelecida com o outro. Isso porque a arrogância do analista o faz criar um véu de certezas que sustentam ideias fantasiosas sobre o domínio técnico, teórico, além da autonomia na prática analítica, como se a relação com o analisando não interferisse na sessão em si.

Nesse ponto, Gerber e Figueiredo nos alertam sobre os inconvenientes desdobramentos da arrogância do analista:

O analista crente de suas certezas produz uma falsa relação analítica. Uma transferência mentirosa, uma falsa promessa de verdade que encobre sua resistência. Uma obstrução à mudança de si e do outro. Através do processo psicanalítico, tantas vezes nos damos conta de que o que julgávamos serem nossas grandes qualidades podem ser defeitos, e vice-versa.⁴²

A persistente insistência do analista direciona-se, antes de tudo, ao atravessamento da própria resistência, para que haja um processo de desnudamento das fantasias prepotentes de dominação e, assim, fazer surgir um analista que poderá criar algo a partir do desconhecido.

Assim, penso que o manter-se atuando persistentemente como analista envolve, em certa medida, o entendimento e o consentimento de que se pode reinventar algo com aquilo que não se sabe, ou seja, com as possibilidades existentes nas impossibilidades. E isso será possível a partir da ruptura com uma postura arrogante, assumindo um “[...] elemento fundamental da ética psicanalítica, que é o sentimento de responsabilidade pessoal e individual com o próprio mundo interno.”⁴³.

Antes de finalizar esta carta, gostaria de compartilhar com o leitor ou com a leitora, como a dúvida, ironicamente, persistiu na minha escrita, já que não conseguia ter clareza sobre qual palavra deveria adotar como a que melhor representasse a minha ideia.

⁴² GERBER, I; FIGUEIREDO, L. C. **Por que Bion?** Coordenação Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2018, p. 21.

⁴³ FERRO, A. **Na sala de análise:** emoções, relatos, transformações. São Paulo: Blucher, 2019, p. 193.

Por causa dessa dúvida, foram realizadas inúmeras pesquisas sobre o significado, sinônimos e etimologia das palavras persistência, perseverança e insistência, até que fui percebendo, ao longo desta pesquisa, que a inesgotável dúvida não se apaziguaria pela busca do melhor significante. Com isso, a escolha de tecer uma escrita liberta do perfeccionismo brotou ao perceber a riqueza que haveria no entrelaçamento das três palavras.

Dessa forma, a palavra persistência, para além de seu significado no dicionário, ocupou na escrita desta carta a representação da junção de (per)severança com in(sistência).

Nesse sentido, perseverança se torna uma palavra tão importante aqui por carregar uma esperança necessária em qualquer ato ou escolha no sonhar psicanalítico e a insistência acrescenta uma pitada da teimosia singular no desbravamento solitário da manutenção do psicanalisar.

Muitas vezes, há que se teimar consigo próprio para que a esperança ou as motivações em persistir não cessem.

5 CARTA DE CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENLAÇAMENTO

Para que seja possível desenlaçar, faz-se necessário primeiro enlaçar-se a algo. E é desse processo que falaremos agora, pois o ser-psicanalista se enlaça antes de tudo com a psicanálise.

E, nesse sentido, caro leitor ou cara leitora, temos uma reflexão: podemos pensar que a relação estabelecida entre os psicanalistas e a psicanálise possa ser sintomática? Se sim, que sintoma seria? De qual enlace se trata? E como se dá o desenlace?

É consenso entre os psicanalistas que o sintoma analítico se difere do significado a ele atribuído pela medicina e que compreendemos o quanto o sintoma tão estudado pelo prisma freudiano tem uma função e não precisa ser extinto. Assim, para cada sujeito, a análise irá investigar, por meio do sintoma, o que ordena e organiza o seu funcionamento psíquico.

Assim, o sintoma, foi teorizado por Freud¹, como uma manifestação do inconsciente que tem um sentido a ser decifrado no trabalho analítico. O sintoma, para ele, representa uma expressão do recalcado e um paradoxo por surgir e se manter justamente do conflito entre forças distintas, sendo uma da via da satisfação e outra do sofrimento².

O sintoma, então, na clínica, passa a ser um instrumento direcionador da análise, além de ser uma bússola da escuta analítica, auxiliando, assim, o analista a exercer seu ofício. Esse modo de trabalho torna-se bem familiar aos psicanalistas ao longo da prática analítica, já que o sintoma revela uma verdade: “[...] trata-se da verdade do sujeito do inconsciente”³.

E qual seria a relação da compreensão sintomática de um sujeito, interrogação desta carta que se propõe a pensar no enlace e desenlace de um ser-psicanalista?

Para responder tal pergunta, elaboramos outra questão para tentar esclarecer tal relação: será que ser-psicanalista pode ser um sintoma?

Entendemos que essa pergunta não tem a pretensão de responder sobre os motivos do enlace de cada um com a psicanálise, mas, sim, pensar e desbravar o quanto ser-psicanalista pode representar uma relação sintomática para os próprios psicanalistas.

O sintoma é, então, o que nos sustenta e o que nos impulsiona para a análise. Se, para um psicanalista, a própria análise é essencial no processo de tornar-se analista, podemos

¹ FREUD, S. [1917]. O sentido do sintoma. In: FREUD, S. **Conferencias Introdutórias à Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

² FREUD, S. [1917]. Os caminhos da formação do sintoma. In: FREUD, S. **Conferencias Introdutórias à Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

³ QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 120.

pensar que a atuação psicanalítica o impulsiona para a constância da análise pessoal e, com isso, entender que há um enlace entre o belo e o horror no exercício de ser-psicanalista.

Antes de prosseguir, é interessante destacar que não estamos falando do sintoma que o sujeito-analista trabalhará na análise pessoal, visto que Quinet⁴ já tinha nos alertado que o analista deve operar com o seu estilo e não com o seu sintoma, tendo em vista que este deve se manter inerte no momento de conduzir um tratamento.

Além disso, o referido autor também destaca que o analista pode ocupar o lugar de sintoma, o que ele denomina de analista-sintoma, por ser um “[...] suposto gozar de um saber sobre o inconsciente do analisante que este espera ver decifrado. O analista, para o analisante, sendo um especialista em psicanálise, goza do inconsciente como se diz gozar de boa saúde”⁵. E, por isso, o analista-sintoma torna-se uma ameaça para o processo analítico e, muitas vezes, o analisante quer se desenlaçar.

Feito esse esclarecimento, retomamos a discussão para o prisma da relação estabelecida entre um psicanalista e a psicanálise, e vale considerar que o psicanalisar pode inicialmente se apresentar como um ofício belo, que de tão belo se entrelaça com a arte e com a fantasia reparadora, colocando o analista como um humano disponível para escutar e acolher o sofrimento alheio. E, aqui, esbarramos em uma outra faceta da situação, que é o sofrimento, a dor, o horror com que o psicanalista vai se haver diariamente no seu trabalho, seja com o outro, seja consigo próprio.

Nesse sentido, podemos pensar que as idealizações envolvidas no ofício do psicanalisar atraem o aspirante para mergulhar nesse universo, mas, desde o início, o horror já se faz presente no trabalho analítico, só que de forma mais camuflada. E, no processo de manter-se psicanalista, parece evocar uma passagem para acessar o horror de si pelo horror do outro, já que Freud nos alertou, ao dizer “[...] mas de si próprio não se pode fugir, do perigo interno não há fuga [...]”⁶.

Mezan, ao discutir as questões éticas no ofício do psicanalisar, destaca um artigo de Joice McDougall, no qual a autora aborda a alteridade presente no campo analítico, e isso nos faz pensar nos limites possíveis dos perigos internos. E citando a autora, Mezan⁷ afirma que “[...] a hipótese de McDougall significa também que o analista escolhe como ofício o contato

⁴ QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁵ Ibidem, p. 147.

⁶ FREUD, S. [1937]. Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**. Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 303.

⁷ MEZAN, R. O psicanalista como sujeito moral. In: MEZAN, R. **Tempo de muda**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 208.

cotidiano e permanente com a alteridade do outro, ‘em nosso campo’, e que esta escolha submete seu próprio narcisismo a constantes desgastes e abalos.”.

Nesse caminho, o analista é aquele que, ao autorizar-se a exercer tal ofício, precisa, concomitantemente a essa autorização, fazer o luto de uma posição narcísica, pois a posição de analista e a posição narcísica são antagônicas.

O ofício do psicanalisar convoca o analista a enfrentar o entrelaçamento do belo e do horror, e o desenlaçar-se do horror do outro é o que possibilita esvaziar a posição do analista para que possa nascer um outro que suporta o próprio horror. Isso o colocará frente à fragilidade e à insuficiência humana, fazendo surgir o sujeito-suposto-analista.

Assim, no processo de manter-se atuando na posição de sujeito suposto analista, faz-se necessário viver horivelmente o belo, já que se aproximar da legítima condição humana é vivenciar a experiência do horror em si, assim como destaca Mezan:

Pois o psicanalista não é um curandeiro, de confessorário, nem um gentil conselheiro. Ele só sabe o que lhe é comunicado; mas ao contrário do paciente, sabe ouvir o desejo que se diz pelo avesso no discurso que escuta. Da habilidade do terapeuta em discernir o sentido do que lhe narra o paciente – o que significa inclui-lo no manejo da transferência – depende o sucesso do empreendimento analítico. A eficácia da terapia é assim circunscrita por fatores que operam tanto do lado do divã quanto do lado da poltrona: ali, a força das pulsões, a intensidade das defesas, as cicatrizes do ego, o empenho em prosseguir a despeito da dor e dos percalços; aqui, o grau de conhecimento e de autocontrole, o domínio da técnica, o gume da sensibilidade. Corpo a corpo com o sofrimento e o delírio, com amor e com ódio, com paixões e as resistências, *a psicanálise não pretende ultrapassar a natureza humana. Ele visa simplesmente, conhecendo suas determinações e impulsos, utilizar uns para modificar outros, procurando diminuir a miséria da neurose e reabilitar o analisado para uma vida menos infeliz.*⁸

E, por que sujeito-suposto-analista?

Porque Freud⁹ sinalizou que a profissão de psicanalista é uma das três profissões que ele considera impossíveis, junto das profissões de educar e de governar, pelo fato de que o analista não deve procurar pelos resultados satisfatórios do seu trabalho, pois irá se frustrar, já que esses resultados não existem.

Como assim impossível?

⁸ MEZAN, R. Sob o signo de Thânatos. In: MEZAN, R. **Freud**: a trama dos conceitos. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 331-332; grifos meus.

⁹ FREUD, S. [1937]. Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**. Compêndio de psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Pode ser bem desconfortante pensar que dedicamos anos a um ofício impossível, e tal incômodo talvez seja a justificativa de alguns para manter-se agarrados aos muros identificatórios.

Por outro lado, outros podem acessar essa impossibilidade, depois de tempos de atuação, e o ofício do psicanalisar passa a ter outro significado, por respeitar os limites e alcances de tal função, por entender que nem sempre entenderão tudo, e por compreender que as possibilidades não são comprovadas cientificamente, mas que se pode trabalhar pela via das possibilidades existentes nas impossibilidades.

Os ofícios impossíveis se tornam possíveis sem, contudo, ter a garantia de que eles venham a obter resultados tangíveis e definitivos. Ao contrário, eles têm a ver, de um lado, com o real, o impossível, e eu acrescentaria o invisível, o imaterial e, portanto, o não mensurável e, de outro lado, com a contingência que é também imprevisível.¹⁰

É importante atentar para o fato de que tal posicionamento de Freud não aponta para a inexistência desse ofício, mas, sim, para a impossibilidade de saber-tudo, de analisar tudo, de manejar todos os modos transferenciais e é dessa impossibilidade que surge cada analista, pois “[...] fazer com o impossível é usá-lo como instrumento de trabalho.”¹¹

Nesse sentido, Philips nos adverte sobre o fato dessa impossibilidade ser universal aos analistas, afirmando “[...] quero dizer: autoridade em psicanálise, que não é real, é fictícia. Ninguém tem autoridade em psicanálise, porque ninguém sabe nada.”¹²

Nesse ponto, vale retornar para a nossa hipótese, de que a relação entre os psicanalistas e a psicanálise possa ser sintomática. Entendemos que é dessa forma inicial de se relacionar com a psicanálise das possibilidades, gradativamente se defrontando horivelmente com o belo, que cada analista irá construir uma forma de passagem para se relacionar com as impossibilidades do psicanalisar e, assim, saber fazer algo inovador e criar uma relação *sinthomatica*¹³ com a própria psicanálise.

O *sinthoma* é um termo utilizado por Lacan para se referir ao modo específico do sujeito em inventar uma saída em relação a algo que antes era o provocador do sintoma.

¹⁰ LOLLO, P. Os ofícios impossíveis e o chamado do real. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 40. n. 75, jun. 2018, p. 22.

¹¹ ALBERTI, S. O *desser* e a impossível profissão. In: SIGAL, A. M.; CONTE, B.; ASSAD, S. (ed.). **Ofício do Psicanalista II** – por que não regulamentar a psicanálise. São Paulo: Escuta, 2019, p. 139.

¹² PHILIPS, F. **Psicanálise do Desconhecido**. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 137.

¹³ Lacan irá abordar mais especificamente o conceito de *sinthoma* em *O Seminário 23*, que recebe o nome do referido conceito. Vale destacar que a forma original do termo é *sinthome*, mas que algumas traduções optaram por *sinthoma* e até mesmo *sinthomen*. Neste trabalho, iremos adotar a tradução *sinthoma*, mas deixando claro que algumas referências utilizadas podem trazer a escrita original.

Maliska nos ajuda a entender que “[...] não é o sintoma transformado em *sinthome*, mas aquilo que gerava o sintoma pode ser transformado de modo a cessar o sintoma e gerar o *sinthome* como algo inventivo, um *saber fazer ali com* de modo diferente.”¹⁴.

Souto destaca que o *sinthoma* “[...] parece uma referência importante a ser considerada, uma vez que situa, para além de toda ficção discursiva a ser construída em uma análise, um resto incurável, um modo de gozo singular, uma invenção inédita de cada um frente ao real.”¹⁵.

Com outras palavras, a criação do *sinthoma* exige, de certa maneira, uma implicação do sujeito em transformar o que antes era a sua sustentação discursiva e ficava às voltas com que o outro fazia com ele, para uma mudança em se haver com o que ele próprio faz com ele.

E, dessa mudança discursiva, evoca-se também uma transformação do modo de gozo do sujeito, pois “[...] o avanço da análise não trouxe um outro projeto de vida ou uma outra atividade, mas uma outra forma de fazer, não sintomática, não marcada pelo fantasma, uma forma *sinthomatica*.”¹⁶.

E o manter-se psicanalista num percurso ético, genuíno e com tato convoca o psicanalista a transformar a relação estabelecida inicialmente com a psicanálise, que era imaginariamente entendida como cheia de possibilidades e, vez ou outra, até de resistências, em uma relação *sinthomatica*, na qual cada analista poderá reinventar uma forma inovadora para lidar com a carga transferencial, com o horror e com as impossibilidades da psicanálise.

O psicanalista pode advir ali onde surge o desejo, não apenas de ser analista, mas do analista que, frente à própria vulnerabilidade do ofício de psicanalisar, persiste diante do não-saber-tudo e mantém-se nessa função, ora acolhendo, ora compadecendo, mas, principalmente, convocando o analisando a mergulhar na sua vulnerabilidade.

Nesse caminho persistente, o analista (re)inventa seu estilo a partir de um autor ou autores de sua preferência, e alguns podem encontrar, na escrita e nas transmissões orais e verbais, uma forma de apaziguar o impossível da profissão, afinal, ensinar aquilo que julgamos ter aprendido com a psicanálise também se torna impossível de ser todo-falado.

Assim, podemos pensar que o desenlace das amarras narcísicas, da idealização do ofício do psicanalisar, do domínio imaginário da transferência e da contra-transferência, assim como de um modo de estudos e de formação banal, se faz necessário na manutenção do ser-psicanalista, fazendo surgir um enlace *sinthomatico* com o que pode manter vivo o sujeito-

¹⁴ MALISKA, M. E. **Gozo(s)**: do sintoma ao sinthome. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 180.

¹⁵ SOUTO, S. O *Sinthoma* na clínica do delírio generalizado. In: BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. **Todo mundo delira**. Belo horizonte: Scriptim Livros. 2010, p. 219.

¹⁶ Ibidem, p. 193.

suposto-analista. Essa transformação e, conseqüentemente, o desenlace será possível a partir da realização de uma boa análise pessoal.

E o que seria uma boa análise pessoal?

Há um risco em tentar responder essa pergunta, pois uma possível resposta poderia representar uma determinação e definição do que é uma boa análise pessoal e, ainda, se aproximar de um limbo de discussões desnecessárias, de que só há análise pessoal com analistas didatas, se se fez uso do divã ou, também, se foi realizada com psicanalistas estrangeiros com altos investimentos financeiros.

Aqui, entendemos a ideia de que uma boa análise pessoal não se refere a determinações de quais elementos e variáveis devam compor impreterivelmente um *setting* analítico, mas, sim, a persistência do sujeito-psicanalista em se analisar, reanalisar, fazer uma nova análise. E se, nessa persistência, o analisando tiver transferência com um analista didata ou um estrangeiro, se a análise for no divã ou virtual, se houver a necessidade de mudar de analista, dentre tantas outras possibilidades, está valendo, desde que haja persistência em se analisar.

Em outras palavras, uma boa análise pessoal pode proporcionar o desenlace do psicanalista com a relação sintomática com a psicanálise, além de possibilitar ao sujeito-analista ocupar a posição de *psicanalisante*, ou seja, um sujeito-psicanalista que se aventura constantemente ao lugar de analisante¹⁷, por trabalhar na sua própria análise e se aventurar nas impossibilidades das análises dos outros, para poder, assim, criar algo que amenize a própria dor e, por conseguinte, a dor alheia.

Nesse processo, o psicanalista pode continuar se defendendo do próprio horror e da própria vulnerabilidade, mas, aí, temos um lugar cheio de possibilidades e repleto de saberes, enquanto, por outro lado, quando essa posição é esvaziada, o enlace com o *sinthoma* possibilita ao psicanalisante curar-se não somente por meio do outro, mas pelas inúmeras experiências de renunciar de si, para advir um *psicanalisante*.

O desenlace ocorre, então, da ideia imaginária de que existe o psicanalista ou a psicanalista, já que nesse papel pode estar presente um aprisionamento onipotente das possibilidades de um todo-saber psicanalítico. Assim, é a partir desse desenlaçamento que pode advir um *psicanalisante*, sendo que, nessa posição, há um psicanalista que existe apenas na relação com um de seus analisandos, mas que não se distancia do trabalho da análise pessoal que permitirá acesso à vulnerabilidade da condição humana.

¹⁷ Nesse ponto substituímos a palavra analisando por analisante pelo fato de dar ênfase ao que Lacan propôs com o uso do termo analisante como representante de um agente de ação, de movimento na própria análise pessoal.

A posição de *psicanalisante* poderá ser ocupada por todos aqueles que não refutarem da persistente insistência em desbravar belamente o horror do humano. E, a partir disso, iniciar uma outra trajetória, sendo que, no começo desse outro caminhar, há um indicativo: “Bem-vindo à psicanálise!”.

6 UMA CARTA DE UMA *PSICANALISANTE*

Caro leitor ou cara leitora, não tenho conhecimento se você leu todas as cartas anteriores na sequência em que elas se apresentam, ou se sua leitura foi aleatória e feita pela escolha do título das cartas, mas, se você chegou até a presente carta, é porque algo te fez persistir na leitura e/ou no psicanalisar.

Sua persistência pode ter ocorrido por inúmeros motivos, ou por apenas um e essa tal persistência tornou-se personagem principal de uma pergunta que pairava sobre minha prática profissional: por que, depois de um tempo de atuação, eu me mantinha atuando como psicanalista?

Mas é preciso dizer que a pergunta já está apresentada na sua forma mais lapidada, pois inicialmente o questionamento estava direcionado à insistência – como a equivalência de teimosia – em uma profissão que exigia investimentos libidinais e financeiros além de renúncias sociais. E vale confessar que, até esse ponto, pairava um inconformismo na minha relação com a psicanálise por considerar que se pagava um preço um tanto alto pelas renúncias sociais e investimentos financeiros.

Entendam, leitor ou leitora, que o peso depositado nas renúncias sociais e nos investimentos financeiros eram demasiadamente infantis por, até esse momento, carregar uma armadura ortodoxa da figura do psicanalista.

E, nesse sentido, a pergunta inicial estava carregada de certa indignação com as consequências do psicanalisar e, ao mesmo tempo, da insistência teimosa na manutenção do tripé analítico.

No entanto, algo em mim, me impulsionava a estudar e a escrever sobre esse tema e, de forma despretensiosa, me inscrevi no doutorado. Ainda cheia de inconformismo, apresentei minhas ideias ao orientador e a colegas de profissão em uma disciplina voltada a discutir os projetos de pesquisa.

As primeiras palavras explanadas pelo meu orientador trouxeram um contrapondo dessa minha postura, e ele abordou a possibilidade de um psicanalista não só sofrer, mas também se satisfazer em manter-se atuando como tal. As palavras que ele utilizou – motivações, satisfações, prazeres – me perturbaram de tal forma, que o impacto me fez questionar porque haveria tanto ódio na minha pergunta inicial.

E, aos poucos, a psicanalista e a analisanda se difundiram em um diálogo com a pesquisadora, até que a pergunta a ser investigada foi lapidada e iniciou-se um trabalho de escrita e pesquisa, em concomitância com a análise pessoal.

Depois de todo preparativo da lapidação do tema, iniciei a pesquisa com os 10 psicanalistas participantes das entrevistas, as quais se caracterizaram mais como uma conversa, e eclodiram ricas contribuições. Confesso que fiquei extasiada ao ter a colaboração de renomados profissionais, que já faziam parte da minha vida profissional, seja por seus livros estarem na estante da minha casa, seja por vídeos e palestras que eu já tinha assistido. A sensação foi a mesma de uma fã que encontra com seu ídolo... sabe?

Depois de todas as entrevistas realizadas, segui as recomendações do orientador e fiz um trabalho de lapidação das falas, com grifos coloridos em painéis espalhados na minha sala. Poderia dizer que havia feito um trabalho de uma “escuta-fichamento” manual. Assim, a elaboração de cada uma das cartas aconteceu somente após as entrevistas com os participantes, sendo que foram estruturadas a partir do detalhamento desses diálogos. Então, iniciou-se o trabalho da escrita atrelado à leitura teórica.

E, no meio do processo de construção das cartas, houve a cirúrgica avaliação da banca de qualificação e, dentre tantas contribuições, uma em especial causou impacto em mim, pois foi direcionada ao tom da escrita. Vale fazer um parêntese para compartilhar com você, leitor ou leitora, que, curiosamente, em outras bancas de defesa que acompanhei nos últimos meses da minha tese, ouvi comentários dos avaliadores dizendo que o tom da escrita tinha mudado da qualificação para a defesa.

E, claro, me interroguei que tom é esse que os avaliadores das bancas “escutavam”, ou seja, que eles percebiam por meio da leitura do material?

Essa pergunta ecoou em mim durante muito tempo.

Até que fui percebendo e entendendo – e aqui o tempo verbal é obrigatoriamente o gerúndio, já que essa ainda é uma ação contínua – que esse tal tom acompanha a prática psicanalítica de muitas formas. Pois o tom das pontuações e das interpretações tende a mudar ou a se diversificar ao longo da prática clínica, mas também o refinamento da escuta envolve ouvir os diferentes tons de um mesmo relato, como, ainda, na transmissão da psicanálise, seja pela supervisão, pela via escrita ou pela via verbal, o tom do palestrante, do professor, do escritor ou do supervisor tende a se modificar com o tempo de experiência profissional.

Tais mudanças no tom da fala ou da escrita não representam necessariamente a padronização de um tipo de discurso, mas a exteriorização dos aprendizados, dos desafios e das mudanças da relação que cada psicanalista estabelece consigo próprio, com o outro e com a psicanálise. Assim, esse tom tende a representar o que cada sujeito-psicanalista carrega em si.

Dessa forma, não poderia deixar de me impactar ao ouvir o apontamento da banca sobre o tom da escrita, mais ainda ao acessar o que habitava em mim naquele momento.

Não há como compartilhar essas percepções sem citar o quanto a análise pessoal possibilitou um mergulho naquilo que dava base para o tom da escrita inicial. E sem ter a idealização de ter esgotado essa investigação, bem como de outras questões pessoais, as múltiplas facetas do tom ainda acompanham tal aventura.

Mesmo diante desse mergulho, que possibilitou descobertas sobre mim, eu persistia na escrita das cartas, nas leituras, nas conversas com outros psicanalistas e com meu orientador, mas sem ser a mesma do início, não apenas do início da escrita da tese e, sim, do começo do percurso analítico e do psicanalisar.

Nesse sentido, um detalhe das reflexões sobre o tom me chamou a atenção e, atrelado à pergunta sobre as motivações que influenciam ou influenciavam um psicanalista a se manter atuando como tal, foi possível observar que, para além das motivações encontradas em mergulhar no horror e no belo de si e do outro, em ter acesso à multiplicidade de discursos e histórias em um mesmo dia como forma de vitalizar o marasmo da vida, em vivenciar uma solidão que carrega uma paixão e um amor que (retro)alimentam as pulsões, e em estar atento às dificuldades e armadilhas da relação com o analisando e com a teoria, há um persistir em não ceder à resistência.

Com outras palavras, o manter-se atuando como psicanalista tem, para além das motivações, uma dose de persistência em enfrentar a própria resistência para que se persista nas possibilidades de mudanças de si. O psicanalista que persiste atuando como tal é aquele que não desiste de (re)ver sua prática e a teoria, de (re)inventar as relações, seja com o outro ou com a psicanálise, e de (re)encarar-se.

Dessa forma, podemos pensar que a posição a ser ocupada por um ou uma psicanalista, é a de *psicanalisante*, já que entendemos que o ou a psicanalista irá existir especialmente na relação com o analisando e, com isso, a persistência convoca um eterno trabalho de si.

Quanto trabalho!

Além da constância em trabalhar, o tipo de trabalho executado é deveras indescritível, além de ser inesgotável, intransferível e incapturável pela linguagem. Por isso, as chances de cansar, desistir e/ou de resistir durante a trajetória de se tornar e se manter *psicanalisante*, são muito grandes e, por vezes, ironicamente, isso é compreensível, já que sentir na pele esse processo é custoso e bem penoso.

E, ao pensar nas desistências e/ou resistências ou no cansaço, não estou abordando o tema como uma crítica aos fracos, mas, ao contrário, essas formas de existir representam um lado humano também. Só que, por outro lado, alguns ultrapassam essas formas de existir e persistem insistindo em um ofício meio-doido, como disse Luís Cláudio Figueredo.

O mais interessante é que, nessa aventura meio-doida, há algo que incide sobre o tempo, tempo este não passível de ser especificado, pois não se consegue cronometrar uma passagem subjetiva e pessoal da posição de psicanalista para *psicanalisante*.

Ou seja, não é possível delimitar que a posição de *psicanalisante* será ocupada por alguém que esteja atuando e se analisando por 10, 15 ou 20 anos. Confesso que parte da minha intenção inicial era entender quanto tempo seria necessário para que houvesse essa vivência analítica e localizar os motivos para manter-se atuando como tal e, assim, passar a ocupar tal função.

Fui entendendo que não se tratava de um tempo cronológico, mas de um tempo lógico, estabelecido pela relação sintomática que cada um constrói com a psicanálise, e isso será extremamente subjetivo e pessoal.

Nesse sentido, cada um terá que percorrer um caminho próprio e, ainda mais, com um tempo indeterminado para as reflexões, aprendizagens, emoções, sonhos, amadurecimento e transformações. E o tempo mostra a infinitude da função de *psicanalisante*, por abarcar, especialmente, o ilimitado presente na arte de escutar e de improvisar, pois a ação de (re)inventar não se esgota, já que acompanha o tempo histórico e o contexto social de cada época.

Por outro lado, é evidente que um curto tempo de análise pessoal atrelado ao pouco tempo de atuação analítica não possibilita o amadurecimento emocional e analítico propício para abarcar as impossibilidades do psicanalisar, mas não há um impeditivo de que o analista iniciante não perceba ou acesse gradativamente essas impossibilidades e os limites da psicanálise, só que a consciência disso não garante a internalização analítica do processo e da posição de *psicanalisante*.

E, aqui, esbarramos naquela máxima de que o paciente é o analista, por ele precisar ter paciência com o processo analítico de seus analisandos. Penso que a paciência é uma das virtudes mais importantes no ofício de psicanalisar, mas não apenas por estar acompanhando o caminhar de cada analisando; principalmente pelo fato de que o tempo de amadurecimento emocional e analítico para elaborar e poder ocupar a posição de *psicanalisante* exige paciência consigo, com o próprio processo intersubjetivo e, especialmente, com a psicanálise.

Portanto, aqueles que buscam acelerar o processo, pular etapas ou acessar rapidamente a posição de *psicanalisante*, tendem a assumir uma forma discursiva eloquente de saberes e respostas teóricas prontas e completas, mas sem uma posição que possibilite uma produção única, singular e principalmente com originalidade na relação estabelecida com a psicanálise.

E, ao longo de todo o processo de persistir insistentemente em manter-se atuando como psicanalista, uma outra virtude que se apresenta como extremamente relevante ao lado da paciência, é o humor. Diferentemente do chiste, o humor não está sendo tratado como um conceito ou formações do inconsciente, mas como uma característica presente na posição do *psicanalisante*.

Apesar de poucos psicanalistas se interessarem pelos estudos sobre o humor, este se torna imprescindível no manter-se atuando como tal, já que poder rir de si mesmo e localizar graça num caldeirão repleto de drama, tragédia e mal-estar torna o percurso mais possível de ser enfrentado e atravessado.

A presença do humor não desvirtua a trajetória ética, analítica e genuína daquele que visa ocupar ou que já ocupa a posição de *psicanalisante*, isto porque olhar de forma pacientemente e cômica para a vivência do psicanalisar é poder olhar com certa leveza para aquilo que tende a aprisionar-se na dor.

Quero dizer que o humor não é um elemento que pode estar presente apenas como ferramenta de trabalho analítico, impulsionando o analisando a criar saídas frente às dores e ao mal-estar, sendo também crucial para a pessoa do analista na sua própria trajetória, independentemente da posição e função que estiver ocupando.

Assim, preciso frisar que não estou classificando as características obrigatórias da posição de *psicanalisante* e, sim, apresentando possíveis elementos presentes nesse percurso, afinal, o humor, a compreensão do tempo e a paciência podem ser características inatas ou adquiridas ao longo do amadurecimento emocional.

De certa forma, a relevância desses elementos na trajetória daquele que ocupa a posição de *psicanalisante* se dá por contribuírem com o atravessamento daquilo que antes ressoava como estranhamente familiar, passando a ser mais familiar.

Talvez seria óbvio dizer que essa posição de *psicanalisante* não é uma obrigatoriedade no mundo psicanalítico, pelo menos é dessa forma que entendo, já que a relação e, consequentemente, a posição que cada um pode ocupar ou já ocupa na relação com a psicanálise é diversa e cada um pode nomear de uma forma diferente.

E também não seria um equívoco continuar nos referindo a um grupo de pessoas como psicanalistas, pois esse ofício meio-doido delimita a função que algumas pessoas

ocupam para alguns outros. Então, ao abordar o *psicanalisante* como uma posição, me refiro a uma forma de (dis)posição em (re)inventar referenciais que sustentam sua persistência, sua perseverança e sua insistência no trabalho analítico de si e do outro; sendo que o trabalho analítico de si envolve o olhar para as questões pessoais, mas também para a relação construída com a psicanálise.

Assim, a posição de *psicanalisante* engloba o ser psicanalista, o ser analisante, o ser sujeito, o ser sintomático, mas com possibilidades de vir a ser sinthomático; e, portanto, a persistência dessa posição está em construir um diálogo bem-humorado, paciente e saudável entre as várias funções que exercemos.

Por mais que, em algum momento da nossa trajetória profissional, acadêmica ou mesmo familiar, tenhamos defendido a ideia de que a neutralidade é soberana no psicanalisar e que se faz extremamente importante separar as funções que desempenhamos para que uma não interfira na outra, a posição de *psicanalisante* nos indica a impossibilidade dessa segregação, mas, ao mesmo tempo, aponta para as possibilidades de construir ou inventar formas de diálogos para lidar com tal impossibilidade.

Ou seja, depois de um certo tempo de percurso atuando como psicanalista, uma das razões, motivações ou prazeres que podem nos manter persistindo nesse ofício é pela possibilidade de entender e valorizar a preciosidade existente na interface e no diálogo estabelecidos entre as diferentes funções que desempenhamos, por contribuírem consideravelmente para o nosso amadurecimento emocional, analítico, profissional e pessoal.

A ideia de que a análise pessoal é imprescindível para a atuação e para a formação como psicanalista carrega uma defesa, por ser a via de proteção para que as questões pessoais não interfiram na escuta e na atuação propriamente dita, só que, na posição de *psicanalisante*, tem-se exatamente o oposto, por entender que não há necessidade de construir uma barreira de proteção daquilo que é exatamente o combustível do trabalho de si e do outro.

Assim, na posição de *psicanalisante*, não se constrói modos para nos defender de nós mesmos, mas, sim, modos de nos salvar de nós mesmos.

Nesse ponto, leitor ou leitora, posso dizer que foi possível construir algum tipo de resposta para a pergunta inicial que pairava sobre a minha prática profissional, que era: por que eu me mantinha atuando como psicanalista? Ao mesmo tempo, poderia também falar que as cartas anteriores a essa foram uma tentativa de responder à pergunta da minha tese, que foi: quais as motivações que mantêm uma pessoa atuando como psicanalista? E a junção dessas perguntas, das diferentes funções, resultaram em algo impossível de separar, que é a escrita de palavras que compõem o compartilhamento de uma ideia (em formato de tese, nesse caso).

Me parece, leitor ou leitora, que o esvaziamento das palavras em mim, me indica o momento de fazer o desfecho desta carta, não com a conotação de despedida e nem de encerramento, até porque, como eu disse anteriormente, espero poder continuar me correspondendo com muitos outros que habitam em mim e que estão ao meu redor com ou sem o alcance da minha visão. Mas, esse esvaziamento indica que, até esse momento, há grandes chances de eu ter dito, escrito e falado o máximo de ideias e palavras que eu queria expressar e que esse esvaziamento em mim possibilita fazer a palavra circular em algum outro e, assim, dar continuidade a outras ideias, reflexões ou mesmo à escrita de alguma carta.

Nesse sentido, caminhamos para o desfecho desta carta na esperança de que algo que o leitor ou a leitora possam ter lido tenha, no mínimo, ecoado em forma de reflexões, pensamentos, memórias, questionamentos e/ou emoções.

Agradeço imensamente pela sua companhia no percurso dessas palavras.

Saudações de uma *psicanalisante*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AKHTAR, S. **Escuta psicanalítica**: métodos, limites e inovações. Trad. Giovanna Del Grande da Silva. São Paulo: Blucher, 2016.

ALBERTI, S. O *deser* e a impossível profissão. In: SIGAL, A. M.; CONTE, B.; ASSAD, S. (ed.). **Ofício do Psicanalista II** – por que não Regularizar a Psicanálise. São Paulo: Escuta, 2019.

ALONSO, S. L. **O tempo, a escuta, o feminino**: reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

ALONSO, S. L. A construção do analista. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. I. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

ALVES, D. B. **Tessitura de uma experiência**. Edição do autor. São Paulo, 2014.

ALVES, E.F. **Jacques Lacan e a questão da autorização dos analistas**. 2013. 144f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106882>. Acesso em: 8 dez. 2022.

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer**: alienação, amor, paixão. Trad. Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

BARANGER, M.; BARANGER, W. **A situação analítica como um campo dinâmico**. Livro anual de Psicanálise. Uruguai, 2010.

BARROS, R. R. O psicanalista em sua formação. **Psychê**. Ano 3, n. 3. São Paulo: Unimarco, 1999.

BION, W. **Learning from experience**. Karnac, 1962.

BION, W. [1970]. **Atenção e Interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

BOLLAS, C. Pulsional Impiedoso e Receptividade Materna. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp0630a>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: o que é importante para ter sucesso profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

COSTA, J. F. As faces da violência. In: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

FERRO, A. **Na sala de análise**: emoções, relatos, transformações. Trad. Maria Petriccioni. São Paulo: Blucher, 2019.

FIGUEIREDO, L. C. **A mente do analista**. São Paulo: Escuta, 2021.

FINGERMANN, D. **A análise dos analistas**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 2008.

FREUD, S. [1896]. A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. III. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FREUD, S. [1905a]. Análise Fragmentária de uma histeria [O caso Dora, 1905 (1901)]. In: FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, análise Fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. [1905b]. Psicoterapia. In: FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, análise Fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. [1910]. Sobre Psicanálise “Selvagem”. In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva** [O homem dos ratos], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. [1912]. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia** (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. [1914]. Contribuição à História do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. **Totem e Tabu**, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. [1915]. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. [1917]. O sentido do sintoma. In: FREUD, S. **Conferências Introdutórias à psicanálise**. Trad. Sergio Tellarolli; revisão Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. [1917]. Os caminhos da formação do sintoma. In: FREUD, S. **Conferências Introdutórias à psicanálise**. Trad. Sergio Tellarolli; revisão Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. [1921]. Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. [1925]. Autobiografia. In: FREUD, S. **O eu e o id**, autobiografia e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. [1926]. A Questão da Análise Leiga: dialogo com um interlocutor imparcial. *In*: FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**. Trad. Paulo Cesar de Souza. O futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, novas conferencias introdutórias a psicanálise e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. [1937]. Análise Terminável e Interminável. *In*: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**, Compêndio de psicanálise e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. [1939]. Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Moisés e monoteísmo**, Compêndio de psicanálise e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GERBER, I; FIGUEIREDO, L. C. **Por que Bion?** Coordenação Daniel Kupermann. São Paulo: Zagodoni, 2018.

HEIMANN, P. On countertransference. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 21, n. 135, p. 81, 1952. Disponível em: <https://pep-web.org/browse/document/paq.021.0135b>. Acesso em: 8 dez. 2022.

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1989.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica**. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KUPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas**. Uma história da psicanálise e suas instituições. 3. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

KUPFER, M. C. Entre duas profissões impossíveis. *In*: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

LACAN, J. [1957]. A psicanálise e seu ensino. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. [1958]. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. [1971]. Ato de fundação. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. [1973]. Nota Italiana. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. [1974]. Aula 11 - 9 de abril de 1970. *In*: DENEZ, F.; LACAN, J.; VOLACO, G. C. **Os não-tolos erram/Os nomes do pai**: seminário entre 1974-1974. Porto Alegre: Editora fi, 2018.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 5. ed. Santos: Martins Fontes. 1985.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. *In*: NOVAES, A. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LE GUEN, C. Por onde se recorta o psiquismo. *In*: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 1. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

LOLLO, P. Os ofícios impossíveis e o chamado do real. Trad. Bernardo Maranhão. **Reverso**, Belo Horizonte, v 40. n. 75, p. 15-24, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-73952018000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 dez 2022.

MALISKA, M. E. **Gozo(s)**: do sintoma ao sinthome. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MEZAN, R. O psicanalista como sujeito moral. *In*: MEZAN, R. **Tempo de muda**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEZAN, R. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MEZAN, R. **Sob o signo de Thânatos**. *In*: MEZAN, R. **Freud**: a trama dos conceitos. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MINERBO, M. **Transferência e Contratransferência**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020. (Série Psicanálise contemporânea).

NASIO, J-D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

NERI, C. A noção ampliada de campo em psicanálise. *In*: FERRO, A.; BASILE, R. (org.). **Campo analítico**: um conceito clínico. Porto Alegre: Artmed, 2013.

NETO, A. N. **A instituição psicanalítica como matriz simbólica** – vicissitudes de uma formação auto gerida. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 4, p. 59-68, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000400007. Acesso em: 8 dez. 2022.

NEYRAUT, M. **Le transfert**. Paris: PUF, 1974.

OGDEN, T. H. Reverie and Interpretation. *In*: OGDEN, T H. **Reverie and Interpretation** – Sensing Something Human. Maryland: Jason Aronson Inc. 1997.

OGDEN, T H. **Rediscovering psychoanalysis**: thinking and dreaming, learning and forgetting. New Library of Psychoanalysis. London: Routledge, 2009.

OGDEN, T H. **O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos**. In: FERRO, A.; BASILE, R. (org.). **Campo analítico**: um conceito clínico. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2013.

OGDEN, B. H.; OGDEN, T. H. **O ouvido do analista e o olho crítico**: repensando psicanálise e literatura. São Paulo: Escuta, 2014.

PERESTRELLO, M. **Cartas a um jovem psicanalista**. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

PEREZ, D. O. A identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. **Sofia**, v. 5, n. 1, p. 162-210, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/13965>. Acesso em: 8 dez. 2022.

PHILIPS, F. **Psicanálise do Desconhecido**. São Paulo: Editora 34, 1997.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RACKER, H. **Estudos sobre técnica psicanalítica**. Trad. José Claudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RIBEIRO, M. F. R. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. **Cad. Psicanál**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 169-187, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952019000100011. Acesso em: 8 dez. 2022.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2022.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, L. A. R. **O trabalho do psicanalista**: faz dificuldades da prática aos riscos do narcisismo profissional. 2011. 250f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-31082011-152735/pt-br.php>. Acesso em: 8 dez. 2022.

SOUTO, S. O *Sinthoma* na clínica do delírio generalizado. In: BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. **Todo mundo delira**. Belo horizonte: Scriptim Livros. 2010.

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. 3. ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2022.

WINNICOTT, D. W. **Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZYGOURIS, R. Por uma psicanálise laica. *In*: SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (org.). **Psicanálise entrevista**. v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa *Cartas a psicanalistas persistentes*, que tem por finalidade investigar a opinião dos participantes quanto às motivações que os mantêm atuando como analistas.

A sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar o seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador.

A pesquisa ocorrerá a partir de uma entrevista, sendo que o pesquisador irá lhe fazer perguntas de natureza aberta, ou seja, perguntas que exigem respostas livres sobre o assunto tratado.

As suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento o seu nome será divulgado ao longo do texto dissertado para não atrelar as respostas dadas a sua identidade. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada por meio da utilização de um nome fictício. Na parte introdutória da tese, os nomes dos entrevistados serão citados para fins de agradecimentos. Os dados coletados poderão ser divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos.

A sua participação na pesquisa pode incluir riscos em sentir um leve cansaço e/ou desconforto, ao buscar responder a alguma questão na qual possa se lembrar de algo constrangedor ou angustiante. Caso alguma dessas possibilidades ocorra, você terá, a todo momento, o pleno controle para suspender a pesquisa, ou mesmo deixar de responder a alguma questão, o que não trará nenhum prejuízo para a pesquisa ou para você. Desse modo, espera-se que a entrevista ocorra da maneira mais confortável possível, principalmente para você, participante.

Você não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo.

Este trabalho poderá contribuir para o conhecimento científico sobre o tema, portanto, a sua participação é muito importante para a compreensão das motivações presentes na atuação do analista.

Você receberá uma via deste termo, na qual consta o endereço, e-mail e o telefone da instituição à qual o pesquisador está vinculado. Você poderá tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, à Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, tel. (11) 3670-8466, e-mail cometica@pucsp.br.

Nome do(a) participante:

End:.....

RG:..... Data de Nascimento..... Telefone:.....

Local e data:

Assinatura do(a) participante

Pesquisadora responsável:

Profa. Ma. Carol Godói Hamparlam

CRP/SP 06/85.194

Telefone: (17) 98102-6666

E-mail: carolgh3@yahoo.com.br

Testemunha 1

CPF

Testemunha 2

CPF

APÊNDICE B – Tabela de informações sobre os participantes da pesquisa

Participante	Sexo	Idade	Formação	Tempo de atuação (em anos)
Águia	Feminino	67	Psicologia e Filosofia	38
Alencar	Masculino	48	Psicologia	23
Clarice	Feminino	35	Psicologia	13
Fausto	Masculino	80	Medicina	52
Glaucia	Feminino	54	Psicologia	31
Noah	Masculino	75	Medicina	52
Petúnia	Feminino	83	Psicologia	38
Rebeca	Feminino	56	Psicologia	34
Teresa	Feminino	60	Psicologia	35
Ulisses	Masculino	75	Psicologia	40

APÊNDICE C – Carta de agradecimento ao orientador

Querido Renato Mezan,

Tenho certeza de que você já ouviu diversos tipos de elogios, declarações e comentários a respeito da sua grandiosidade como ser humano, professor, orientador, escritor, filósofo e psicanalista, e muitas dessas palavras ditas ou escritas a você tentam abarcar a impossibilidade de descrever o quanto a sua grandiosidade nos ilumina.

Não seria diferente comigo, sua orientanda votuporanguense, pois tive o privilégio dobrado, por ter sido sua aluna e orientanda no mestrado e no doutorado. Talvez você não saiba, mas a decisão de retornar ao doutorado, tinha unicamente uma escolha de orientador: você. Isso porque minha sede era de te ouvir, participar das suas aulas, escutar seus exemplos e histórias, além, claro, das reflexões sobre algo simples da vida que se tornava extremamente interessante.

Seu modo tão peculiar de dialogar sobre a psicanálise e, conseqüentemente, sobre a vida, transborda generosidade, conhecimento (dos mais diversos possíveis) e inspiração. Às vezes, eu não conseguia (e ainda não consigo) acompanhar todos os raciocínios que você facilmente discorria (ou discorre) sem um papel na mão, pois sua familiaridade com as palavras é a de um poeta em extinção, mas, por outro lado, algo dessas palavras me capturava, tendo um efeito transformador.

Confesso que, vez ou outra, fui acometida pela angústia de imaginar minha trajetória acadêmica sem a sua contribuição, mas logo me acalmava, por lembrar do privilégio que era ter seu suporte, seu apoio e seu incentivo para me aventurar numa escrita rigorosamente genuína.

É curioso pensar como seu modo de transmissão do psicanalisar e do pesquisar sempre foi iluminar aquilo que estava preciosamente escondido em mim, me incentivando a mergulhar e, ao mesmo tempo, não me envergonhar daquilo que eu poderia pensar metapsicologicamente.

Claro que uma pitada de medo me acompanhava a cada envio do material que eu tinha escrito, ou a cada agendamento de uma orientação, só que você transformava esses momentos em produção, em conhecimento, em crescimento e em diversão, já que uma boa dose de risada sempre acompanha o poeta em extinção que habita em você.

Obrigada por ser um iluminista no meu percurso de escrita, mas, especialmente, da construção da minha posição de psicanalisante.

Meu muito obrigada por você ser como é.

APÊNDICE D – Carta de agradecimento aos meus pais

Queridos pais,

Foi um desafio começar esta carta, pois muitas palavras dominaram meus pensamentos, embaralhando o que eu deveria escrever primeiro. Pensei que o ideal seria agradecê-los, fazer uma retrospectiva ou, ainda, elogiá-los. Enfim, diante de tantas possibilidades, resolvi começar dizendo o quanto eu aprendi com vocês sobre o amor, sobre o lecionar, sobre o cuidar e sobre o viver.

Quando escolhi estudar psicologia, lembro das repetidas conversas que tivemos sobre o mercado de trabalho e a possibilidade de trocar de curso caso não me agradasse. Era nítida a preocupação de vocês com o meu futuro profissional, afinal, que profissão é essa? Só que eu persisti, me formei e continuei estudando na área.

Várias vezes, durante a minha graduação, eu desejei que vocês pudessem compreender, de fato, do que se tratava a profissão que eu havia escolhido, mas, depois que a psicanálise passou a ser meu foco de estudo e de orientação da minha prática profissional, eu não cogitava mais a ideia de que pudessem entender tal ofício (que também era um tanto desconhecido para mim). Nesse momento, meu coração agitado se apaziguou com a ideia de que vocês não precisavam entender sobre o ofício do psicanalista, pois o que importava era que continuassem exercendo a função paterna e materna, já que discutir teoricamente um determinado conceito não fazia parte dessas funções.

O dinamismo formado pela dupla pai e mãe compôs uma música recheada de ingredientes necessários para a construção de um ser humano e eu, gradativamente, consegui admirar e abarcar o quanto vocês são gigantes na arte de persistir. Assisti de camarote à persistência de vocês na relação matrimonial, na educação das filhas, no cumprimento das obrigações sociais, financeiras e profissionais, além da persistência no viver.

Vocês são preciosos e compõem com maestria uma música composta pelo lutar, amar, falar, silenciar, olhar, estudar, madrugar, escrever, escutar, viajar, se preocupar, cuidar, brigar, mediar, odiar, perguntar, ensinar, sorrir, limitar e apoiar incessantemente, além do viver.

Vocês tiveram diversos alunos exemplares, já que ambos escolheram a profissão de professor, mas posso garantir que fui uma das que mais aprendeu e aprende com vocês (mesmo não tirando nota alta em várias situações da vida).

Obrigada por terem me ensinado sobre a arte de persistir. Obrigada por me ensinarem a ter coragem e dignidade.

Obrigada por serem meus pais. Amo vocês.

APÊNDICE E – Carta de agradecimento a minha irmã

Querida irmã,

Impossível não começar esta carta sem citar o quanto você é minha referência em juntar as palavras e construir um texto. Dentre tantas lembranças da nossa infância e adolescência, uma que me marcou muito é de quanto você me ajudava com as tarefas e, principalmente, com a elaboração da redação.

Recordo com nitidez da cena, você na cabeceira da cama e eu no canto oposto da mesma cama, enquanto você desenvolvia rapidamente um raciocínio sobre o tema específico da redação, eu olhava sua maestria e admirava sua capacidade de pensar e de escrever, mas, também, sua gentil habilidade de me ensinar e de me ajudar. Um detalhe desse processo todo é que você sempre deixava o título da redação para eu decidir e, assim, me fazia, de certa forma, demarcar meu estilo – não que isso fosse simples e fácil.

E claro que você não me ajudou apenas nas tarefas da escola, pois nas tarefas mais difíceis da vida, você estava lá, do meu lado, fisicamente ou não, mas sempre presente, com seu raciocínio perspicaz, fala cirúrgica e ouvidos atentos.

Nossa mãe sempre repetiu que tínhamos que ser melhores amigas e essa ideia dela, vez ou outra, me parecia um tanto equivocada, pois, para mim, tínhamos que ser irmãs, ou seja, tínhamos que brincar, passear, sorrir, concordar, cuidar, mas também distanciar, brigar, discordar, silenciar.

Mas fui aprendendo com você, da maneira mais humana, que a fraternidade nos convoca a construir uma parceria com todas as ambivalências possíveis e, ainda assim, permanecermos unidas, ou seja, amigas (uh, acho que a mãe tem razão... né?).

Ter a sua companhia, seus ensinamentos, seus diferentes tipos de ajuda, foi fundamental para que eu pudesse caminhar, tropeçar e levantar nessa vida. Por isso, sou imensamente grata e sortuda por ter você como minha irmã.

Espero poder um dia retribuir um pouco do muito que você fez e faz por mim.

Amo te ter como irmã. Amo a pessoa que você é.

APÊNDICE F – Carta de agradecimento a D. C. S.

Querido D.,

Esta não é a primeira carta que escrevo para você, mas, dentre tantas palavras registradas nas outras cartas, nos e-mails, nos bilhetes, nas mensagens que atravessaram a nossa relação, as que compõem esta carta têm significado especial.

Durante muito tempo caminhamos juntos pelas estradas da juventude, do amadurecimento, das aventuras e dos desafios da vida apoiando um ao outro, torcendo pelos sonhos e comemorando as conquistas. Fomos construindo uma parceria na qual as palavras sempre foram nosso refúgio, tendo você, no início, uma familiaridade maior com a junção delas na escrita e na melodia.

Diante de tantos momentos bons, acumulamos boas lembranças e muitas histórias, mas também vivenciamos desencontros, em especial na vida matrimonial, que reverberaram em mim muitas reflexões, aprendizados e uma nova forma de enfrentar a dor e o sofrimento e, com isso, ressignificar minha posição subjetiva.

E as mesmas palavras que compunham nossa comunicação inicial também nos acompanharam nos desencontros da vida matrimonial, mas de forma invertida e com diferentes pontuações gramaticais, mas sem desabonar a importância do aprendizado e do crescimento proporcionado.

O significado especial destas palavras é porque elas representam a capacidade de amadurecimento diante dos desencontros da vida e a possibilidade de encontrar outra forma de se comunicar e de se relacionar, e foi com você que aprendi isso.

Você me ensinou sobre a riqueza de contemplar a diversidade de melodias, da decantação do vinho e dos processos da vida, da magia de costurar palavras e da arte de dialogar com os afetos mais profundos da fragilidade humana.

Obrigada pelas boas lembranças e pela paciência em me acompanhar em muitas escolhas profissionais.

Obrigada por me mostrar a importância das palavras, do olhar, do olfato, do tato e do paladar, afinal, foi com você que aprendi que os Sabores, Saberes e Sonhos da vida precisam ser experimentados.

Obrigada pela caminhada que fizemos juntos até um certo momento da vida.

APÊNDICE G – Carta de agradecimento aos membros da banca avaliadora

Queridos avaliadores e queridas avaliadoras,

É uma honra ter meu trabalho avaliado por vocês, pessoas, profissionais e psicanalistas que eu tanto admiro e, ao mesmo tempo, temi por muitas semanas.

Antes mesmo do trabalho estar finalizado, eu e o Renato Mezan conversamos em algumas orientações sobre a composição da banca e, desde então, a materialização de vocês no meu imaginário evocou um misto de medo, insegurança, privilégio e honra.

E um turbilhão de perguntas me assombrou por dias: como será que cada um irá ler a tese, na sequência ou não das cartas? Será que vão gostar? O que irão me perguntar? Quais tipos de reflexões ou lembranças terão? Será que vão me apontar a ausência de um determinado autor? Ou vão criticar a utilização de algum teórico?

Foi impossível me desconectar imaginariamente de vocês, mas foi sendo possível, aos poucos construir um diálogo com cada um. Então, saibam que há um certo tempo estamos conversando sobre a nossa relação, afinal, o olhar, a leitura, as palavras, as interrogações, as ponderações, mas, em especial, o privilégio de poder ouvir os comentários de vocês sobre algo que escrevi é extremamente gratificante.

Aproveito o momento para me dirigir especialmente a Teresa Endo e a Glaucineia Gomes, que estiveram na banca de qualificação. As contribuições de ambas suscitaram inúmeros ajustes no trabalho e, principalmente, me impulsionaram a ir além, a me qualificar no mergulho, a me aventurar no limbo obscuro das questões pessoais e profissionais. Obrigada, Teresa e Glauci, por tanta assertividade na avaliação daquele tom.

E, agora, penso que todos vocês terão outros compromissos, participarão de outras bancas, irão ler muitos artigos, trabalhos, dissertações e teses e assim, continuarão sendo inundados por tantos nomes e sobrenomes de psicanalistas que leram ou irão ler, mas, para mim, vocês permanecerão num lugar mais que especial do meu percurso, pois me fizeram entender que o medo da avaliação é um elemento imprescindível na arte de persistir e de lapidar o pensamento e a escrita.

Obrigada a todos, pela disponibilidade da leitura, das conversas, da troca e das contribuições.

Muito obrigada.

APÊNDICE H – Carta de agradecimento aos participantes da pesquisa

Queridos participantes,

É, no mínimo, curioso pensar que nos falamos uma única vez ao longo do trabalho, mas construímos uma parceria tão sólida e agradável que vocês permaneceram comigo durante todo o processo de escrita da tese.

Primeiro, confesso que fiquei extremamente surpresa pela rapidez com que responderam ao e-mail que enviei explicando sobre a pesquisa de doutorado, mas a emoção foi maior ainda quando aceitaram participar da entrevista e agendaram, de prontidão, dia e horário para a nossa conversa.

Imaginei, na época, que muitos teriam aceitado colaborar com a pesquisa por eu ser orientanda do Renato Mezan e, se ele representou ser um denominador comum na nossa parceria, então, estávamos bem acompanhados nesse diálogo inicial. Com o tempo, fui percebendo que, a cada entrevista realizada, outros denominadores em comum influenciaram a parceria que se estabelecia entre nós.

Foi mágico poder ouvir cada um sobre o tema (pois muitos de vocês eu já tinha ouvido em outros espaços) e estabelecer uma conversa entre mim e vocês, entre nós e a psicanálise.

Vocês foram, de fato, meus primeiros interlocutores das perguntas, das angústias e das reflexões sobre o tema e ainda me sinalizaram a importância em destrinchar questões raramente compartilhadas, mas muitas vezes sentidas pelos psicanalistas.

Águia, Alencar, Clarice, Fausto, Glaucia, Noah, Petúnia, Rebeca, Teresa e Ulisses, cada palavra dita por vocês, cada pergunta feita por vocês e cada diálogo construído com cada um me possibilitaram avançar na escrita em pontos cruciais do tema abordado.

Agradeço imensamente a parceria ao longo de todo o trabalho, pois, apesar de parecer estar sozinha, eu estava sempre bem acompanhada nessa aventura.

Meu muito obrigada a cada um de vocês, que abriram a “porta” da casa ou do consultório e me receberam calorosamente para compartilhar as estranhezas desse ofício meio-doido.

APÊNDICE I – Carta de agradecimento à analista M. J. S. F.

A minha analista J.,

Apesar de ser natural do interior de São Paulo, da cidade de Votuporanga, eu cursei minha graduação na capital e permaneci por mais alguns anos em São Paulo trabalhando na área. Depois que me formei em psicologia, comecei a me dedicar aos estudos psicanalíticos e, simultaneamente a isso, iniciei um acompanhamento psicanalítico com você por indicação da Glaucineia Gomes.

Na época, não tinha clareza alguma do quanto eu resistia às entranhas que aquele divã me convidava a falar, mas, ainda assim, algumas pontuações suas ecoaram em mim, enquanto outras tinham efeito refratário. Lembro de alguns assuntos que abordei naquela época e nunca esqueci o quanto foi marcante te ver fora da sala do consultório, pois assustadoramente vi que você tinha vida.

Depois de um tempo, ingressei no mestrado, simultaneamente, voltei para Votuporanga, e as sessões foram se espaçando devido à logística do deslocamento, até que o processo com você foi interrompido e iniciei outro numa cidade vizinha da que eu residia.

Apesar dessa interrupção, comprei um livro de sua autoria e mantive-o sempre intacto. Não consegui ler, apenas consegui folheá-lo. Parecia que eu precisava te manter aí, as minhas vistas, numa importante relação sem as palavras faladas.

Depois da banca de qualificação, pedi novamente uma indicação para Glaucineia e ela falou seu nome mais uma vez. Até hoje, não sei se ela se recordava de que havia te indicado anteriormente. Senti um pouco de medo. Fiquei receosa em te enviar mensagem e você não ter disponibilidade de horário e acho que outros medos também... Te escrevi.

Passados pelo menos oito anos da primeira vez em que me sentei na poltrona do seu consultório, estava eu lá, novamente na sua frente, em uma videochamada. E, dessa vez, disposta a me analisar.

Independentemente do tempo de duração da sessão, da frequência das sessões, sua presença analítica foi e tem sido, inevitavelmente, precisa na minha trajetória.

Obrigada por ter me aceitado novamente, mesmo sabendo das minhas limitações.

Obrigada por me escutar, por me convocar a trabalhar e por me ajudar a falar analiticamente.

Obrigada pelas palavras ditas e não-ditas.

APÊNDICE J – Carta de agradecimento aos alunos e às alunas

Queridos alunos e queridas alunas,

São tantos anos lecionando na graduação de psicologia e alguns outros em pós-graduação que não sei mensurar a quantidade exata de alunos e alunas que me ensinaram sobre relações humanas para além do consultório.

Hoje tenho certa noção dos limites e dos alcances de ser professora, mas confesso que, nos primeiros anos dessa profissão, eu achava que seria possível controlar o que seria ensinado e, conseqüentemente, o que seria aprendido por vocês. Mas isso foi se mostrando impossível e vocês, sabiamente, foram me ajudando a entender essa impossibilidade.

Independentemente do gênero, da escolha de área de atuação ou da abordagem psicológica, do tipo de vínculo estabelecido, cada um de vocês teve e ainda tem uma contribuição importante na minha forma de lecionar, pois cada aluno ou aluna, com seu jeito, com as perguntas, com as expressões faciais, com o silêncio, me impulsionou a estudar mais, a falar a mesma coisa de formas diferentes e, assim, gradativamente, me incentivaram a me aventurar na arte de transmitir algo.

Assim, fui aprendendo que eu poderia ser uma professora que não ensina, mas que aprende com os alunos e com as alunas, e transmite algo que vai além da definição de um conceito ou da ideia de um autor, pois a essência dessa profissão não está somente nos livros, mas, principalmente, nas experiências vividas e que podem ser transmitidas. Agora consigo entender que essa arte de transmitir já tinha sido exercida por muitos dos meus queridos professores.

Obrigada a todos que elogiaram ou criticaram, que anotaram ou dormiram nas aulas, que perguntaram ou silenciaram, que fofocaram ou abominaram fofocas, que riram ou não nas aulas e nos corredores e que tiveram paciência no meu processo de me tornar alguém que poderia transmitir algo.

Obrigada por tantos ensinamentos.

Um beijo no coração de todos e no livro de preferência de cada um de vocês.

APÊNDICE K – Carta de agradecimento àqueles que confiaram na minha escuta

Queridos,

Muitos de vocês desconhecirão a existência dessa carta, porque não sabem como ter acesso a um material acadêmico, porque não estão frequentando mais meu consultório ou por tantos outros motivos, mas isso não se tornou um impeditivo para que eu continuasse a escrita da carta, já que, de alguma forma, faz sentido para mim escrevê-la a vocês.

Foi um prazer e um privilégio ter ouvido tantas histórias, tantos sofrimentos, tantas conquistas, tantas dúvidas, tantas angústias e dizer que cada detalhe de cada situação relatada, ou não, me ajudou paulatinamente a entender e a exercer, em certa medida, o psicanalisar.

Há inúmeros motivos para que cada um agendasse um horário. Uma parte não voltou após a primeira entrevista, enquanto alguns permaneceram por anos, há ainda aqueles que depois de um tempo de acompanhamento interromperam, mas também retornaram, cada um a seu modo. Sem falar nos palpites sobre os móveis da sala ou dos elogios as minhas vestimentas, além dos comentários sobre mudanças no corte do meu cabelo ou sobre meus novos óculos.

Quantos acontecimentos!

E esse é o detalhe que me encantou e encanta na clínica até hoje: os acontecimentos! Foi exatamente dessa relação estabelecida entre mim e vocês, um suposto-eu e um suposto-vocês, que muitas coisas aconteceram. E quando há acontecimentos há vida!

Obrigada a todos por proporcionarem e/ou por terem participado de muitos acontecimentos.

Obrigada àqueles que confiaram na minha escuta e possibilitaram que eu a refinasse com o tempo e com os estudos.

Obrigada por terem persistido nos momentos em que eu não estava tão presente.

Obrigada por me mostrarem tantas coisas da vida.

Meu muito obrigada pela parceria.

APÊNDICE L – Carta de agradecimento a C. S. S. N.

Querido Carlos,

Durante um certo tempo fiquei na dúvida se escreveria essa carta para você, ou se na carta aos alunos e alunas eu faria uma menção direcionada a sua pessoa, pois foi meu aluno na graduação de psicologia e na pós-graduação em psicanálise.

Ao pensar sobre esse dilema, percebi que eu não teria palavras para dirigir ao aluno Carlos, mas, sim, àquele que se tornou um amigo e, principalmente, um interlocutor das angústias e reflexões psicanalíticas interioranas (no duplo sentido da palavra).

É curioso pensar como você foi, aos poucos, ocupando uma função que – permita-me comparar, como a que Fliess ocupou para Freud e tantos outros exemplos –, afinal, não há como psicanalisar e, principalmente, pensar na teoria psicanalítica sem se direcionar a um outro.

Por um lado, entendo que os psicanalistas entrevistados na pesquisa também fizeram essa função, mas, por outro lado, com você a interlocução sempre foi direta e pessoal. Além dos textos, artigos ou conceitos que você indicou como possibilidade de dialogar com o que eu estava pensando ou escrevendo, as riquíssimas conversas que estabelecemos ao longo dos anos suscitaram ideias de títulos, de temas e, de forma muito especial, essas cartas de agradecimentos. Ou seja, após os cafés, vinhos ou simplesmente uma conversa na sala do consultório, havia uma explosão de *insights* com significados especiais.

Gostaria ainda de frisar que ter construído essa interlocução com um amigo psicanalista interiorano fez com que a trajetória do lecionar, do doutorado e do psicanalisar não fosse solitária e penosa.

Obrigada, Carlos, por tamanha disponibilidade em dialogar sobre o humano, sobre a psicanálise e sobre a vida.

Obrigada pelo compartilhar das angústias e das conquistas.

Obrigada por ser esse interlocutor dedicado, generoso e presente.

Agradeço imensamente a parceria e por ter sido um combustível na minha persistência na escrita e na defesa de ideias que pareciam descabidas.

Simplesmente, obrigada.